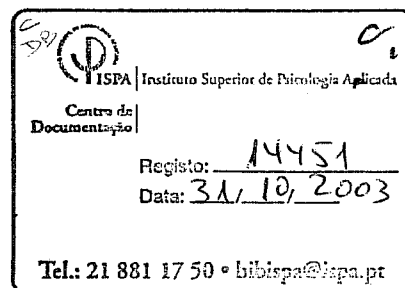


DM
ROSA, A

INSTITUTO PORTUGUÊS DE PSICOLOGIA APLICADA

SABEDORIA E ENVELHECIMENTO

Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica



Ilda Maria Alçada Rosa

Orientador: Prof. Doutor Eduardo Sá

Lisboa, Outubro de 2 000

Agradecimentos:

À Direcção da Universidade do Autodidacta e da Terceira Idade do Porto e à Direcção do Ateneu Comercial do Porto que permitiram e disponibilizaram as suas instalações para este trabalho.

Aos alunos da UATIP e sócios do Ateneu que comigo colaboraram.

Ao Professor Doutor Eduardo Sá que com mestria me apoiou e ensinou.

INDÍCE

INTRODUÇÃO	4
<u>1. O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO</u>	6
1.1. O Envelhecimento Em Portugal	6
1.2. Dados Demográficos Gerontológicos	13
1.3. Portugal e a Europa	18
<u>2. Considerações Histórico Sociológicas</u>	21
2.1. Ideias Cristã Sobre O Estatuto Do Anciã	21
2.2. Desigualdade Sócio-Económica Dos Idosos	24
2.3 Privação Cumulativa e a Génese da Personalidade-Pobreza	26
2.4. Aspectos Ideológicos da Estrutura Social e do Envelhecimento	29
<u>3. Envelhecimento Noutras Sociedades</u>	30
3.1 Antropologia do envelhecimento	31
3..2.1. Estatuto Social Dos Idosos	34
<u>4.O processo De Envelhecer</u>	41
4.1. As Abordagens Tradicionais	42
4.2. Estádios Da Vida	48
43. Diferença de Gerações	52
<u>5. A Psicologia Dentro Da Gerontologia</u>	53
5.1. Sinopse Histórica	54
<u>6. O Envelhecimento Perspectiva Psicológica</u>	75
6.1 Psicologia Do Velho, Da Velhice E Do Envelhecimento	75
II Parte	92
<u>1. Apresentação Do Estudo Do Caso</u>	94

2 Caracterização Da Amostra	98
3. As Técnicas Projectivas.	101
3.1. Sat — Historial E Fundamentação Teórica	102
3.2. Esquema De Avaliação Das Respostas Ao Sat	114
4. Estudo Do Caso	124

Conclusão	167
------------------	------------

A aspiração a uma longa vida não é própria de uma época ou de uma cultura: é uma aspiração humana. A velhice representa a imagem viva da brevidade da existência. É inevitável que inquiete e force a reflexão. (Laforest 1989)

Em geral, considera-se que no passado os idosos eram rodeados de respeito e que se lhes atribuía um certo prestígio. Não faltam, contudo, exemplos de velhos depreciados, ridicularizados, tratados com dureza pelos próprios filhos. O teatro de Plauto, por exemplo, na antiga Roma, apresenta-nos uns velhotes mais ou menos ingénuos de quem os jovens troçam com complacência, isto quando não se apresentam como francamente ridículos... sobretudo quando se enamoram. Esta tradição sobreviveu até Molière.

Costuma-se indicar em primeiro lugar os progressos rápidos das ciências médicas para justificar o aumento da média de vida. Contudo, as conquistas da medicina não podem por si só explicar o aumento médio de anos de vida. Há que valorizar também a influência dos factores sociológicos. O aumento da média de vida é o resultado de uma interacção necessária entre os progressos sociais e os avanços das ciências médicas.

Platão, há dois mil e quinhentos anos, dizia: "Quando um carpinteiro está enfermo... apressa-se a manifestar que não tem tempo para estar enfermo e que não encontra nenhuma vantagem em viver para preocupar-se somente com a sua doença e descuidar o trabalho que tem entre mãos: afastará o médico e voltará à sua vida habitual recuperando a saúde e o trabalho; ou, se sua constituição não for suficientemente forte para resistir, a morte virá a libertá-lo deste entrave".

Os avanços da medicina teriam poucas possibilidades de provocar um significativo aumento da esperança média da vida com condições de existência desfavoráveis.

A desigualdade das condições de vida segundo as classes sociais reflecte-se, ainda, na esperança de vida. Apesar de uma melhoria indubitável, as possibilidades de longevidade são mais altas nas classes sociais superiores.

1. O envelhecimento da população

A principal causa do envelhecimento da população é a descida do índice da natalidade.

A segunda causa encontrara-se na descida da taxa de mortalidade devido principalmente aos avanços na sanidade e progresso social.

$$\text{Índice de natalidade} = \frac{\text{Nascimentos durante um ano}}{\text{Falecimentos durante um ano}} \times 1.000$$

$$\text{Índice de mortalidade} = \frac{\text{Falecimentos durante um ano}}{\text{Nascimentos durante um ano}} \times 1.000$$

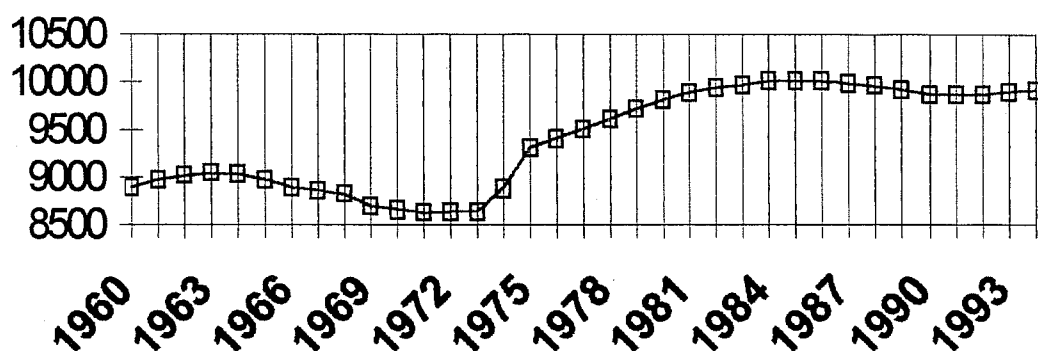
Nos últimos vinte a trinta anos um fenómeno que emergiu nas sociedades desenvolvidas foi o envelhecimento demográfico. Não se trata de uma nova doença (não existe nenhuma doença chamada 'envelhecimento'), mas de uma simples constatação quantitativa: a quantidade de pessoas idosas estar continuamente a aumentar em números absolutos e relativos. J.M. Nazareth (1997)

1.1. O envelhecimento em Portugal

Em Portugal a esperança de vida em 1920 era de 35,8 anos para os homens, chegando hoje em dia aos 73 anos, segundo o Instituto Nacional de Estatística. Se continuar a aumentar e se houver uma redução considerável da natalidade, produzir-se-ão situações tais como a de diminuir população. Os homens representam 48,8% da população e as mulheres 51,2%; mas estas proporções alteram-se na terceira idade,

já que as mulheres vivem mais tempo do que os homens. Na Europa, coincidindo com a revolução industrial, produz-se a partir da segunda metade do século XIX um elevado crescimento demográfico.

No continente Africano, por exemplo, observa-se uma certa estabilidade demográfica devida, entre outros factores, a que a medicina moderna não pôde penetrar com igual eficácia e com todas as suas possibilidades; por isto a mortalidade dos anciãos é muito grande, gozando o estatuto de velho, assim, um grande prestígio social também favorecido pela estrutura rural, em que o saber e o conhecimento se baseiam num estádio experimental e pré-técnico, enquanto que na civilização ocidental é o saber técnico que prevalece como símbolo de autoridade e de valor.



Fonte: Censos, INE

Evolução da população em Portugal

A evolução da população em Portugal nas últimas décadas pode caracterizar-se por um ciclo regressivo até meados dos anos 70 (devido essencialmente à emigração), um forte crescimento na segunda metade da mesma década (devido ao afluxo de

retornados) e, finalmente, uma certa estabilidade actual, com a população próxima dos 10.000.000 habitantes.

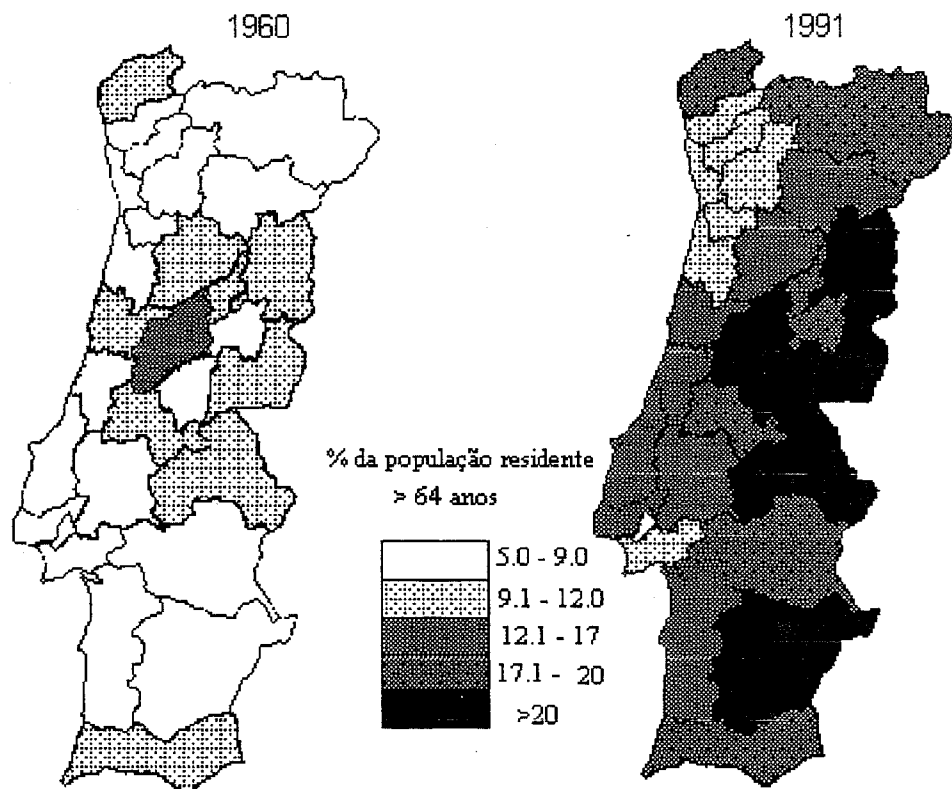
As migrações externas dos portugueses traduziram-se, em termos demográficos, num aumento da população de outros países; com respeito às migrações internas, estas provocaram (por necessidades económicas e de progresso) um crescimento demográfico desequilibrado em determinadas áreas, criando muitos problemas de urbanismo, estruturas e serviços.

... houve um reforço, durante as décadas de 60 e 70, da capacidade atractiva das áreas metropolitanas do Porto e, sobretudo, de Lisboa, acompanhado por uma intensa reorganização interna desses espaços: declínio demográfico das duas cidades e avanço dos processos de suburbanização. A partir dos anos 80, o contributo da componente <migrações internas> para o crescimento demográfico das duas áreas metropolitanas tende, no entanto, a perder peso a favor da componente <saldo natural>. Concentrando os grupos etários mais jovens, os subúrbios vão-se autonomizando demograficamente, diminuindo o impacto relativo do êxodo rural. É ainda a redução dos fluxos de migrações internas com destino às áreas metropolitanas que explica, em parte, a desaceleração e posterior estabilização das taxas de crescimento destas duas zonas do país na década de 80. (Barreto,1995)

Distribuição geográfica dos idosos em Portugal

O envelhecimento da população afectou todas as regiões do país. Em 1960 praticamente apenas a zona centro do país apresentava percentagens de população com 65 ou mais anos de idade superiores a 9%. Em 1991 todo o país atinge esse valor,

havendo inclusive áreas do interior onde essa percentagem ultrapassa os 20%. Apenas na Península de Setúbal e no Litoral Norte do país os valores são inferiores aos 12%.

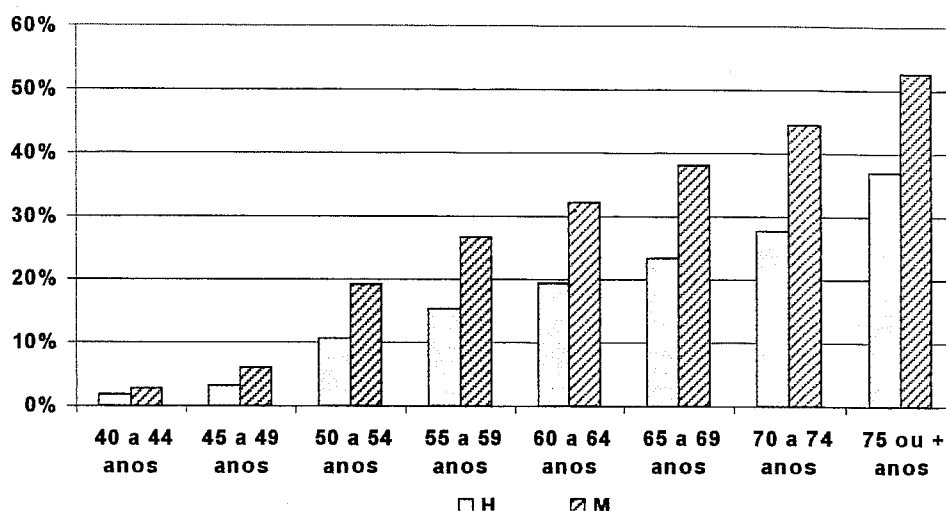


Fonte: Barreto (1995)

Educação, cultura, estratificação social

O nível de conhecimentos escolares dos nossos anciãos é em geral muito baixa.

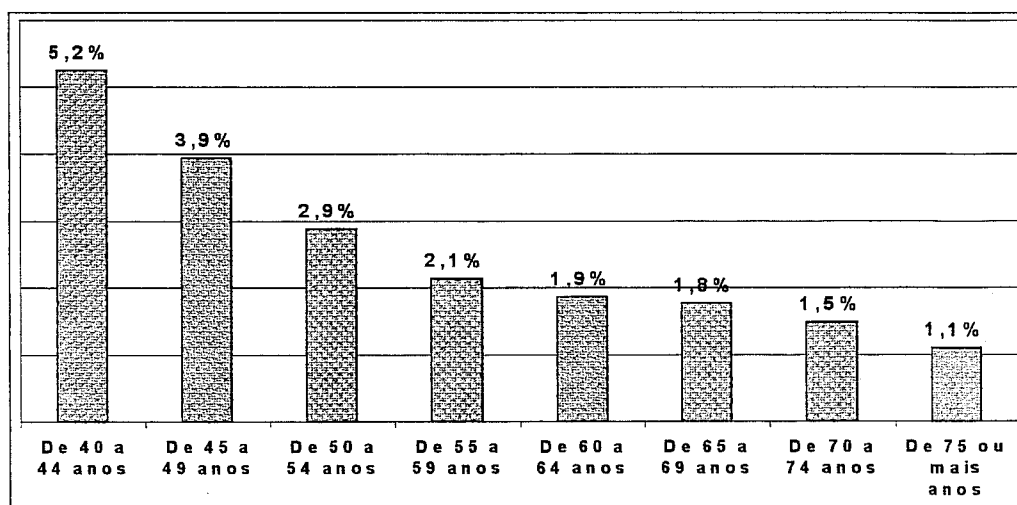
Taxa de Analfabetismo por grupo etário e sexo, Portugal, 1991



Fonte: Censo 1991, INE

Daqui se conclui que a taxa de analfabetismo continua elevada, muito especialmente nos idosos, onde se aproxima dos 50% da população! As mulheres apresentam taxas substancialmente mais elevadas.

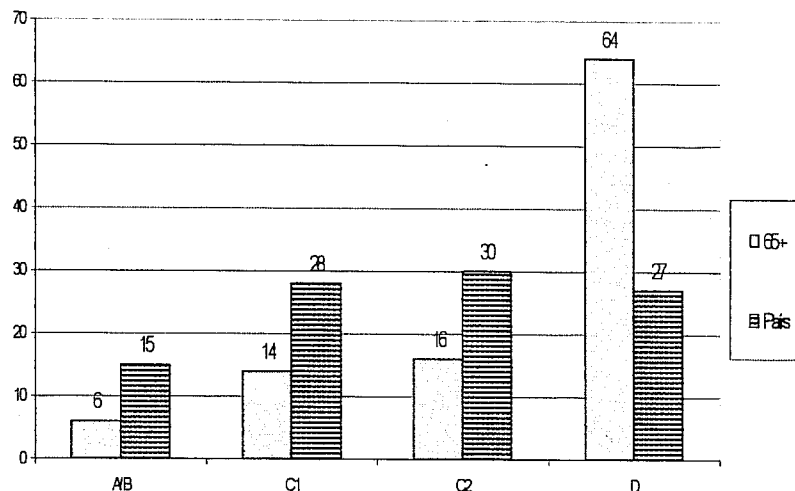
Licenciados por grupo etário em relação à população total (1991)



Fonte: Censo 1991, INE

Também o número de licenciados é menor à medida que a idade aumenta.

Estratificação social (%)

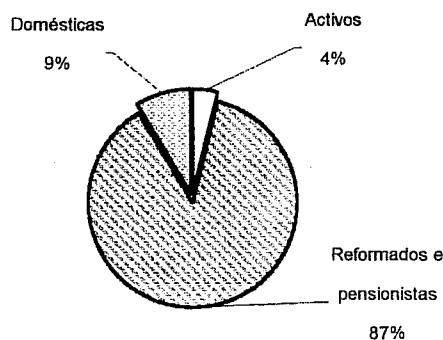


Fonte: Censo 1991, INE

Os idosos em Portugal têm condições de vida muito baixas; enquanto 27% da população do país pertence à classe D (classe baixa), no que toca aos idosos, 64% destes pertencem a esta classe social. No grupo A/B (classes alta e média-alta), a percentagem dos idosos é cerca de 1/3 da nacional. A percentagem de idosos das classes média e média-baixa (C1 e C2) é cerca de metade da nacional.

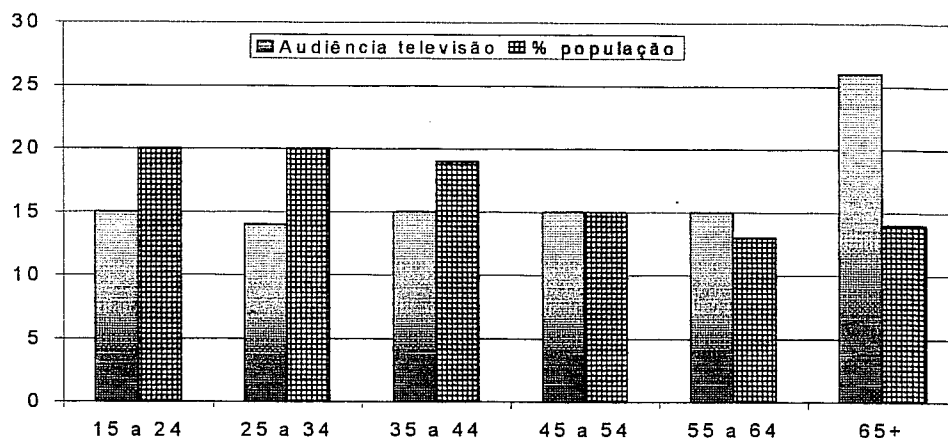
Actividade:

A esmagadora maioria dos idosos em Portugal são inactivos.



Para se perceber um pouco melhor quem são os nossos idosos, seguem-se alguns dados comparativos com o resto da população portuguesa:

Audiência média de televisão



Fonte: Marktest, Consumidor 98

Outros indicadores (%):	65 e +	País	total
Leitores livros último mês	16	26	62
Costumam comprar Jornais/revistas estrangeiras	3	9	33
Não usufruíram férias último ano	41	24	171
Fizeram férias no estrangeiro (último ano)	8	10	80
Costumam ouvir relatos futebol rádio	48	42	114
Praticantes de uma religião	80	59	136
Utilizadores da Internet	0,4	10	4
Cinema - Frequentaram últimos dois meses	6	29	21

Fonte: Marktest, Consumidor 98

Daqui concluímos que os idosos ultrapassam a média do resto do país no número de horas que passam a ver televisão, na prática religiosa e ouvindo relatos de futebol.

Também se conclui que os idosos não têm praticamente férias, não lêem livros nem revistas (apesar de os resultados não serem inferiores à média nacional se considerarmos a percentagem de analfabetos), nem frequentam o cinema.

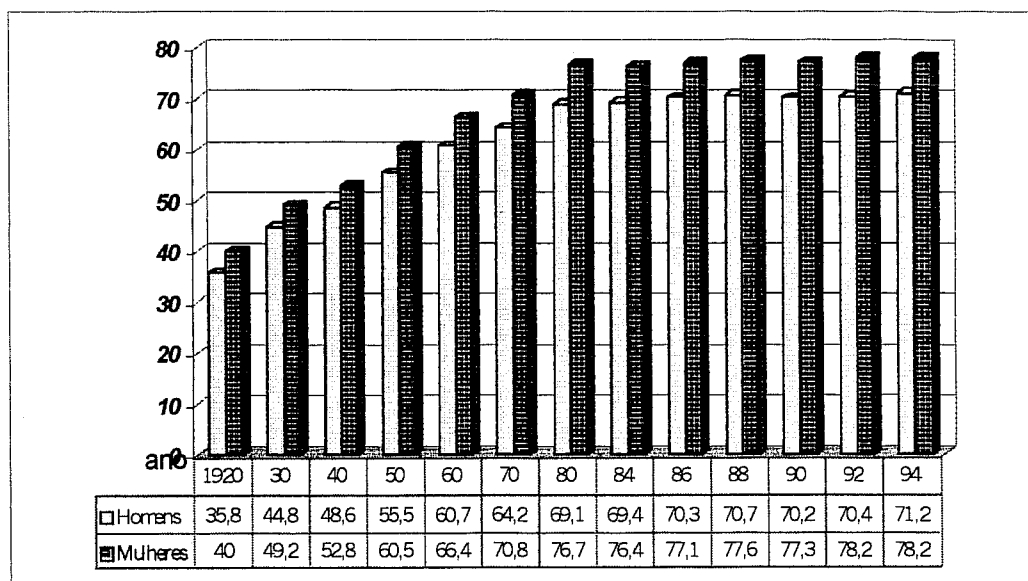
O facto de a juventude como etapa social ser uma aquisição relativamente recente evidencia que a maioria dos nossos velhos não a viveu como tal, passando bruscamente da infância para actividades laborais próprias dos adultos. Com isto bloqueou-se uma etapa fundamental para a aquisição de hábitos de aprendizagem e desenvolvimento da personalidade.

A esperança de vida aumentou consideravelmente nos países ocidentais.

Em Portugal também a esperança de vida à nascença tem vindo a aumentar.

1.2. DADOS DEMOGRÁFICOS GERONTOLÓGICOS

Esperança de vida à nascença



Fonte: - Censos, INE

No nosso país situava-se, no princípio do século XX, em 34,7 anos, chegando hoje em dia aos 73 anos, segundo o Instituto Nacional de Estatística, continuando a aumentar ao mesmo tempo que se reduz consideravelmente a natalidade, o que conduz a um envelhecimento da população.

Se se mantiverem as actuais tendências na relação homens/mulheres, ela continuará desequilibrada nos países desenvolvidos em favor de um maior número de mulheres.

A proporção de anciãos nas cidades, mantendo-se as condições actuais, aumentará. Na situação contemporânea, dois terços das pessoas de idade vivem em núcleos urbanos nos países da U. E.

No nosso país, devido a recentes redefinições do que são considerados núcleos urbanos não é possível apresentar estatísticas precisas do número de idosos residentes em zonas rurais e urbanas - até há pouco tempo eram consideradas para efeitos estatísticos zonas rurais hoje pertencentes, por exemplo, às áreas do grande Porto e Lisboa.

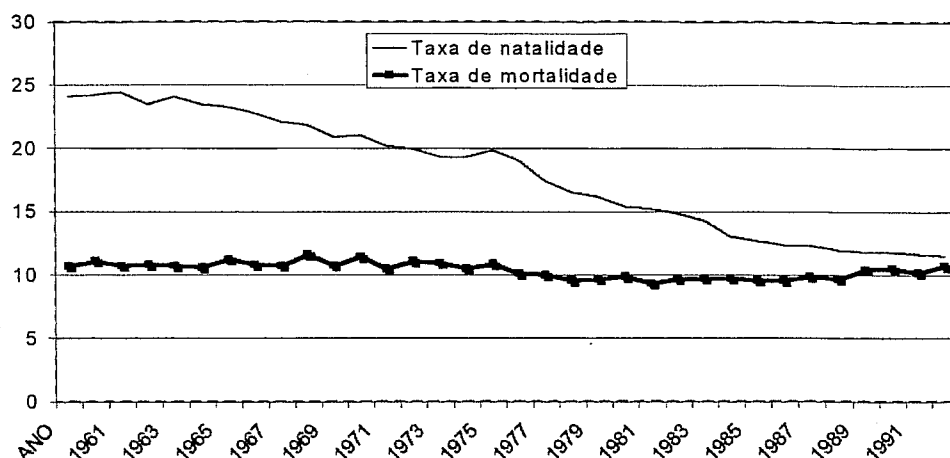
A este respeito, António Barreto inicia o seu grande trabalho *Portugal social* com uma descrição do estado das estatísticas nacionais, em que diz:

"...problema aparentemente técnico, mas cujas consequências o não são, é o da instabilidade das estatísticas.

À instabilidade estatística acrescenta-se uma outra dificuldade: a discrepância existente entre fontes oficiais. Seja entre departamentos diferentes a propósito das mesmas realidades, seja entre várias publicações do mesmo departamento e sobre o mesmo tema".

É de destacar a importância do Saldo Migratório que "injecta", principalmente nas fases de expansão económica, grande número de imigrantes nas áreas de desenvolvimento industrial ou de presumível maior nível de vida (real ou potencial).

Evolução das Taxas de Natalidade e Mortalidade



Fonte: Barreto, A - 1995

Típico de um país em final de revolução demográfica, a taxa de natalidade está agora muito próxima da taxa de mortalidade, o que arrasta um crescimento natural praticamente nulo, com o conseqüente aumento da esperança média de vida e o envelhecimento global da população.

O envelhecimento demográfico acentuou-se sobretudo nas mulheres.

O processo de envelhecimento demográfico que o país tem conhecido é visível quer na base da pirâmide, pelo estreitamento que traduz a redução dos efectivos populacionais jovens em consequência dos baixos níveis de natalidade, quer no topo, pelo alargamento que corresponde ao acréscimo de efectivos populacionais, resultante do aumento da esperança de vida.

As modificações ocorridas na estrutura etária das mulheres e dos homens na década de noventa estão bem expressas na pirâmide de idades. Pela análise das pirâmides etárias (sobrepostas) de 1990 e 1998 pode observar-se o contínuo processo de envelhecimento demográfico que o país tem conhecido. O fenómeno é bem visível quer na base da pirâmide, sobretudo até cerca dos 20 anos, realçado pelo

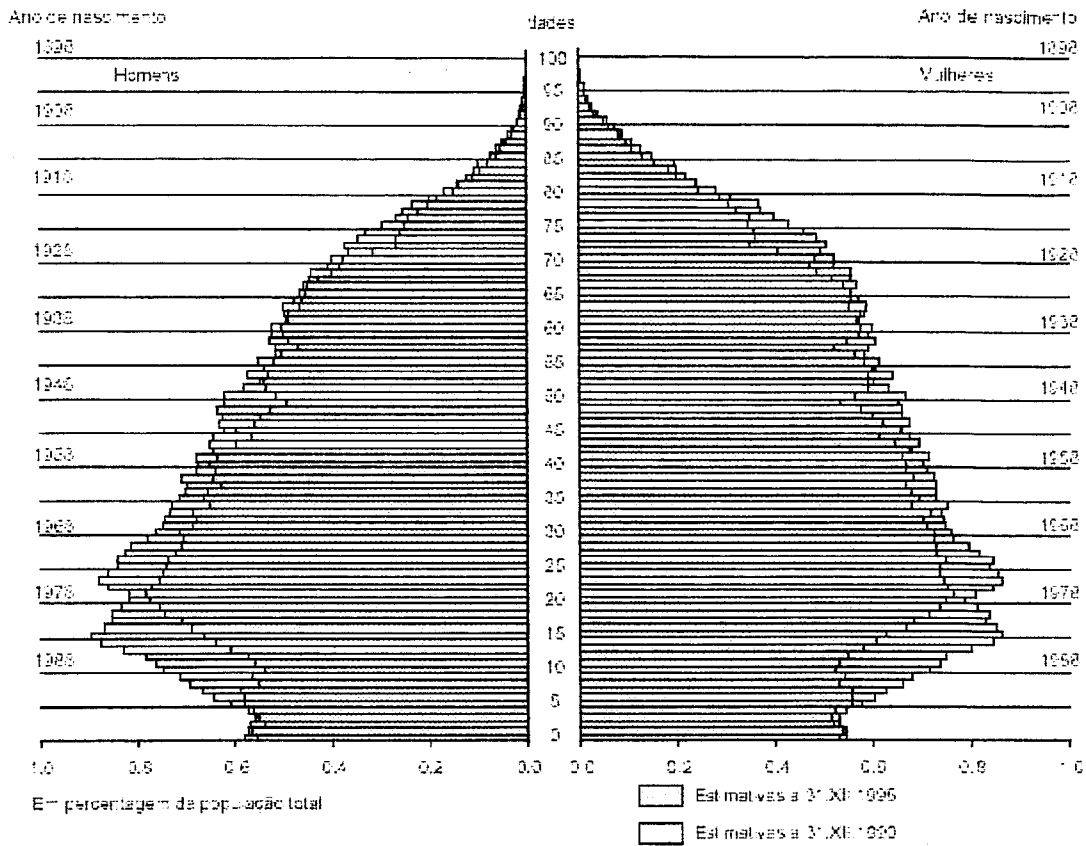
estritamente que traduz a redução dos efectivos populacionais jovens em consequência dos baixos níveis de natalidade, quer no topo, pelo alargamento que corresponde ao acréscimo de efectivos populacionais idosos, resultante do aumento da esperança de vida.

O número de mulheres e homens em Portugal tem registado um processo de crescimento contínuo. A variação percentual no período 1990-1998 foi de 1,13% nas mulheres e 0,90% nos homens.

Desde 1995 que o número de idosas (com idade igual ou superior a 65 anos) na população feminina total ultrapassa o número de jovens (com idade inferior a 15 anos). O índice de envelhecimento das mulheres elevou-se a 110 em 1998 (por cada 100 jovens existiam 110 idosas), contra 82 no início da década. Esta evolução não é tão marcada no caso dos homens.

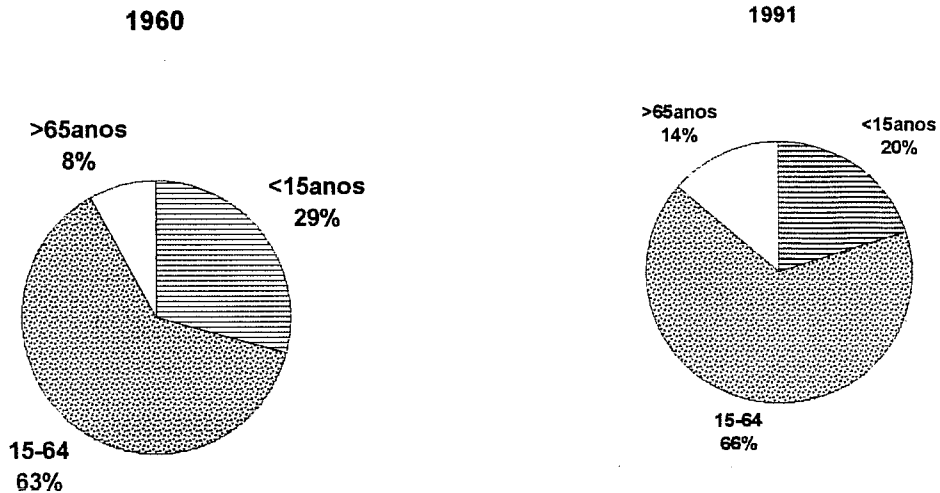
As mulheres vivem em média mais sete anos do que os homens. A esperança de vida à nascença tem vindo a aumentar para ambos os sexos, tendo-se mantido o diferencial em anos de vida (78,8 anos para as mulheres e 71,7 para os homens, em 1997/98), facto que traduz a sobremortalidade masculina. Em termos de idade média ao óbito, entre 1990 e 1998 verificou-se um comportamento idêntico para ambos os sexos (no caso das mulheres este valor passou de 74,8 para 75,9 anos e no caso dos homens de 67,2 para 68,3 anos): morre-se cada vez com mais idade.

População Residente em Portugal, 1990-1998



Fonte: INE, GEC

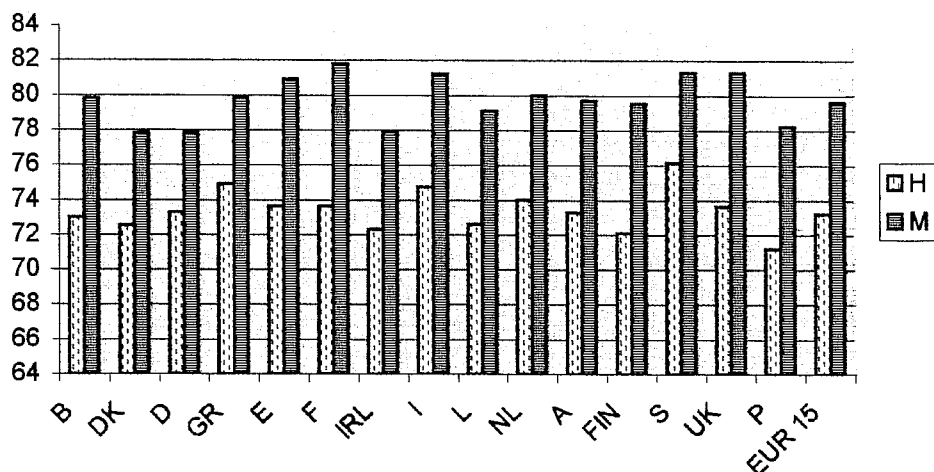
Evolução da estrutura etária, por grupos (1960-1981-1991)



Fonte: - Censos, INE

1.3. Portugal e a Europa

Esperança de vida (anos)



Fonte: EUROSTAR, 1994

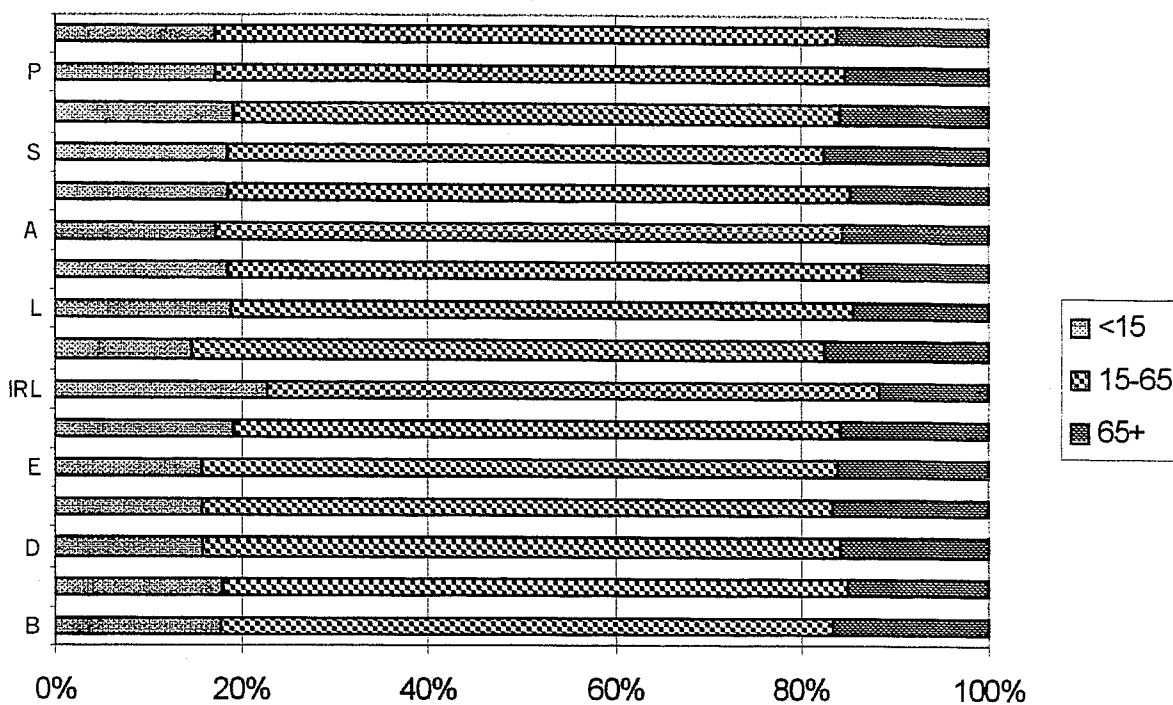
A esperança de vida em Portugal é a mais baixa da U.E. (15ª para os Homens e a 11ª para as mulheres) mas o seu valor tem vindo a aproximar-se da média.

O envelhecimento da população na Europa é generalizado, estando o número de idosos muito próximo do número de jovens. Em Itália o número de idosos é mesmo superior ao de jovens. O país onde os jovens são em maior número é a Irlanda.

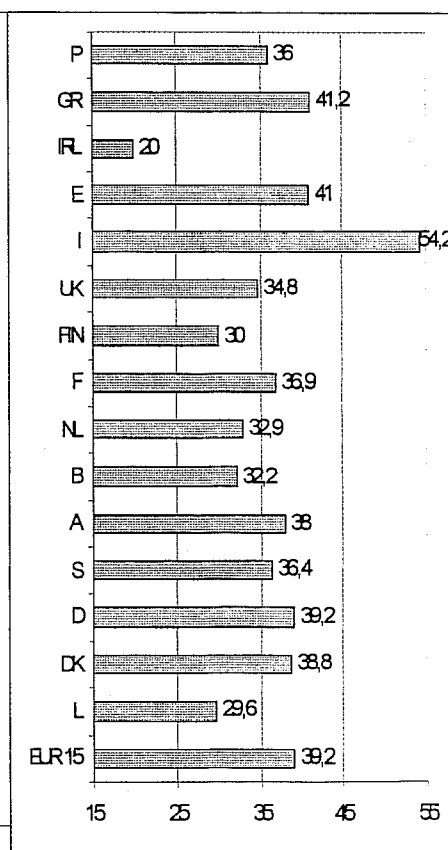
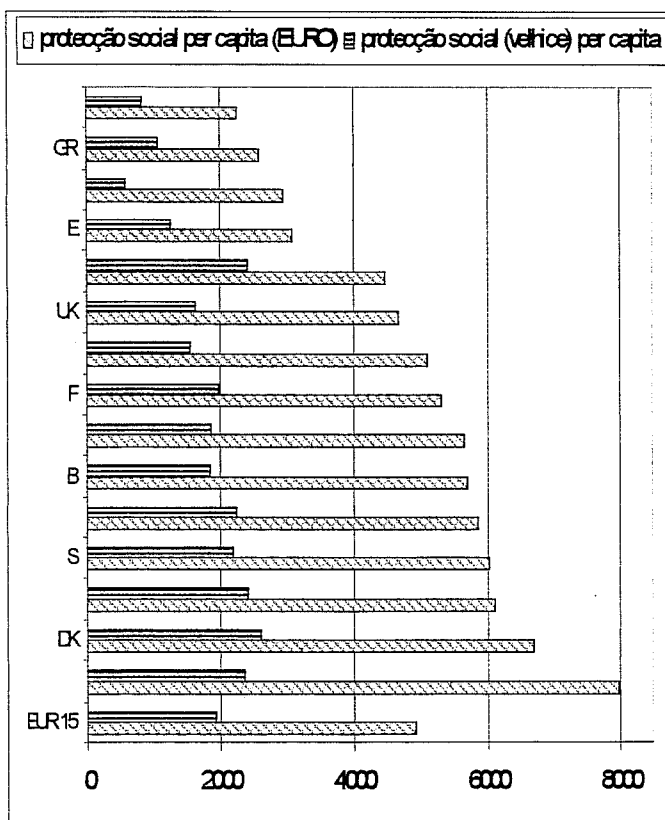
Repartição da população por grupos etários

Esperança de vida à nascença

	B	DK	D	GR	E	F	IRL	I	L	NL	A	FIN	S	UK	P	EUR 15
H	73,3	72,5	73,3	74,9	73,6	73,6	72,3	74,7	72,6	74	73,3	72,1	76,1	74	71,2	73,2
M	79,8	77,8	77,8	79,9	80,9	81,8	77,9	81,2	79,1	80	79,7	79,5	81,3	81	78,2	79,6



Protecção social na U.E. (e % gastos com a velhice)



Analisando o primeiro gráfico, observamos a grande disparidade entre o investimento na protecção social dos cidadãos, aproximadamente proporcional ao rendimento de cada país. O segundo gráfico estabelece uma comparação entre os gastos com a velhice sobre o total da protecção social nos vários países. Globalmente, essa percentagem acompanha a importância dos idosos em cada país. Aquele onde a percentagem dos gastos com os idosos é maior é a Itália (país com a população mais envelhecida), sendo menor na Irlanda (país com a população mais jovem).

2. Considerações Histórico-Sociológicas

O estatuto da idade condicionado pela acção das forças simbólicas e socio-económicas.

2.1. Ideias cristãs sobre o estatuto do ancião

As origens da avaliação da idade avançada na Cultura Ocidental

Leopold Rosemnyr afirma ser necessário remontar às noções religiosas Judaico-Cristãs e ao seu enquadramento histórico-sociológico para encontrar um critério contemporâneo de avaliação do estatuto das pessoas idosas na sociedade ocidental. Analisa os motivos sociais e culturais que originaram a mudança do domínio tradicional dos mais velhos (apoiado pelo sistemas de crenças) para o estatuto actual do idoso.

O sistema familiar era a estrutura principal para o Judaísmo. A sua força residia nas tradições e nas redes de parentesco. A religião veiculava uma mensagem para "mudar o mundo" e conferia um estatuto elevado à velhice.

Em muitos textos bíblicos a longevidade é mesmo considerada como equivalente à realização religiosa:

"O temor de Jeová aumentará teus dias mas os anos dos ímpios serão cortados"
(Provérbios).

"A velhice é uma coroa de honra que encontrará o caminho da justiça"; "Bendita por Deus a velhice exige respeito"; "Diante dos cabelos brancos te levantarás e honrarás o rosto do ancião" (Levítico).

A "preparação para o envelhecimento" do Velho Testamento aproxima-se dos pensamentos mais tarde expressos pelo pensador romano Cícero (séc. I DC) no seu trabalho "De Senectute".

"Ora havia um homem da seita dos fariseus chamado Nicodemo, um dos principais entre os Judeus, que foi ter com Jesus de noite e ouviu dele as famosas palavras :

"Só um homem que nasce de novo pode ver o Reino de Deus.

Nicodemo respondeu a Jesus:

Como é que um homem pode nascer quando é velho?

Pode ele entrar uma segunda vez no útero da sua mãe e voltar a nascer?".

(Evangelho de São João)

Jesus ensinou-lhe que o renascimento significa mudança interna e que o uso do termo era utilizado no sentido religioso e psicológico, não no seu sentido biológico.

A comunidade Cristã readoptou os elementos da tradição Judaica da "veneração" do idoso, mantendo os conceitos de renascimento e rejuvenescimento.

As cartas atribuídas a S. Paulo, por exemplo, apontam para que o homem poderia "criar uma nova natureza" e até "criar um novo homem dentro de si". O "renascimento" impunha a coragem para cada um se reavaliar continuamente; e reafirmavam o dever "filial" da compensação, acentuando a necessidade de uma consideração e assistência especiais para com os membros mais velhos e desprotegidos da comunidade.

Este modelo familiar fornecia um princípio de ordem à comunidade.

A exigência de apoio especial para as pessoas idosas fundamentou-se, paradoxalmente, quer na sua "fraqueza" (física e social) quer na sua "força acumulada" (méritos ao longo da vida, experiência, etc.).

Com a abundante literatura filosófica e pastoral medieval as comunidades Cristãs desenvolveram o sentido da responsabilidade pelo fraco, pelo velho, e pelo pobre. A comunidade Cristã é, ou deveria ser, a primeira a apoiar a pessoa idosa necessitada.

A igreja medieval responde a estas exigências através da construção de "hospitais" e instituições de caridade para os velhos frágeis. Aqueles que tinham alguns meios financeiros e que poderiam "deixar" algo à igreja através da sua última vontade estavam, claro, numa posição mais favorável, para alcançar a felicidade extra-terrena.

O trabalho social desenvolvido com os idosos era visto como uma "troca". Se alguém tinha apoiado a família e a comunidade nas fases anteriores do seu ciclo da vida, na sua velhice a comunidade deveria considerá-lo uma parte integrante da comunidade. Esperava-se que a comunidade mantivesse uma consciência colectiva com os padrões morais de "troca" integrados.

A questão social da "massificação do envelhecimento" contemporâneo

A sociedade - as suas igrejas, escolas, e os media - é confrontada com a questão de como assistir a velhice nesta busca de significado. As instituições sociais estão melhor equipadas para responder às necessidades do "envelhecimento" do que para a satisfação de necessidades de desenvolvimento, para não falar de verdadeira realização.

O problema de "encontrar um lugar" na sociedade pós-moderna que forneça um estatuto socialmente gratificante é talvez uma das principais questões para a Sociologia contemporânea.

A questão do estatuto tem de incluir o "significado" que os idosos, a sua família, amigos, vizinhança e a sociedade imputam às suas actividades. A satisfação só pode resultar do que é mutuamente estimado.

Encontrar estruturas coerentes de objectivos significativos e motivadores e ainda os caminhos a perseguir torna-se muito difícil depois da meia-idade, particularmente nos períodos de pré-aposentadoria e de aposentadoria.

As teorias do envelhecimento terão que contar com o facto de que muitas das necessidades médicas e sociais da velhice resultam de problemas mal resolvidos em fases mais precoces da vida. As "reais" dimensões dos problemas da vida (como o trabalho, a sexualidade, o casamento, a família), que foram ocultadas durante muito tempo, são frequentemente só entendidos depois de terem sido acumulados factores externos de stress e crises mal resolvidas.

A necessidade da mudança, muitas vezes, só se torna evidente quando a capacidade para mudar já não existe. O declínio da competência e do poder é de súbito percebido; e a redução da resistência física e da saúde intervém, em geral, opondo-se à realização de aspirações pessoais.

2.2. As desigualdade sócio-económica dos idosos

As investigações sobre a saúde, relações familiares e modelos de necessidades dos mais velhos nos Estados Unidos e em diferentes países europeus levaram à rejeição das ideias estereotipadas do envelhecimento. Shanas (1979).

Certos grupos sociais superiores estão em vantagem na idade avançada.

Evidências históricas e sociológicas indicam que a expectativa de vida difere em conformidade com a estratificação económica e social. Rosenmayr (1976).

No passado as classes pobres não esperavam alcançar a velhice: assumiam que a sua vida estaria terminada bastante cedo pela doença, acidente, má nutrição, ou falta de tratamentos médicos, como acontece ainda hoje em algumas partes do mundo. Os que atingiam uma idade avançada consideravam isso como pouco natural e não ficavam surpreendidos pelo sofrimento que isto trazia (Stearns 1977).

As pensões eram inicialmente entendidas como segurança para os viúvos e crianças em caso de acidente. As leis de aposentadoria foram promovidas no século XIX por motivos de utilidade económica. Os trabalhadores jovens esperavam mais ganhos do que os mais velhos. A Alemanha, estabeleceu o primeiro sistema geral de aposentadoria em 1889.

Os processos do envelhecimento ainda diferem, tanto individual como socialmente, e evidenciam injustiças para as pessoas de diferentes classes.

É interessante observar que os padrões actuais ainda seguem largamente este modelo histórico (Rosenmayr 1981).

As diferenças entre pensões são muito grandes, todavia os efeitos da múltipla estratificação sócio-económica vão contra as pessoas aposentadas e agravam a desigualdade em vários aspectos da sua sorte social (Attias-Donfut, 1983). Para muitos grupos a aposentadoria representa uma redução substancial no rendimento.

O impacto dos factores e estruturas sócio-económicas no estatuto e sorte dos mais velhos nas sociedades altamente desenvolvidas continua. Não só as

expectativas de vida, frequência ou duração da doença na segunda metade da vida e incapacidade de trabalho, mas também as atitudes perante os tratamentos médicos e a capacidade para cuidar de si próprio dependem fortemente da classe social, nível de instrução e recursos económicos.

O estudo sociológico dos grupos de idade tem a tarefa de descobrir as privações sociais específicas que ocorrem em diferentes fases da vida e as razões para tal.

2. 3 "Privação cumulativa" e a génese da "Personalidade-pobreza"

O conceito de "privação cumulativa" (Rosenmayr, 1976) demonstra como factores adversos interagem com o crescimento da privação. Devido à interdependência do rendimento, educação, habitação, saúde, padrões de consumo, comportamentos de ociosidade, etc, as classes idosas inferiores correm especialmente o risco de se tornarem envolvidas num círculo vicioso de desvantagem.

A privação cumulativa, todavia, não deve ser considerada só através de um ponto de vista "objectivo", mas como um processo de interiorização subjectiva: que induz certas acções ou omissões que estão, em larga medida, sob o controle do indivíduo. A interiorização da privação é socialmente condicionada.

O risco torna-se óbvio quando observado numa perspectiva de percurso de vida. Instrução pobre nos indivíduos jovens conduz a empregos com ganhos baixos e poucas oportunidades para desenvolver atitudes favoráveis para formação adicional e a aprendizagem de capacidades das quais eles deverão tirar proveito nos anos subsequentes. Não só estes empregos proporcionam menos bem-estar comparado com o das pessoas com altas qualificações, como o seu bem-estar é influenciado negativamente pelo baixo nível educacional.

A privação cumulativa continua com a idade avançada e, desta forma, há mais deterioração do estado de bem-estar e uma menor disponibilidade para actividades gratificantes. As habitações mais pobres estão frequentemente mal equipadas. As pessoas mais velhas com privações têm uma necessidade especial de adequar as suas casas às dificuldades físicas e restrições em mobilidade muito comuns entre eles.

Existe um elevado número de mulheres viúvas dentro de um subconjunto de pessoas no ou abaixo do limiar de pobreza. Frequentemente são incapazes de tirar umas férias devido à sua grande carência de recursos e falta de iniciativa para largar o seu triste ambiente. Uma necessidade maior numa área dada é acompanhada por outros tipos de carência (Rosenmayr e Majce, 1978).

Devido à atitude resignada quanto a um futuro curto os idosos que sofrem deste tipo de privações desprezam a aquisição de bens necessários para a melhoria das condições domésticas sanitárias e funcionais, por não valer a pena efectuar esses investimentos para tão pouco uso que teriam.

A interiorização da privação é geralmente formada pelos processos de socialização ao longo da vida e são baseados no sistema de valores da sociedade. Estes valores podem ser interiorizados de tal maneira que se tornam fortes impedimentos para um comportamento racional.

As deficiências educacionais das pessoas com privações resultam numa falta de informação, planeamento, auto-avaliação e, sempre, num entendimento rudimentar de uma ordem de necessidades. Usualmente vivem em bairros deteriorados sem infra-estruturas locais adequadas, afastados das fontes de abastecimento, frequentemente agravados pela falta de mobilidade física. A privação objectiva contínua resulta no desenvolvimento da "personalidade-pobreza". Desta forma a

pessoa tende a privar-se a si própria de oportunidades devido a competências deficientes.

O conceito de privação cumulativa interiorizado não pretende limitar o reconhecimento bem fundado de que a pobreza e a privação social são fenómenos da estrutura social. As limitações da satisfação dos recursos necessários resultam das disparidades estruturais da sociedade. As consequências de tal disparidade para os idosos manifestam-se cumulativamente, tal como a sua capacidade decrescente de resistência física e económica.

A socialização predispõe o indivíduo com carências económicas a desenvolver frequentemente um auto-conceito negativo e defensivo. Tal auto-conceito deixa-os à mercê de forças externas. A privação cumulativa interiorizada torna-se um factor empiricamente tangível e mensurável dentro da privação geral (Wieltschning, 1981).

O humano não deve ser visto inteiramente como uma "função" de forças sociais. É fácil ver as pessoas carenciadas como objectos da política social que lhes deve mais "privilégios" e ajudas financeiras. O que eles necessitam mais, contudo, é apoio como indivíduos e, conseqüentemente, a transformação da política do envelhecimento numa política de desenvolvimento humano. O que passa pelo encorajamento de várias formas de auto-ajuda, melhoria de competências e criação de modelos de desenvolvimento e de satisfação.

2.4. Aspectos ideológicos da estrutura social e do envelhecimento

Outra abordagem sobre a desigualdade social das pessoas idosas estuda as deficiências políticas da população idosa. A direcção na qual as mudanças sociais estão a caminhar reflecte a estrutura do sistema do poder político e a ordem

económica geral da sociedade. Desta forma, a gero-sociologia não está isolada da análise do sistema político envolvido (Myles, 1978).

Outra forma de análise da estrutura social e envelhecimento é caracterizada pela crítica de ideologias desenvolvidas pelo Estado para "pacificar" e "individualizar" a componente sócio-económica marginal da população idosa. Certos autores afirmam que as políticas de modernização em grande parte aumentam a disparidade económica entre trabalhadores e aposentados.

Os impactos destrutivos da ciência e investigação têm sido recentemente mais cuidadosamente diagnosticados. A falta de teorias, as adopções de ideias gerais como a dos efeitos corrosivos da industrialização e modernização no estatuto da idade têm sido criticados por criarem explicações e generalizações falsas. Isto pode ser prejudicial tanto para a investigação como para o auto-conceito dos cidadãos mais velhos. As generalizações enganadoras podem influenciar atitudes sociais perante pessoas mais velhas e deprimi-los (Estes, 1979).

A relação entre estrutura social e envelhecimento nos termos da influência dos processos de envelhecimento ou do estatuto das pessoas idosas na sociedade pós-industrial pode r entender-se como sendo "mediada" pela ciência.

3. Envelhecimento noutras sociedades

"Em qualquer sociedade as pessoas devem aprender a maneira própria de envelhecer; a passagem da meia idade para a terceira idade na sociedade americana representa uma enorme mudança cultural, para a maioria das pessoas." (Rosemnayr 1985)

Embora as investigações feitas por antropólogos no campo do envelhecimento tenham sido muito escassas, como afirma Margareth Clark, o estudo do comportamento humano noutras sociedades pode ajudar a compreender as relações entre cultura e personalidade. Estes aspectos são tão importantes no estudo da maturidade e do envelhecimento como no estudo do desenvolvimento da criança.

Os antropólogos só recentemente se dedicaram ao estudo do envelhecimento; e por duas razões, segundo a mesma autora:

Em primeiro, lugar os idosos não lhes eram estranhos; os etnólogos sempre confiaram nas memórias, conhecimentos e perspicácia dos informadores idosos. Muitos dos actuais conhecimentos das sociedades pré-literárias e as suas variedades culturais foram aprendidos através de experiências relatadas pelos idosos.

Em segundo lugar, os antropólogos têm estudado os padrões do ciclo da vida humana nas suas várias fases, transições e rituais de passagem. A infância, adolescência, os primeiros anos do adulto têm sido meticulosamente observados e analisados. No entanto, o estudo dos últimos anos da vida adulta é um vazio etnográfico. São excepções ocasionais na etnografia os registos das sociedades onde o idoso, tal como grupo, desempenha papéis importantes na organização política ou económica;

aparecem, ainda, referências sobre o envelhecimento que resultam de outras investigações, como observações acidentais.

Todas as investigações indicam que a transição do estatuto adulto para o estatuto idoso é um período crítico de socialização em que as normas e objectivos são rigorosamente estruturados pela cultura, tal como na transição da adolescência para a idade adulta.

Esta adaptação à vida dos mais idosos é crucial para a estabilidade emocional dos indivíduos mas exigente em termos de reorganização dos objectivos, valores e comportamento social aceitável.

O crescimento e desenvolvimento da gerontologia social aponta para a necessidade da comparação das culturas e padrões de envelhecimento.

3. 1 .Antropologia do envelhecimento

Leo Simmons (1945) introduziu uma perspectiva de cruzamento cultural nos estudos gerontológicos, levantando as seguintes questões:

"Como é que se faz o ajustamento nas idades mais avançadas aos diferentes ambientes físicos e sociais? Poder-se-ão encontrar uniformidades ou tendências gerais na análise dos cruzamentos culturais? Quais os apoios que são providenciados pelos vários meios sociais e o que podem os idosos fazer como indivíduos para salvaguardar os seus interesses?"

Os antropólogos deveriam analisar a forma como a cultura influencia os padrões culturais do envelhecimento e o seu impacto nos indivíduos. O envelhecimento não é um tema popular. Os antropólogos são produto da sua própria cultura; a atitude ocidental perante o envelhecimento é também manifesta na posição dos etnógrafos em ignorar este ciclo da vida.

Um segundo factor justificativo da ausência dos estudos da cultura e personalidade dos mais velhos seria a grande influência da teoria psicanalítica nos etnólogos. Freud justificava os relacionamentos com outras pessoas incluindo o relacionamento do paciente mental com o seu médico, como modelados pelos relacionamentos precoces com pessoas significativas do nosso ambiente na infância. As formulações psicanalíticas influenciaram profundamente os antropólogos. Trabalhos no campo da psicologia do ego conduziram os seus aderentes a uma concepção mais flexível da personalidade.

Neugarten (1966) observou que "mudanças na personalidade ocorrem com a passagem do tempo: não só quando se passa de criança a adolescente e adulto, mas também na passagem de jovem ou adulto para a meia idade e idade avançada.

A personalidade é um longo processo de interação do indivíduo e da sua cultura e sociedade e não um produto final independente dos campos sócio-culturais em que opera continuamente...".

Os investigadores da cultura e personalidade têm limitado os seus trabalhos a quatro áreas principais:

- 1º A aculturação das crianças e adolescentes e o papel das práticas de criação de filhos na determinação da personalidade do adulto;
- 2º estatuto característico da personalidade, enquanto influenciado pelos papéis do sexo e classes;
- 3º personalidade ou carácter racional, usualmente derivado dos estudos da juventude e adultos de meia idade;
- 4º desvios individuais (doença mental, criminalidade, inversão sexual) e a sua interpretação cultural.

David Gutmann conduziu uma análise do TAT sobre os dados da meia idade de mulheres brancas da classe média e residentes em Kansas no Missouri. Nenhuma estava classificada como tendo diagnóstico de doença psiquiátrica. Esta análise de materiais projectivos indica as seguintes diferenças entre a mais nova e a mais velha:

"... onde as pessoas mais novas tendem (segundo resultados do TAT) a ser livremente assertivas, as mais velhas tendem a ser passivas e acomodadas;... onde a mais nova procura mudar o ambiente, a mais velha demonstra uma necessidade de auto-mudança para se conformar ao que vem do exterior; onde as mais novas parecem olhar para a mudança externa e fazer oposição..., os mais velhos projectam um desejo de tranquilidade..."

Contudo, as orientações que ele encontrou nos sujeitos mais novos são aproximadamente idênticas à configuração que Clark encontrou associada com doença mental nos idosos.

É provável que os modelos de valor apropriados para a meia idade na nossa sociedade sejam considerados inapropriados para os idosos.

A passagem ao estatuto de idoso na sociedade americana representa uma descontinuidade cultural enorme para a maior parte das orientações anteriores da vida.

Será vantajoso para os antropólogos examinar o envelhecimento noutras sociedades onde os idosos vão adoptar no fim da vida o âmago dos valores da sua cultura.

Foster (1965) diz que "a cultura de algumas sociedades camponesas está baseado na *Imagem dos Bens Limitados*": largas áreas do comportamento camponês são modeladas de tal modo que esses camponeses perspectivam os seus universos sociais, económicos e habitacionais - o seu meio total - como o lugar em que todas as coisas

importantes - terra, posses, saúde, honra, amizade e amor, respeito e estatuto, poder e influência, segurança - existem em quantidade finita.

Foster observa que, devido ao sistema económico nestas sociedades camponesas, as virtudes americanas - como competição, aquisição, exploração do meio, mobilidade sócio-económica - são observadas como males sociais, porque tais coisas só são ganhas com a perda de outras.

A personalidade é um processo de interacção entre mundo sócio-cultural e a vida interna do indivíduo, um processo que continua através do ciclo vital.

As investigações sugerem que as pessoas devem aprender não só como a sua cultura define a maneira "apropriada" de crescer, mas também a maneira "apropriada" de envelhecer.

3.2 Estatuto social dos idosos

O estatuto dos idosos nas sociedades industriais contemporâneas é frequentemente confrontado com o elevado prestígio, poder, autoridade e segurança que os idosos em princípio detêm nas sociedades e aldeias pré-industriais, como as da China e Índia, ou as europeias antes de 1750. William H. Harlan

É sabido que outrora a elevada posição dos idosos se viu diminuída pelas mudanças na família e na comunidade em resultado da urbanização e industrialização; muitos dos problemas dos idosos são explicados em função destas mudanças.

Davis e Coombs (1950) explicam este ponto de vista:

"De uma forma geral, o respeito e o poder dos mais velhos é maior nas sociedades agrícolas estáticas e nas familiares. O chefe de família tem autoridade; ele não é só o chefe de família em sentido restrito mas também

de uma estrutura familiar mais alargada; a sua autoridade é apoiada na sua associação íntima e duradoura com outros membros da família... que cria nestes hábitos de respeito e subordinação.... No nosso caso os idosos são um problema, em parte porque... este tipo de sociedade altera o estatuto dos velhos... tende a torná-los mais inúteis e inseguros.

"Em comparação com períodos passados da nossa sociedade e com sociedades rurais tradicionalistas do tempo presente... os velhos já não ocupam um espaço do sistema familiar e têm uma posição de pouco prestígio social.... A família urbana moderna é incompatível com os papéis tradicionais... . Os mais velhos são privados de função social e de uma base racional de vida..." William H.Harlan

As mudanças na organização parental e familiar ocorre paralelamente com a urbanização e a industrialização, e o sistema de família extensiva tende a modificar-se na direcção da família conjugal ou nuclear (Burgess, 1960, 1963). Contudo estas considerações não implicam aceitar o pressuposto de que o estatuto dos idosos foi ou é mais elevado nas sociedades pré-industriais, nem o argumento de que os problemas habituais dos idosos são consequências da industrialização urbana.

Estatuto social dos idosos em três aldeias indianas

William H.Harlan analisa estes últimos pressupostos sobre a velhice nas aldeias do Norte da Índia.

No censo de 1961 a população do Burail era de 3.081 pessoas, que viviam em 566 agregados familiares; 4/5 (760) dos homens trabalhavam exclusivamente na agricultura e 1/5 (198) trabalhavam em ofícios tradicionais tais como a carpintaria,

tecelagem, olaria ou comércio. A maioria das casas são de construção simples, com pouco tijolo, todas agrupadas ao longo de ruas sinuosas e estreitas. A aldeia fica numa colina perto dos campos irrigados. Não tem electricidade, telefone ou saneamento.

Burail permanece uma aldeia essencialmente agrícola e campesina; os indícios da influência urbana são poucos.

Em 1961, a aldeia "patwari" contava com 152 homens acima dos 60 anos. Foi seleccionada para este estudo uma amostra de 50 homens representativos das várias castas e grupos etários acima dos 50 anos. Todos integravam agregados familiares, geralmente de três gerações. Metade eram casados; 22 viúvos; 3 nunca tinham casado. 40 homens continuavam a trabalhar mais ou menos regularmente, enquanto 10 só podiam desempenhar trabalhos leves ou ocasionais devido à doença. As entrevistas foram conduzidas no local, nas casas dos entrevistados, usando um esquema de 62 tópicos.

Estatuto e relações familiares.

As tradições antiquíssimas, previstas na lei contemporânea, definem o modelo da família comum na Índia. A família é um conjunto de unidades nucleares, vivendo como um único agregado; as propriedades são detidas em comum; as relações de parentesco incluem pais, filhos e irmãos, mulheres ou filhas solteiras. A autoridade a nível da propriedade, casamento, trabalho e disciplina reside no homem mais velho. Estas são normas da família hindu ortodoxa, consideradas como o ideal a atingir por todas.

Perante estes padrões, quase todos os velhos do Burail deveriam ocupar posições de chefes das famílias comuns com a correspondente autoridade, prestígio, poder e segurança. Os dados obtidos neste estudo não confirmam esta expectativa. Quando

se perguntou "Quem é o chefe de família lá em casa?", 21 homens designaram outra pessoa, geralmente um filho casado. Assim, a maioria estava subordinada ao controlo de outra pessoa. Parece que a passagem do estatuto de dominante ao de subordinado tinha ocorrido antes dos 65 anos na maior parte dos casos: só 8 dos 26 homens acima dos 66 anos continuavam a ser os chefes da família. As normas tradicionais de família não eram observadas na prática. O ponto de vista dos gerontologistas quanto ao elevado estatuto dos idosos na sociedade pré-industrial não se aplica à maioria destes homens.

Para entender este facto temos de considerar a relação entre o estado civil e a chefia da família. Dos 21 homens chefes de família, 14 eram casados e viviam com as mulheres; mas dos 25 viúvos e solteiros só 3 eram chefes de família. Sabe-se que a mulher do indivíduo mais velho age como intermediária entre o marido e outros membros do agregado, sobretudo noras e netos. Quando ela morre, a mulher do filho mais velho começa a exigir ser reconhecida como a nova intermediária; mas como tem pouca comunicação directa com o sogro, este novo papel passa para o marido que gradualmente assume a autoridade e prestígio do pai viúvo. Consequentemente o patriarca vê reduzido o seu estatuto e torna-se dependente do filho mais velho. No Burail o seu declínio é simbolizado pelo facto de se limitar a tarefas como levar o gado a pastar, apanhar lenha e olhar pelas crianças.

O estatuto de chefe da família comum não se concentra nos velhos, não apenas por factores que têm a ver com a idade mas também devido ao estado civil e ao padrão de relações interpessoais e intergeracionais.

Bem-estar físico e sentimento de segurança

O pressuposto de que a segurança física e mental na velhice é inerente ao sistema de família tradicional foi já referido. No Burail 22 dos 50 velhos afirmaram

estarem frequentemente doentes e, destes, 15 queixaram-se de não serem bem tratados pela família: eram deixados sozinhos e sem comida, em camas nos currais dos animais, quando os outros membros das famílias iam para os campos trabalhar, e que eram vítimas de outras negligências.

Isto leva a duas conclusões relativamente ao estatuto dos velhos do Burail dentro das suas famílias:

1.º o seu estatuto não era igualmente elevado, mas variava com a idade, saúde física, condição material e relações interpessoais;

2.º só uma minoria dos homens tinha continuado a gozar de prestígio, autoridade e segurança para além dos 60 anos.

Liderança formal na aldeia

As aldeias tradicionais panchayats na Índia foram substancialmente modificadas sob o domínio britânico em 1944 passou a efectuar-se a eleição de assembleias e outros grupos representativos. Dos mais velhos que tivessem prestígio na comunidade esperava-se um papel proeminente nesses grupos.

Dois tipos de factores aparecem mais associados com a liderança da aldeia, além da idade: estatuto sócio-económico e grau de instrução. A proporção dos idosos na liderança varia directamente com o rendimento da família.

O segundo factor, a instrução, tem importância nos papéis de liderança formal. Os 15 homens que frequentaram a escola eram considerados instruídos. Destes, 13 eram membros da organização. Mas dos 35 homens que não tiveram instrução apenas 4 eram membros.

Funções de liderança informal

Os homens idosos devem esperar exercer um papel indirecto nos assuntos da

aldeia. Para avaliar a extensão do seu desempenho social, foi elucidativa a respostas à pergunta: " Você é consultado acerca dos problemas da aldeia?" 17 responderam que nunca eram consultados e 18 que eram sempre consultados. A estreita conexão entre este papel e o estatuto sócio-económico é evidente. Os dados não indicam os tipos de problemas em que ocorre essa consulta, mas homens de casta superior foram os primeiros consultados devido aos seus atributos e não à sua idade.

Prestígio, poder, e autoridade derivam de estatuto atribuído na estrutura hierárquica da aldeia.

Comparações com uma aldeia do Sul da Índia

Poucos dos estudos publicados sobre as aldeias indianas dão atenção especial ao segmento da população idosa. A discussão mais extensa foi a de Dube (1955) a respeito da aldeia de Shamirpet, no Sul central da Índia, da qual fala como representativa das povoações da área. Na população, plano físico, e definição geográfica têm semelhanças com o Burail, permitindo comparações.

Dube descreve as discrepâncias entre as normas ideais da vida familiar no Shamirpet e as práticas actuais. Refere 4 princípios básicos que são subscritos por toda a comunidade: respeito pela idade, respeito pelo parentesco, superioridade das mulheres e restrição de certa informação ao grupo familiar. Diz que, nas suas idealizações, as diferentes secções da população mostram similaridades marcantes, mas nas suas atitudes e reacções para situações sociais específicas, de diferentes níveis, apresentam acentuados contrastes. A concepção da solidariedade familiar é reduzida, em última instância, a um "ideal sem significado". O respeito pelas pessoas idosas é mostrado em ocasiões rituais. Abusos em relação aos pais são comuns.

A mulher mais velha é a chefe nominal da família no Shamirpet, mas em muitos casos o chefe de família é de facto o filho. Rompimentos das uniões familiares são comuns: mais de 75% dos homens estabelecem lares separados dentro dos cinco anos após o casamento.

Dube constata que os pais dominam a família até à meia idade, mas a partir daí, perdem gradualmente esse domínio. Normalmente continuam a ser os chefes da família mas os seus filhos são mais ou menos livres de conduzir a gestão familiar e a propriedade e assim como de escolher a profissão que desejarem.

Conclusão:

O estatuto dos idosos foi ou é mais elevado nas sociedades pré-industriais do que nas sociedades urbanas e os problemas contemporâneos dos idosos são consequências da industrialização urbana. Existem estreitos paralelismos no estatuto dos idosos no Burail, Rattan Gahr e Shamirpet; e em nenhuma destas aldeias o seu estatuto é elevado. Cada aldeia é uma comunidade pré-industrial agrícola, pouco afectada pela urbanização; contudo, em cada uma os idosos ocupam uma posição precária.

O estudo descreve três aldeias dentro de uma sociedade, mas indica uma necessidade de reexaminar definições actuais tal como as origens dos estatutos problemáticos dos idosos, tendo em conta três princípios:

- I. As generalizações a respeito do estatuto dos idosos devem ser baseadas numa amostra representativa de todos os níveis sócio-económicos, nas sociedades tradicionais e contemporâneas.
- II. Deve ser mantida uma distinção clara entre normas hipotéticas da vida familiar, tendo em conta a autoridade e prestígio do idoso e o seu real relacionamento e comportamento com essa sociedade.
- III. Exige-se precaução quanto ao problema dos papéis e estatuto que acompanham os idosos na sociedade urbana contemporânea.

4- O processo de envelhecer

A perda ou pelo menos a drástica redução da felicidade de viver eleva-se, na idade avançada, à categoria de tema; constitui uma premissa em que se baseia a fórmula "carpe diem", elemento essencial do epicurismo.

O envelhecimento supõe a modificação da figura corporal; é a época do quebranto físico, da decadência somática; mas também em que se sofrem modificações quanto ao comportamento e às vivências.

As mudanças nas funções corporais devidas ao envelhecimento são aludidas indirectamente por Schopenhauer (1788-1860):

Costuma-se referir a juventude como a época feliz da vida e a velhice como a época triste. Isto seria certo se as paixões fizessem alguém feliz. São estas que arrastam de um lado para o outro a juventude, com pouca alegria e muito sofrimento. Deixam fria e em paz a velhice, já que ela é sábia libertando-se e mantendo-se acima delas.

Assim diz, por exemplo, Hölderlin (1770-1843) na sua *Fantasia Nocturna*:

... demasiado ardente,
o coração ao fim e ao cabo, vive a sua juventude,
mas quando se extinguem os ardores
de ti, incansável sonhadora,
em paz gostosa a velhice nos chega.

"Há que alegrar-se com as coisas de cada dia, por mínimas e humildes que sejam. Até um esquilo que passa saltando de árvore em árvore pode ser motivo de alegria e fazer luminoso um dia na ancianidade. Há que aprender a moderar as próprias

expectativas". Cartas de Gottfried Keller (1819-1890):

«Tornar-se velho significa em si empreender um novo negócio; todas as circunstâncias se modificam: tem de se abandonar por completo toda a actuação, tem-se de assumir o novo papel com vontade e plena consciência». *Máximas e reflexões Goethe (1749-1832)*.

«Assumir o novo papel...», vocábulos que a moderna investigação sociológica e sócio-psicológica utilizam. Grande número de estudos demonstram que este «assumir novos papeis» é uma das tarefas principais do homem em idade avançada e cujo sucesso ou fracasso determinam em parte a saúde psíquica da velhice.

A velhice é, em parte, como um outro país. Poderá viver bem lá quem se preparou com antecedência.. No entanto, as pessoas raramente querem conhecê-lo. O país da velhice é um lúgubre deserto. Não é descrito em brochuras coloridas de agências de viagens. Pelo contrário, ao longo de milhares de anos tem sido mostrado como um quadro de sofrimento, doença e pobreza. Como já o disseram várias pessoas, toda a gente quer viver muito, mas ninguém deseja ser velho - ou pensar sobre o envelhecimento. A velhice sobrevém como uma surpresa. Chega sorrateiramente e apanha as pessoas desprevenidas. Não se trata de um tipo de coisa sobre a qual seja possível aprender a partir da experiência anterior, porque acontece apenas uma vez na vida. Sabe-se apenas o que se aprendeu por observar pessoas idosas - tanto na vida real, como em peças de teatro, filmes e televisão - ou por leituras de romances e artigos. O conhecimento em segunda mão raramente é uma preparação adequada para a sua própria velhice. (Skinner 1983)

4.1 As abordagens tradicionais deste tema são: a social, a psicológica e a biológica.

Estas três abordagens fundem-se numa unidade dinâmica interactuante e sistémica.

O envelhecimento é o produto de um jogo complexo das influências biológicas, psicológicas, sociais, culturais e materiais.

O idoso explica-se pela sua biologia, psiquismo e circunstâncias sociais, mas compreende-se pela sua biografia, envolvimento, códigos de significação e particularidades da sua existência.

Segundo Mishara e Riegel é possível considerar o envelhecimento pelo menos de quatro pontos de vista: cronológico, psicobiológico, psicoafectivo e social.

A idade cronológica

A maneira mais simples de definir a Velhice consiste em contar os anos passados desde o nascimento. De uma forma geral, as estatísticas fixam o seu começo, arbitrariamente, nos 65 anos.

Que diferença existe, entre ter 65 anos e ser classificado entre os velhos e ter 64 anos e figurar entre os indivíduos de idade madura?

Em certas pessoas a transição efectua-se gradualmente enquanto que noutras é rápida e traumática.

A adolescência aparece acompanhada de mudanças físicas notáveis. Ao mesmo tempo produzem-se, também, mudanças sociais. Mudam, igualmente, as actividades. Mas as mudanças tão notáveis da puberdade apresentam grandes variações individuais. O começo da transformação física situa-se numa idade que pode variar de 5 a 6 anos. Estas modificações físicas dependem em grande parte do "relógio biológico", mas também são influenciadas por factores numerosos e diversos. A segunda passagem importante na nossa sociedade remonta a uma velha tradição, estabelecida por Aristóteles, aos 21 anos. Só recentemente foram modificadas as leis, em vários países, que estabelecem o começo da idade adulta aos 18 anos.

Tanto na puberdade como na entrada da ancianidade a importância das mudanças reside muito no seu valor indicativo.

Na nossa sociedade as idades de 65 ou 70 anos marcam o começo da Velhice porque coincidem frequentemente com o momento da reforma.

A entrada na Velhice é reconhecida por decreto; a idade arbitrária e obrigatória da reforma acontece normalmente aos 65 anos, em alguns casos é atrasada para os 70; algumas pessoas envelhecem, pelo menos juridicamente, antes de outras.

Tendo em conta a grande dispersão de idades compreendidas no período chamado Velhice, é cómodo distinguir dois grupos de pessoas de idade: os "velhos-jovens" e os anciãos propriamente ditos. Com frequência os velhos-jovens continuam activos e livres dos problemas associados com o envelhecimento..

Neugarten (1964) descreve uma investigação em que se pedia a diversas pessoas que apontassem as idades em que se produzem determinados acontecimentos.

Os resultados mostram apenas ligeiras variações individuais (um desvio de apenas 2 anos) sobre a idade ideal para terminar a escolaridade e começar a trabalhar. Em contrapartida, regista-se um desvio de 15 anos para o momento em que se situa a plenitude da vida, o que revela um desacordo considerável.

Parece existir uma relação entre a idade cronológica e a série de acontecimentos da vida. Tanto como o número de anos, na concepção da idade entram outras variáveis como a saúde e os factores sociais e económicas. Dado que se envelhece de modo diferente do ponto de vista físico, económico e social, a idade cronológica serve unicamente para marcar a idade objectiva.

A idade física e biológica

Os outros critérios que podem servir para definir o envelhecimento são as mudanças físicas e biológicas. Mas, a menos que se produzam acontecimentos excepcionais, o envelhecimento físico desenvolve-se gradualmente, de forma que é difícil precisar o

momento em que uma pessoa fica velha. Os desempenhos físicos declinam muito pouco no começo do processo e a maioria das pessoas não se dão conta das transformações a não ser no momento em que estas afectam notavelmente o seu quotidiano.

A maioria das nossas acções não exige que funcionemos com o máximo das possibilidades; e é este máximo o que começa por diminuir. Os atletas que funcionam próximo dos máximos começam a sentir os efeitos da diminuição das suas capacidades físicas muito mais cedo do que os outros, já que operam muito próximo dos limites.

As modificações graduais notam-se quando se alcança um limiar crítico.

O envelhecimento físico modifica a imagem que temos de nós mesmos, mas faz também outra coisa: mostra aos outros que convém mudar de comportamento connosco.

... um ancião não se sente nunca um ancião. Compreendo pelos outros o que implica a velhice nos que olham de fora, mas não sinto a minha velhice. Jean-

Paul Sartre (Le Nouvel Observateur, 1980).

A palavra envelhecimento evoca habitualmente mudanças físicas desagradáveis: perda de força, diminuição da coordenação e do domínio do corpo, alteração da saúde. Mas se este quadro está certo em determinados casos, não reflecte as diferenças individuais, a natureza e a amplitude das mudanças físicas, nem a forma como estes se relacionam com factores procedentes do envolvimento e do meio social. Tais aspectos merecem uma reflexão mais aprofundada:

- os indivíduos não envelhecem ao mesmo ritmo nem da mesma maneira;
- muitas pessoas de idade têm melhor saúde do que outras mais jovens;
- nem todas as mudanças provocadas pela idade são nefastas na idade madura

e na Velhice; os resfriados, alergias e dores crónicas de cabeça, por exemplo, tendem a diminuir ou a desaparecer à medida que se envelhece;

- em qualquer idade, a enfermidade pode surgir independentemente da vontade do sujeito.

As mudanças físicas do envelhecimento devem ser considerados nas suas relações com os factores económicos, sociais e culturais, assim como com os hábitos de higiene e de consumo do sujeito.

A idade psicológica e emotiva

Para estudar as diferenças psicológicas entre jovens e velhos convém examinar de que maneira a experiência de uma população de idade difere da de uma população jovem. É evidente que se possui mais experiência aos 70 do que aos 40 anos. Mas a instrução é uma forma de experiência condensada e o nível de instrução tem-se elevado. Numa sociedade em que a tecnologia evolui rapidamente a maioria das pessoas tem de evoluir só para se manter actualizado. A mudança converteu-se num modo de vida em si mesmo. Aos 70 anos o sujeito aproxima-se da morte, o que tem efeitos psicológicos. Como disse NEUGARTEN (1968), a partir de um determinado momento "a vida reorganiza-se mais em função do tempo que falta viver que do tempo percorrido desde o nascimento".

As mudanças psicológicas podem dividir-se em dois grupos:

- a) Os cognitivos, quer dizer os que afectam a maneira de pensar e
- b) os que concernem a afectividade e a personalidade

A personalidade e as funções cognitivas são afectadas pelos acontecimentos. A maneira de reagir perante as experiências determina os aspectos importantes do envelhecimento.

A idade social

A idade social designa os papéis que se pode, se deveria, se pretende, ou se deseja desempenhar na sociedade. Determinados papéis sociais podem entrar em conflito com os padrões arbitrários da idade cronológica.

Por exemplo, quem não goste do seu papel de trabalhador e deseje reformar-se antes da idade designada encontra-se numa situação tão dissonante como quem se veja obrigado a abandonar um trabalho agradável que lhe dá um importante sentimento de identidade. É evidente que certas variáveis sociais evoluem com a idade, mas não seguem necessariamente a idade cronológica.

Em resumo:

A idade cronológica vem geralmente acompanhada de um fenómeno de identificação com os estádios reconhecidos socialmente como a juventude, a maturidade, etc

Embora existam correlações aparentes entre idade cronológica e um conjunto de acontecimentos, não se deveria falar de etapas com marcos determinados, na sucessão temporal da existência das pessoas (no seu todo), já que as variantes individuais são numerosas e as mudanças se operam, regra geral, gradualmente; com efeito, não há um dia ou um ano certo para se entrar, por exemplo, na velhice.

Não obstante, a sociedade pré determina desempenhos, em função da idade cronológica dos sujeitos - como seja viver a situação de reformado -, que gera a identificação com os estatutos arbitrariamente constituídos. E as alterações inerentes aos novos papéis sociais dão, forçosamente, origem a vários ajustamentos psico-afectivos.

Numa procura de percepção da velhice não se pode retirar importância ao passar do tempo como condicionante da vida de cada indivíduo, mas sem descuidar a

relatividade desta dimensão; a qual, como outros atributos do sujeito - sejam sexo, raça, lugar de nascimento ou família de origem -, não fornecem, por si sós, informações sobre as suas possibilidades. Com efeito, é equacionando a idade cronológica com diferentes variáveis que podemos pretender uma abordagem objectiva do indivíduo.

A idade cronológica impõe, por exemplo, a entrada na reforma. Os papéis sociais influem na identificação dos indivíduos a grupos. As mudanças impostas pelos novos papéis — por exemplo, a reforma — vão obrigar o indivíduo a ajustar-se a uma nova identificação social o que vai, por sua vez, levar a diferentes ajustamentos psico-afectivos.

Uma visão da velhice deve ter em conta o facto do passar do tempo mas também as outras dimensões da pessoa. Considerar a idade cronológica não como algo determinante das possibilidades vitais de uma pessoa, mas como mais uma das variáveis que condicionam a sua situação.

4.2. Os estádios da vida

O envelhecimento é, em certos aspectos, um processo evolutivo gradual. A compreensão da vida chega-nos pouco a pouco com a experiência. As transformações físicas são lentas e quase imperceptíveis; a força muscular, por exemplo, só decresce em 10% entre os 30 e os 60 anos. Os factores psicológicos evoluem também de maneira gradual: com os anos tornamo-nos mais ou menos satisfeitos, mais ou menos rígidos, mais ou menos adaptados à nossa condição social e material. Por outro lado, o envelhecimento pode ser concebido como uma série de estádios que se organizam em torno de certas características de ordem física, psicológica, social e material. As crises ou acontecimentos marcantes podem modificar radicalmente a

vida e precipitar a passagem de um estágio a outro. A reforma, por exemplo, pode obrigar a entrar num novo estágio e a reorganizar a vida. O casamento, o divórcio, o nascimento de um filho, a morte dos pais ou de amigos íntimos, o começo de uma enfermidade debilitante podem também assinalar a entrada brusca no que se considera como um novo estágio da vida.

O grande teórico dos estágios da vida, Erik Erikson (1963), afirma que embora haja variantes individuais para o início ou fim de cada estágio, a ordem dos estágios é parecida para todos. Segundo Erikson, as preocupações fundamentais são idênticas para todos nos diferentes instantes da vida.

Convém precisar a diferença entre um estágio e um estado. O estágio supõe uma condição ou situação diferente daquela que a precede ou a segue imediatamente. Supõe igualmente uma progressão e uma direcção no sentido de um modelo. O estado também é diferente do que o precede ou segue mas não supõe uma sucessão ordenada. A enfermidade, por exemplo, é um estado enquanto que a idade madura corresponde a um estágio. Se é possível retornar a um estado anterior, como quando se recobra a saúde depois de uma doença, pelo contrário os modelos que empregam a noção de estágio impossibilitam o retorno a um estágio anterior.

Erik Erikson (1963) é o primeiro que se evoca quando se fala de um enfoque verdadeiramente global do desenvolvimento. É, com efeito, um dos poucos teóricos que aborda a questão do conflito entre o trabalho (êxito na escola e no jogo) e os sentimentos de inferioridade. Este estágio é seguido pela adolescência, período de conflitos de identidade e de confusão.

Modelo Epigenético de Erikson

VIII								integridade versus desespero
VII							generatividade versus estagnação	
VI						intimidade versus isolamento		
V					identidade versus confusão de identidade			
IV				indústria versus inferioridade				
III			iniciativa versus culpa					
II		autonomia versus dúvida, vergonha						
I	confiança versus desconfiança							
	1	2	3	4	5	6	7	8

Quadro nº 1

Os anos situados entre o fim da escolaridade e o declínio da vida não parecem ter atraído a atenção dos investigadores, como se durante este período não se produzissem mudanças.

Abraham Maslow (1954) concebeu a ideia de uma hierarquia das necessidades, que se manifestam segundo uma determinada ordem. As necessidades superiores não aparecem até que as inferiores tenham sido satisfeitas em certa medida e durante um determinado tempo. O quadro 2 apresenta esta hierarquia assim como a idade aproximada em que se manifestam diversas apetências, quando se encontram satisfeitas as necessidades anteriores. MASLOW põe a hipótese de que a adolescência é caracterizada por uma intensa necessidade de assegurar uma imagem positiva de si mesmo e o respeito dos outros.

No estágio adulto sente-se a necessidade de desenvolvimento, da criatividade e da máxima realização. Ainda que MASLOW estenda a sua teoria para além da adolescência e até à maturidade, engloba os últimos 60 anos da vida num só estágio.

Idade	Necessidades	Descrição
0-2	Sobrevivência	Necessidades fisiológicas (Ar, água, alimentação, etc.).
3-5	Segurança	Começo da capacidade de fazer projectos, baseada na evitação da dor.
5-10	Pertença e amor	Necessidade de pertencer e de ser aceite - início da socialização.
10 - 20	Adolescência -Estima	Necessidade de auto estima e do respeito dos outros.
Vida adulta	Realização de si mesmo	Necessidade de desenvolvimento, criatividade e exploração do potencial

Quadro nº 2. Hierarquia das necessidades de MASLOW

Klaus RIEGEL, no âmbito da psicologia genética estendida a toda a existência, marcou a origem de um novo movimento centrado no processo ou dialéctica da mudança, mais que na descrição dos efeitos diferenciais.

A perspectiva dialéctica põe a tónica na influência de diversos factores de ordem social, pessoal, intelectual e histórica cuja interacção contribui para a evolução do indivíduo.

A Psicologia dialéctica insiste na necessidade de admitir o facto de que o homem vive num contínuo estado de evolução e que, frequentemente, as mudanças são o resultado das contradições inerentes a toda situação (Riegel 1971).

RIEGEL critica os teóricos que descrevem as pessoas segundo certos momentos da sua existência, porque as teorias deste género pressupõem que os indivíduos podem ser captados em situação de estabilidade. É igualmente possível estudar o contexto histórico que engendra os conflitos geradores da evolução.

4.3. Diferenças entre as gerações:

A actual população de anciãos nasceu e cresceu numa época onde a instrução se encontrava menos difundida que hoje. A educação recebida pelas pessoas de 80 a 90 anos foi diferente da dos que têm hoje 40 ou 50 e esta difere, por sua vez, da que recebe a actual geração dos adolescentes. É importante compreender que a descrição do envelhecimento se baseia em fenómenos transitórios ligados à diferença das gerações e do meio.

O processo de envelhecer tem, na sua génese, características:

- **de universalidade**, pois afecta todos os seres e objectos;
- **de expansão**, já que ao aumentarem as expectativas de vida cresce o número de anciãos;
- **de especificidade**, porquanto cada sujeito desenvolve o seu próprio e peculiar processo de envelhecimento;
- **e de transformação** dado que a vida se interliga à mudança no sentido da adaptação evolutiva.

5. A Psicologia Dentro Da Gerontologia

A gerontologia é uma empresa científica que faz eco de uma reflexão colectiva secular e procura dar resposta à novidade de um fenómeno.

Desde sempre a questão relativa ao modo de envelhecer da maneira mais «sã» e manter-se independente o maior tempo possível, assim como a busca de processos que levem ao rejuvenescimento - a mítica «fonte da juventude» dos contos e lendas - moveram a Humanidade, como o demonstra a introdução no papiro de Smith de há 4000 anos - «Começo dum livro sobre a transformação do ancião em adolescente» (Streib e Orbach, 1967).

A gerontologia é uma disciplina recente, geralmente considerada como um produto do século XX. A novidade da gerontologia científica não deve fazer perder de vista o seu enraizamento no curso do pensamento colectivo à volta da velhice cuja perspectiva se ampliou como consequência dos fenómenos demográficos dos dois últimos séculos.

O desenvolvimento rápido da gerontologia no século XX é a consequência directa do envelhecimento da população. As conquistas da ciência e os progressos sociais que caracterizam a nossa época provocaram um aumento da média de vida o que, por sua vez, se veio a reflectir nos fenómenos demográficos: a duração média da vida, que tinha sido mais ou menos estável desde antiguidade, dobrou a partir do século XVIII, pelo menos nos países mais industrializados. Não é, pois, só à biologia que se deve a explicação deste fenómeno.

Do ponto de vista biológico, a duração potencial da vida de um indivíduo não difere de

outros tempos para a actualidade. Nos séculos passados havia pessoas tão velhas como as que há no presente. Pode, mesmo, observar-se uma certa constante na duração máxima da vida humana que pode ser de cem a cento e vinte anos, mesmo na antiguidade: «Número de dias do homem: muito será se chega aos cem anos». É uma passagem bíblica do Eclesiastes, ou seja, de dois séculos antes da era cristã.

5.1. Sinopse Histórica

Reflexões Pré-Científicas Sobre O Envelhecimento

Se se tenta iniciar uma sinopse histórica com a análise das manifestações pré-científicas relativas ao processo de envelhecimento, terá de se revisitar, com sentido crítico, o Antigo Testamento que destaca constantemente a dignidade e a sabedoria da ancianidade, as qualidades especiais que a elevam ao desempenho de cargos elevados, tanto na chefia da comunidade, como na função de juiz.

Os antigos gregos apreciavam a sabedoria que emana da idade avançada. Em Homero encontramos alusões às capacidades específicas da ancianidade e à predisposição dos mais jovens a submeter-se ao «Conselho de anciãos».

Na *República*, Platão (427-347 A.C.) adota a respeito da ancianidade, uma postura de máximo respeito pelas vivências da mesma. Faz ressaltar, sobretudo, os agentes individuais do envelhecimento; considera que as vivências do ocaso da vida são muito determinadas pela existência que se levou na juventude e na idade adulta. Platão põe na boca de Céfalo, velho pai de Polemarco, a afirmação de que alguns velhos se queixam do tratamento que recebem dos seus ou meditam tristemente sobre as alegrias passadas. Só do próprio indivíduo depende o modo como percebe as penas da velhice e

como as enfrenta. A condição necessária para encarar com serenidade e sabedoria o envelhecimento seria ter levado uma vida íntegra nas etapas anteriores da vida.

Aristóteles (384-322 a.C.) traça uma imagem mais negativa do ancião afirmando que «uma enfermidade é a velhice prematura, mas a velhice é uma enfermidade natural»; ideia que Séneca (morreu 65 DC) expressou com maior vigor, ao escrever que a velhice é uma «enfermidade incurável» (*senectus insanabilis morbus*). Galeno de Pérgamo (129-199 DC) contradiz Séneca ao afirmar que a velhice, ainda que não livre de achaques, não é uma enfermidade, pois que a doença vai sempre «contra a natureza», o que não acontece na velhice.

Cícero (106-43 A.C.) faz uma exposição muito detalhada do processo de envelhecimento e trata, também, das mudanças psíquicas e sociais na sua obra "De Senectute" onde inclui muitos dados acerca do rendimento na idade avançada.

Como para a generalidade dos romanos do seu tempo, estima que a velhice se inicia aos 61 anos. Diz que as faculdades relativas ao mundo do espírito crescem com a idade nos varões melhor dotados e de mais clara inteligência, sendo os anciãos quem possui entendimento, razão e capacidade reflexiva. Considera que este aumento de sabedoria só se atinge se a perspicácia, ponderação e tolerância tiverem sido exercitadas toda a vida, permitindo integrar, mesmo na velhice, algo de novo na experiência acumulada.

Cícero reconhece o papel relevante da sociedade no processo do envelhecimento: "nada mais formoso que uma ancianidade rodeada por uma juventude que deseja aprender dela".

Para Cícero, não é com a força corporal, a agilidade ou a rapidez que se empreendem feitos meritórios, mas sim pelo pensamento, a superioridade da mente e a preeminência da própria opinião. Afirmar que sem anciãos não teriam sido criados os Estados e, com exemplos tomados da História grega e romana, destaca grandes feitos políticos, científicos e artísticos levados a cabo por pessoas com mais de 80 anos. Aconselha a que nos aproximemos do ancião com respeito e veneração, jamais animados por sentimentos de compaixão nem imbuídos de preconceitos quanto à sua capacidade de rendimento ou sentido de responsabilidade, pois é a sociedade que determina o "papel do idoso" e dela depende que tornar-se velho constitua ou não um problema para o indivíduo.

Baltes, P. P. e M. M. Baltes, referem "De Senectute" - produzido quando o seu autor contava sessenta e poucos anos de idade - como sendo um ensaio precursor acerca do envelhecimento visto de um ângulo positivo. Sustenta o pensador - relatam - que a senectude não é uma fase de declínio e perda, quando vivida adequadamente, mas, pelo contrário, geradora de funcionamento produtivo. Na sua perspectiva estóica, ele defende que a velhice valoriza as virtudes do espírito sem dar azo a desvios orientados para as necessidades e prazeres do corpo os quais constituem um entrave à realização da vontade. Cícero também dissocia velhice de estado de doença, afirmando que este não é atributo necessário da primeira. Assim, independentemente de insuficiências da memória de natureza patológica - que podem ocorrer em qualquer estágio da vida -, verifica-se frequentemente uma perda progressiva de memória por razões selectivas: em função dos interesses de cada um, o registo de diferentes dados e factos vai sendo depurado ao longo da idade. Ilustrando este discurso com o seu caso pessoal, Cícero

declara, com optimismo, haver adquirido uma nova maneira de encarar a velhice nascente: o receio e ansiedade (face à idade) que antes experimentara deram lugar a sentimentos de harmonia e realização, a despeito de limitações biológicas. Finalmente, P.P. e M.M. Baltes observam que embora a perspectiva "útopica" de Cícero possa ser, em boa parte, subscrita pela gerontologia psicológica moderna, como que subestima o papel da fragilização orgânica que acompanha o envelhecimento e decorrentes implicações no funcionamento global do idoso.

O início da investigação dos processos psicológicos do envelhecimento

James Birren distingue três períodos históricos na investigação psicológica do envelhecimento:

- 1) período inicial, compreendido entre 1835 e 1918;
- 2) o começo da investigação sistemática do envelhecimento, situado entre as duas guerras mundiais;
- 3) finalmente, a «fase de expansão das investigações sobre o envelhecimento».

Alex Comfort (1964) considera que o início da investigação do envelhecimento foi a publicação do livro de Francis Bacon (1561-1626) *History of Life and Death*; Birren assinala a data de 1835, em que Quetelet (1796-1874) publicou a sua obra *Sur l'homme et le développement de ses facultés*. Esta obra inicia-se com a frase seguinte:

"O ser humano nasce, cresce e morre regulado por determinadas leis que, até agora, não foram investigadas exactamente, nem quanto ao processo na sua totalidade, nem nas modificações das reacções."

Quetelet nasceu em Gand em 1796. O seu interesse pelo fenómeno estatístico da probabilidade permitiu-lhe ser o primeiro a ocupar-se do «homem médio»; tentou,

assim, determinar o crescimento e as medidas corporais e levantou a questão relativa à modificação da capacidade intelectual. Foi em 1835 o precursor de futuros trabalhos sobre o problema do desenvolvimento da inteligência e do rendimento superior, ao comparar o rendimento quantitativo de determinados dramaturgos ingleses e franceses, em diferentes anos da sua vida. Em 1842 Quetelet comprova que, tanto em Inglaterra como em França, se descobre o talento dos autores dramáticos antes dos 21 anos, que ele se afirma entre os 25 e os 30 e progride até aos 50-55 anos; mas observa-se depois uma decadência gradual, sobretudo no que respeita ao valor das obras criadas.

A importância de Quetelet para a investigação do envelhecimento assenta em que se opôs à generalização inaceitável das comprovações isoladas e em ter combatido qualquer julgamento meramente casuístico; mas também destacou, de modo convincente, a relação entre as influências biológicas e sociais no que se refere ao processo de envelhecimento. Criticou as investigações realizadas até então neste sector e reprovou não se ter relacionado nunca as faculdades especiais com as diferentes idades e não se ter previsto a possibilidade de certas modificações, nem ter havido interesse pelo modo como as diversas faculdades se influenciam mutuamente.

Birren afirma a esse respeito: «Com estas palavras e dados, Quetelet inicia claramente a psicologia do desenvolvimento e envelhecimento»(1961).

Quetelet descreve assim a finalidade da psicologia do desenvolvimento:

"Ninguém se preocupou, até agora, em estudar o desenvolvimento moral e intelectual do homem, nem de reconhecer como, em cada idade, se vê

influído pelo seu desenvolvimento físico". E acrescenta: "Este belo tema, tão digno de ser investigado, permaneceu intacto."

Galton (1832-1911) sofre a influência de Quetelet. Em 1883, publicou *Inquiry into Human Faculty and its Development*. Partiu de dados antropométricos para tirar conclusões acerca da psique humana; mas depressa duvidou de tal empenho e desenvolveu então métodos mais directos para o estudo da capacidade mental. Publicou uma lista de métodos «destinados a medir a rapidez e exactidão dos processos mentais superiores» (cf. Birren, 1961).

Galton tentou captar as modificações que o organismo ou a constituição sofrem na idade avançada e correlacioná-las com mudanças eventualmente comprováveis nas áreas da psicomotricidade, processos de percepção e «processos mentais mais elevados». Ao fazê-lo destacou a importância da repetição de tais investigações durante o curso da vida, a fim de verificar em cada caso o coeficiente de desenvolvimento ou a rapidez da mudança. Pode-se considerar Galton como um dos primeiros representantes da investigação longitudinal.

Em 1897 Galton montou na Grã Bretanha, ao mesmo tempo que Wundt em Leipzig, um laboratório experimental e no mesmo ano investigou o limiar auditivo superior comprovando o declínio com o aumento de idade nos examinados.

Birren considera que ambos são os pioneiros da investigação psicológica e destaca o interesse de Wundt pela constância do comportamento em todas as idades, em contra-posição com Galton.

Na actualidade são muitos os investigadores que usam métodos de correlação com a idade, sem ter em conta que Galton já tinha tido uma ideia parecida em 1877; até chegou a descrever um coeficiente de correlação em 1886. (Birren)

A sua melhor contribuição para a investigação data de 1885. Na Exposição internacional da saúde de 1884, celebrada em Londres, organizou dois laboratórios onde submeteu mais de 9 000 visitantes de 5 a 80 anos a um exame antropométrico mediante 17 testes diferentes.

A contribuição essencial deste «período inicial da investigação da senectude» corresponde ao afã dos investigadores do século XIX para conseguir medidas objectivas.

Se admitimos a divisão de Birren e que o «período de investigação sistemática do envelhecimento» começa depois da primeira guerra mundial, não podemos omitir Ignatz L. Nascher, «pai da investigação médica da velhice» (Streib e Orbach, 1967), que, ao introduzir em 1909 o conceito de «geriatria» (*geriatrics*), paralelo ao de «pediatria» (*pediatrics*), conquista para a medicina um novo território.

Já nos séculos XVIII e XIX se realizaram uma série de trabalhos sobre a senectude, sobre as modificações devidas à mesma e suas manifestações patológicas específicas (1962) Steudel.

Foi Nascher o primeiro que deu importância ao aspecto médico-social do problema, já que tentou pôr a claro as influências que as circunstâncias sociais exercem sobre os fenómenos fisiológicos. Nascher interessou-se por esta problemática a partir das observações realizadas com pacientes de idade avançada de um hospital de Viena,

problemática que continuou a estudar na «New York City's old-age colony» (Freeman, 1961; Streib e Orbach, 1967).

Começo da investigação sistemática sobre o envelhecimento psicológico

Assim designa Birren o período compreendido entre 1918 e 1940, caracterizado, no âmbito anglo-americano, por certos estudos experimentais, a partir de métodos que utilizavam testes psicológicos e que chamam a atenção dos investigadores para os problemas relativos à inteligência e medida do rendimento, à psicomotricidade e à capacidade de reacção.

Isto não é aplicável a Stanley Hall (1844-1924) que foi denominado «pai da psicologia infantil» devido aos seus estudos sistemáticos sobre a primeira infância. Publicou em 1904 a obra *Adolescence* e em 1922, próximo dos 80 anos, *Senescence, the last half of life*. Segundo as suas próprias palavras, desejava contribuir para «uma melhor e mais correcta compreensão da natureza e funções da idade avançada e ajudar-se a si mesmo e à ciência como psicólogo» (Hall, 1922, V). O livro de Hall é o primeiro estudo realizado do ponto de vista da psicologia acerca da investigação da senectude nos Estados Unidos; Munnichs (1966) diz ser o «o primeiro psicogerontólogo».

"Estou convencido, como psicólogo, de que o estatuto psíquico dos anciãos tem grande importância. A senescência, como a adolescência, possui os seus próprios modos de sentir, de pensar e de querer, assim como a sua psicologia própria" (Hall, 1922).

E prossegue afirmando a sua convicção de que as diferenças individuais nos idosos são provavelmente maiores do que nos jovens.

Hall opunha-se à crença, então muito difundida, de que a velhice era algo como o reverso do desenvolvimento da adolescência. De certo modo, Hall negou-se já então a aceitar um «modelo deficitário», baseado no aumento de conhecimentos e faculdades na juventude, o auge na vida adulta média e a diminuição da capacidade, acompanhada de uma espécie de involução, na velhice.

Não admite diferenças quantitativas; acentua as qualitativas, ao tentar demonstrar que tanto a juventude como a ancianidade possuem o seu próprio e específico modo de «sentir, pensar e querer».

Hall tentou corrigir, mediante investigações empíricas, certos estereótipos relativos à senectude. Assim, por exemplo, os resultados que obteve contradiziam a opinião geral de que, com os anos, cresce o medo da morte e de que, por isso, se torna mais forte a vinculação à religião. Graças a uma série de encontros, conseguiu demonstrar que os mais jovens têm um medo muito maior à morte do que os anciãos e, além disso, que a correlação «medo da morte - actividade religiosa» é muito reduzida.

O ano de 1928 foi importante para a investigação da senectude; Miles fundou na Universidade de Stanford, na Califórnia, o primeiro grande instituto destinado especialmente ao estudo dos problemas do envelhecimento. O motivo que levou à criação deste instituto foi o ter-se comprovado que, nos anos de crise económica, os trabalhadores que passavam dos 40 anos tinham dificuldades em encontrar colocação. As explicações relativas às alterações na capacidade de rendimento mental ocupa o primeiro plano da investigação. Os progressos dos métodos psicológicos de investigação desempenharam neste sector um papel importante. As poucas investigações existentes até então tinham sido realizadas com recrutas (Yerkes, 1921), com pacientes de

hospitais (Foster e Taylor, 1920) e com crianças em idade escolar (Willoughby, 1927). Os resultados da investigação de Miles mostraram uma considerável coincidência com outros estudos, no sentido de que havia uma diminuição da capacidade intelectual com o aumento da idade.

Na Rússia as investigações daquela época determinadas por Pavlov (1894-1936) - que tentou estabelecer conexões entre os aspectos fisiológicos e psicológicos, as funções do sistema nervoso central e os modos de comportamento observável - demonstram, mediante experiências com animais, que se podia condicionar cães jovens de forma diferente dos mais velhos: os cães velhos formavam mais lentamente os seus reflexos condicionados, «aprendiam mais devagar». Pavlov descobriu isto em 1926; ao administrar uma série demasiado rápida de determinados estímulos, os animais mais velhos reagiam com um estado de confusão; em sua opinião, por causa da menor condutibilidade das vias nervosas, os resíduos do último estímulo influíam na reacção aos estímulos seguintes. Trata-se de uma teoria que ainda se toma hoje em dia como explicação dos processos de envelhecimento no processo de aprendizagem.

O termo «gerontologia» foi introduzido no ano de 1929 pelo investigador russo N.A. Rybnikov que descreveu o objecto e a finalidade desta nova disciplina.

Gerontologia: A investigação do comportamento na idade avançada há-de converter-se num ramo de especialização dentro das ciências do comportamento. A finalidade desta ciência é a investigação das causas e condições do envelhecimento, assim como o estudo e descrição cuidadosa das mudanças do comportamento que se encontram relacionados com a idade (Streib e Orbach, 1966).

Também no Japão se prestou uma singular atenção, na década 1920-1930, à psicologia do envelhecimento; o interesse maior incidiu nas modificações antropométricas e mudanças da esfera mental. No seu artigo intitulado *Trends in Gerontology in Japan* (1959), Tachibana dá uma visão de conjunto do desenvolvimento da investigação sobre a velhice no seu país. Já na década de 20 se haviam realizado estudos sobre a modificação da inteligência. Kirihara examinou 25 000 casos de trabalhadores da indústria e suas famílias. Comprovou, já a partir dos 20 anos, um decréscimo da inteligência; verificaram-se diferenças específicas respeitante ao sexo, quer dizer, uma considerável diminuição do rendimento nas mulheres examinadas.

A investigação europeia da senectude, à excepção de Inglaterra, mostrou-se menos sistemática e menos consciente do valor da metodologia, no período de 1918-1940, ainda que Munnichs opine que a Europa trouxe algo notável quando afirma:

"O ponto mais importante das divergências entre a atitude dos norte-americanos e a dos europeus estriba-se até agora no facto de que os primeiros deduziram os seus resultados na investigação sobre o tema do envelhecimento, enquanto que os segundos tentaram tirar as suas conclusões da viva interacção existente entre o envelhecimento e os próprios indivíduos de idade avançada" (Munnichs, 1966).

A fase de expansão das investigações sobre o envelhecimento

No ano de 1939 apareceu o livro de Cowdry *Problems of Aging*, concebido primordialmente dum ponto de vista médico. Quando Cowdry se dirigiu à *Macy Foundation* por causa de problemas de financiamento da obra, esta impôs como condição que ampliasse o conceito com aspectos sociais, psicológicos e psiquiátricos.

Em 1937, a *Macy Foundation* promoveu um seminário de uma semana de duração, em Massachusetts, para que os representantes de todas as especialidades discutissem, em comum, os projectos dos diversos capítulos. Clark, Wissler, Dublin, Hamilton e Miles, Eewey e Birren participaram nestas reuniões e trataram dos aspectos culturais, psicológicos e específicos da personalidade submetida ao envelhecimento.

Em 1939 funda-se, nos Estados Unidos, o «Clube para a Investigação do Envelhecimento» (*Club for Research on Aging*). Este clube convocava anualmente duas conferências destinadas a fomentar e discutir as descobertas sobre gerontologia. Streib e Orbach (1967) sublinham que, então, a gerontologia se encontrava ainda totalmente determinada pelas ciências médico-biológicas; só se faziam algumas concessões à psicologia.

As ciências sociais estavam bastante à margem da gerontologia.

Devido ao *U.S. Public Health Service*, criou-se uma secção de gerontologia no *National Advisory Committee*; a partir de Dezembro de 1941 foi secretário Nathan Shock, que se interessou pelas orientações Fisiológicas e Psicológicas (Birren, 1961).

Devido às circunstâncias criadas pela guerra, os anos seguintes foram relativamente estéreis quanto à investigação do envelhecimento até que, em 1945, se organizou a *Gerontological Society* nos Estados Unidos, no seio da *American Psychological Association*.

A partir de 1946 aparece o «*Journal of Gerontology*». Lawrence K. Frank descreverá num editorial o objecto e as tarefas da gerontologia; sobressai a afinidade desta ciência com muitas outras disciplinas, sem excluir as ciências naturais nem as sociais.

O primeiro congresso da Sociedade de Gerontologia norte-americana celebrou-se em Detroit, em Setembro de 1947. No discurso presidencial, Pressey definiu as metas desta sociedade. Depois de se ter centrado a investigação dos decénios anteriores no desenvolvimento da infância e da adolescência, o importante era agora estudar a idade avançada da vida: não só a velhice, mas também o envelhecimento.

A partir desta época montou-se um trabalho de equipe nos países anglo-saxões, para a compreensão dos problemas gerontológicos.

O ano de 1938 constituiu um marco histórico para a gerontologia alemã, pois foi então que se fundou a primeira revista dedicada ao estudo da velhice, sob a direcção de Max Bürger, «Zeitschrift für Alternsforschung» (Revista de Investigação do Envelhecimento).

Mas só a partir de 1967, ano em que se constituiu novamente, na Alemanha Ocidental, a "Sociedade Alemã para a Investigação da Velhice", se conseguiu uma colaboração autenticamente fecunda entre as diferentes disciplinas científicas interessadas na problemática do envelhecimento (Ursula Lehr, 1987).

Em 1950 e durante um congresso celebrado em Liège, fundou-se a Associação Internacional de Gerontologia que reúne cientistas das mais diversas especialidades e tem por finalidade a investigação dos processos de envelhecimento.

O segundo congresso internacional teve lugar em 1951 em St. Louis (Missouri), sob a presidência de Cowdry. Duplicou-se o número de comunicações, duplicou também o de

participantes junto às secções de «biologia» e «medicina clínica», já existentes, e criou-se uma secção de «ciências sociais».

O quarto congresso internacional celebrou-se em 1957 em Veneza, sendo presidente E. Greppi. Foi o aumento de comunicações de sociólogos e psicólogos que deu origem a uma nova secção de «Bem estar social» dentro da Associação Internacional.

São as muitas e detalhadas informações sobre os respectivos congressos que justificam a designação de «fase de expansão das investigações sobre o envelhecimento» (Birren).

Uma análise mais detalhada das comunicações destes congressos, de clara orientação psicológica e que indica, até certo ponto, onde se encontra o fulcro da investigação, permite reconhecer que até 1960 se dava particular relevo à temática das mudanças verificadas no rendimento e nas funções; estudavam-se sobretudo as condições bio-fisiológicas de tais mudanças.

Até meados de 1950 verifica-se já um certo deslocamento do centro de interesse, uma incidência crescente sobre temas de psicologia da personalidade e de psicologia social. Foi adquirindo, entretanto, uma importância cada vez maior a investigação sociológica. A modificação da estrutura da população provocou a discussão de problemas sociológicos, até por parte de cientistas de outras áreas. Streib e Orbach(1967) afirmam o seguinte:

“O pensamento social de muitos cientistas não sociólogos não tem nada de sociológico. É ideológico e expresso em termos de necessidade emocional,

financeira e de bem estar dos pobres. Guia-se por motivos paternalistas e filantrópicos"

Rosenmayr manifesta até que ponto as questões apresentadas pelas necessidades práticas - por exemplo, «a abundância de hospitais e asilos para anciãos, os problemas assistenciais que apresentam as pessoas de idade avançada que vivem sós ou que se vêm abandonadas pela família... e o aumento das pensões» - dão lugar à formação de focos de investigação independentes entre si e centrados sobre determinados temas, dificultando, deste modo, uma elaboração conjunta de todo o conhecimento.

«O envelhecimento é hoje em dia, primariamente, destino social; secundariamente, modificação funcional ou orgânica» (Thomae, 1969).

Rosenmayr (1969) na sua breve revisão histórica da origem e evolução da sociologia da velhice («Estudo das relações entre pessoas de idades diferentes») foi o primeiro a introduzir considerações de tipo sociológico neste domínio. Enquanto que, dentro da sociologia da juventude, existem certas reflexões acerca da relação entre juventude e sociedade, nunca, desde a antiguidade europeia, «... houve discussão alguma sobre a relação entre idade avançada e sociedade», coisa que ele atribui a que os anciãos «não têm sido diferenciados como grupo da dita sociedade; não estão em luta com a mesma, como no caso da juventude; o sistema de valores dos anciãos é melhor adoptado pela sociedade».

Esta breve resenha histórica sobre a terceira idade pretende, no âmbito gerontológico, reforçar a ideia de que é preciso integrar e harmonizar as contribuições

de diferentes áreas do conhecimento - principalmente biológicas psicológicas e sociais - a fim de se tentar compreender a realidade do sujeito idoso.

Tanto na Antiguidade como hoje, através da gerontologia científica, a curiosidade perante a velhice suscita a mesma procura. Quer-se, simultaneamente, prolongar a vida e escapar à decrepitude. Na Idade Antiga, a reflexão, sobre a velhice expressava-se através da mitologia, frequentemente sob a forma de teatro. Esses mitos, numerosos e diversificados nas suas formas anedóticas, podem ser agrupados à volta de três grandes temas:

- O de um tempo passado em que os humanos eram extremamente longevos.
(O *Genesis* - cap. V - faz eco dessas crenças ao evocar a duração da vida dos patriarcas antediluvianos.)
- O tema de um lugar privilegiado onde se vive muito tempo, ignorando os achaques e misérias de velhice.
- Finalmente, o tema da (eterna) juventude representado no mito da fonte cujas águas teriam a propriedade de a restituir e perpetuar.

Birren justifica a criação dos mitos como forma de exorcizar as ansiedades provocados pelo envelhecimento e com a proximidade (contemplação) da morte.

Nos clássicos gregos vemos Aristófanes e Platão fazerem o elogio da sabedoria, prudência e coragem dos anciãos, como que contrabalançando um tom pessimista que perpassa nas suas descrições.

O séc. XV, conturbado, resolvia o seu terror da feitiçaria queimando tanto as bruxas como os velhos.

No séc. XIX os idosos indigentes eram encerrados em asilos e hospitais próprios.

O envelhecimento é um assunto desagradável: as crenças vão sendo substituídas lentamente pelo conhecimento produzido pela pesquisa científica (Birren, 1996).

Nos séculos passados havia pessoas tão idosas como as que há actualmente; porém, com a explosão demográfica verificado a partir do séc. XVIII - no mundo industrializado - mais o incremento da duração de vida humana, o envelhecimento da população é um fenómeno novo que provoca modificações nas estruturas da sociedade; o prolongamento da vida para além do período produtivo acarreta problemas inesperados. As novas situações desencadeiam perguntas à consciência da sociedade, relativas ao envelhecimento da população, e incluem as mais diversas áreas: sociológica, filosófica, politico-cultural, biológica, psicológica, etc.

Assim, a gerontologia moderna é fruto do esforço da reflexão conjugada de toda uma colectividade.

De um ponto de vista epistemológico, não se trata de "O" método científico -chamado gerontologia - mas de uma aplicação de métodos próprios das ciências (específicas) que examinam os problemas da velhice.

O estudo científico da velhice surge apenas no séc. XIX.

Na década de 30 do séc. XX as doenças crónicas passaram para o topo de lista como causas de morte, o que provocou um interesse crescente pelo envelhecimento individual.

Num ritmo acelerado desde o fim da Segunda Guerra Mundial (Riegel, 1977), a psicologia tem estudado com particular interesse o comportamento dos idosos. Os psicólogos passam a estudar a realidade física do envelhecer, centrando-se nos aspectos comportamentais e na mudança psicológica.

É a partir de meados do séc. XX que a gerontologia, enquanto ciência aglutinante dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais que afectam a realidade quotidiana do ser idoso, começa a constituir-se num "corpus" próprio, adquirindo identidade específica. A partir de 1950 realizam-se congressos e encontros de nível internacional e surgem inúmeras publicações dedicadas à Gerontologia.

No âmbito da gerontologia, as ciências sociais emergem mais recentemente do que as biológicas e encaram a ancianidade mais enquanto fenómeno social, dado que o aumento da duração de vida é um fenómeno novo, próprio da nossa época.

A sociologia começou a estudar a velhice, enquanto grupo, bem como a interacção deste grupo com a família e a comunidade em geral. Os factores sócio-demográficos são, com frequência, a expressão de variáveis político-económicas que determinam estilos de vida - com pouca intervenção da vontade própria - entrelaçados com circunstâncias histórico-biográfico-existenciais do sujeito.

Nas últimas décadas a pressão das correntes psicológicas e sociológicas veio alterar o quadro clínico da velhice: deixou de ser sinónimo de doença e passou a ser considerada como resultado da interacção de factores sócio-culturais e sócio-económicos do indivíduo com as suas características hereditárias e estrutura psicológica.

Por sua vez, os aspectos psicológicos são responsáveis pelos hábitos e comportamentos, crenças e atitudes, base da interacção cognitiva, interpretativa e vivencial com o meio.

Embora a psicologia do envelhecimento esteja presentemente em fase de rápida expansão -com um grande volume de publicações e investigações muito especializadas -, a sua demora em iniciar o estudo do desenvolvimento do adulto e do envelhecimento pode ter diferentes explicações: a abordagem atomística na qual a psicologia simulava

os processos da química e da física, mas também a preocupação acerca da complexidade do envelhecimento e a associação com o tópico da morte (segundo Birren).

Para tentar compreender o envelhecimento, aplicam-se muitas teorias psicológicas. Cobrem todo o espectro, desde os modelos dos mecanismos de funcionamento da memória até às tentativas de justificar as reacções emocionais aos acontecimentos dolorosos.

Entre as múltiplas técnicas de investigação destacam-se as que valorizam a mudança e o desenvolvimento.

Dominam as pesquisas sobre o estudo da produtividade cognitiva, embora novas tendências mostrem interesse em abranger outras variáveis, dado que a correlação de uma aptidão com a idade não esclarece a dinâmica dos processos de mudança.

O estudo que os psicólogos realizam actualmente sobre o envelhecimento - nos aspectos físico e psicológico - abarcam as suas implicações na memória, inteligência e personalidade, bem como as relações familiares e o impacto de acontecimentos importantes (a reforma e a viuvez) e muitos outros factores que afectam o bem estar psico-afectivo do idoso.

As ciências sociais têm o seu modo de ver a ancianidade. Como foi visto até agora, em gerontologia, a emergência das ciências sociais é mais recente que a das ciências biológicas. Isto deve-se a que «é mais enquanto fenómeno social, com o aumento da duração de vida, que é um fenómeno novo». As ciências sociais pressupõem implícita ou explicitamente as definições das ciências biológicas. Na elaboração de suas próprias definições da ancianidade, as ciências sociais partem de um mesmo elemento de

realidade que é a decadência biológica. A definição da velhice das ciências sociais poderia ser a seguinte: a velhice é a idade da reforma como consequência do declive biológico devido ao processo de envelhecimento.

A determinação da idade da velhice depende de considerações administrativas ou mesmo políticas. Se se analisam as políticas que incitam à reforma antecipada tem-se a impressão de que a idade da velhice está determinada também por critérios económicos. Para além de toda a diversidade, existe uma continuidade entre as definições cronológicas e as outras definições biológicas e sociais, porque é o aumento de anos que faz que o organismo decline e que a participação social do indivíduo seja afectada.

O Conhecimento científico e a gerontologia

O conhecimento científico é objectivo e pretende ser universal; o método científico deve separar a realidade que pretende conhecer das suas condições subjectivas de existência, condições que considera acidentais com vista à generalização pretendida.

A gerontologia é em principio uma reflexão existencial. Uma reflexão sobre a condição humana enquanto tal; é suscitada pelas inevitáveis questões que a ancianidade nos põe em relação com a condição humana. E não deixa de ser uma reflexão existencial quando se converte em reflexão científica.

Quando um conhecimento é de tipo experimental, o singular constitui o objecto mesmo do conhecimento. Converter o ser humano num «objecto equivale a esvaziá-lo da sua essência».

Sharon R. Kaufman faz a constatação de que «os investigadores se concentram sobre as partes constitutivas da pessoa anciã e sobre o seu contexto de vida. Ao ser as

partes de um todo o objecto do seu estudo, a humanidade essencial do vivido que eles estudam não se considera importante; apenas é visível através dos resultados de sua investigação, quando não está francamente ausente».

6. O Envelhecimento - Perspectiva Psicológica

O envelhecimento presume um processo ligado à idade mas não é idêntico ao passar do tempo, seguindo unidades lineares temporais.

Pode ser e é muitas vezes entendido como uma variável independente que explica outros fenómenos (por exemplo, o debilitamento da saúde ou o declínio intelectual) ou como variável dependente que é explicada por outros processos (por exemplo, o organismo que se percebe a envelhecer porque passou por uma experiência vital traumática).

O envelhecimento faz referência a diferenças inter-grupais de idade, assim como a uma variabilidade inter-individual (as pessoas de uma certa idade apresentam diferentes graus e padrões de envelhecimento) e uma variabilidade intra-individual (o mesmo indivíduo apresenta mudanças ao longo do seu ciclo vital).

Em todo o caso, tanto semântica como cientificamente, o envelhecimento parece ser o contrário de desenvolvimento.

O ciclo da vida tem sido entendido como um processo em que há dois períodos: um período de crescimento (seguido de uma etapa de estabilidade) e um período de involução, de declínio ou, por outras palavras, de envelhecimento.

Ajustar-se-ão a este padrão os fenómenos psicológicos?

6.1 Psicologia do velho, da velhice e do envelhecimento.

Psicologia do velho:

Consiste no estudo psicológico das pessoas mais velhas, de diferentes tipos ou classes (velhos-jovens, velhos-velhos; os velhos funcionalmente activos e os velhos frágeis, etc.)

Deste ponto de vista a psicologia do velho está intimamente relacionada com outras disciplinas psicológicas: a psicopatologia, a psicologia clínica, a psicologia social, da personalidade. etc. A necessidade de teorização neste âmbito é mínima, já que os programas de investigação têm enquadramentos psicológicos que lhes servem de marco e sustentação.

Dado que a psicologia do velho tem uma faceta assistencial prioritária, conota-se essencialmente com uma visão patológica e deficitária da pessoa idosa, repartida e emergente das concepções biomédicas do envelhecimento (Estes e Binney, 1989).

Segundo este modelo, a influência da idade sobre o comportamento é confundida com o impacto de múltiplas patologias sobre o indivíduo as quais, necessariamente, actuam sobre o funcionamento psicológico (Rabbitt, 1993). Concebe-se o envelhecimento como "problema", não só médico como psicológico, que acaba por encaixar perfeitamente nos estereótipos sociais negativos sobre o velho e a velhice.

A Organização Mundial de Saúde alertou já para que as imagens sociais negativas infundadas (pelo menos, em parte) se repercutem nas pessoas mais velhas através das atitudes inadequadas dos profissionais, familiares, próximos e ainda dos próprios idosos, podendo converter-se em profecias de cumprimento forçoso (OMS, 1990).

A Psicologia da velhice

Emerge de uma concepção diferencial da psicologia. Francis Galton, no final do século XIX, foi o primeiro a concluir — através dos seus exames às actividades sensoriais, perceptivas e motoras numa amostra de 9 000 visitantes da "International Health Exhibition" de Londres — que com a idade se produz um declínio de todos os processos mentais.

Nesta perspectiva a idade era considerada como a causa das mudanças psicológicas observadas.

O clássico padrão deficitário da velhice emerge destas investigações em que grupos etários diferentes são comparados no seu funcionamento psicológico, essencialmente cognitivo, medido através de tarefas de avaliação da atenção, da memória e da aprendizagem, bem como através de testes de inteligência geral.

- A medição do funcionamento intelectual unidimensional implica um modelo de envelhecimento unidireccional no sentido do declínio e do défice.

Estudos transversais

Ao compararem-se pessoas de idades diferentes está-se a comparar pessoas diferentes em geração, educação, condições sócio-económicas e outras circunstâncias (históricas, sociais e pessoais).

Este modelo deficitário teve grande importância em psicologia, talvez porque encaixa perfeitamente no modelo bio-médico do envelhecimento.

As diferenças provenientes de estudos transversais imputados à idade não explicavam as mudanças psicológicas pela leitura linear da idade, com as correlações biológicas - as mudanças biológicas não são paralelas às mudanças psicológicas - .

A psicologia do envelhecimento

É "O estudo das mudanças comportamentais que caracteristicamente ocorrem com o passar do tempo" Birren (1990).

Estudos longitudinais

Dado que o objecto de estudo da psicologia do envelhecimento é um processo, esta abordagem requer estratégias metodológicas complexas, com estudos longitudinais ou

sequenciais de coorte, em que gerações sucessivas de sujeitos são seguidas em determinado espaço de tempo. Tal tipo de investigação é necessária se se quer dar conta do processo de envelhecimento psicológico e para se poder estabelecer padrões de desenvolvimento (crescimento e declínio), de estabilidade e mudança através do ciclo vital. Estas pesquisas pretendem diferenciar os efeitos das variáveis biológicas, sócio-históricas e culturais dos que provêm das variáveis psicológicas.

Destes estudos derivam 4 conclusões fundamentais relativas ao funcionamento intelectual: a importância dos factores sócio-históricos, a variação dos padrões de mudança geracional, a variabilidade inter-individual e, finalmente, o padrão de mudança intelectual típico do ciclo da vida.

Factores sócio-históricos

Não parece existir um padrão deficitário normativo e universal e os efeitos da variação sócio-histórica - efeitos geracionais - são superiores aos efeitos da idade.

Variações de padrões geracionais

Quando se dá conta do funcionamento cognitivo e intelectual numa perspectiva multidimensional (através, por exemplo, de medidas multifactoriais da inteligência ou através de medidas diferentes de processos cognitivos) observa-se que existem certos padrões de mudança geracional. Por outras palavras, quando se comparam coortes diferentes em diferentes medidas de processos mentais pode-se observar um comportamento diferencial em aptidões diferentes directamente dependentes da geração de pertença dos analisados. Pode concluir-se que cada momento histórico parece potenciar certas habilidades mais do que outras.

Variabilidade individual

Existe uma marcada variabilidade inter-individual nos padrões de mudança e estabilidade. Assim, quando em estudos longitudinais se utilizam medidas multidimensionais do funcionamento intelectual, os resultados apresentam um padrão específico de mudança; por outras palavras, o declínio produz-se de forma diferente em diferentes aptidões.

Por exemplo, nos dados de Schaie (1990, estudo longitudinal de grupos de Seattle) não se encontra um único indivíduo que apresente um declínio em todas as aptidões medidas, incluindo os sujeitos seguidos até aos 81 anos.

Os padrões diferenciais no funcionamento cognitivo são atribuídos a variáveis pessoais, tanto relativas à saúde como aos sistemas sensoriais ou ao próprio funcionamento psicológico do indivíduo.

Mudança intelectual típica do ciclo vital

Da psicologia do envelhecimento emerge um padrão típico do funcionamento intelectual ao longo do ciclo vital.

Cattell e Horn (Cattell, 1963; Horn, 1970; Cattell e Horn, 1978) traçaram uma teoria bifactorial da inteligência: a inteligência fluida (IF) e a inteligência cristalizada (IC). A IF mantém uma implicação biológica forte e é observada mediante a execução de tarefas de baixo significado cultural; enquanto que a IC é avaliada mediante o rendimento em tarefas de alto significado cultural dependendo essencialmente de factores sócio-históricos, culturais e educativos.

Existe uma trajectória diferencial entre a inteligência entendida como conhecimento cultural e a inteligência como processamento de informação.

Cada uma destas categorias de funcionamento intelectual é regulada predominantemente por diferentes conjuntos de determinantes: biológico--genéticas

(incluindo a saúde) na inteligência mecânica fluída; versus a ambiental e cultural (incluindo a aprendizagem) na inteligência cristalizada.

Em resumo, tomando o funcionamento intelectual como paradigma da mudança psicológica no processo de envelhecimento, podemos concluir que:

- a) Os efeitos, tanto geracionais como pessoais, mascaram ou contaminam o padrão de envelhecimento psicológico. Outras variáveis, que não a idade, parecem ser responsáveis pela maior parte do declínio intelectual.
- b) Com o avançar da idade, não se dá uma mudança do funcionamento psicológico intelectual universal, geral e unidireccional; há funções intelectuais que apresentam débitos ou défices, outras que se mantêm constantes ao longo da vida e ainda outras que inclusivamente podem ser aumentadas.
- c) Uma avaliação multidimensional da inteligência aponta para resultados diferenciais: em alguns indivíduos declinam umas habilidades e não outras, assim como em outros sujeitos mudam qualitativamente e quantitativamente mais do que em outros.

Fica ainda por examinar o que sucede com o passar dos anos em outras funções psicológicas como as motivacionais, afectivas ou de integração pessoal e, ainda, se ao longo do desenvolvimento individual aparecem novas formas de inteligência ou novos processos adaptativos.

Desenvolvimento versus envelhecimento psicológico

A visão do cidadão comum coincide com a ideia de que o desenvolvimento se processa fundamentalmente na infância e na adolescência e, talvez ainda, na primeira parte da idade adulta. Esta perspectiva é congruente com as ciências biológicas. Quando, em Psicologia, se fala de desenvolvimento psicológico (essencialmente cognitivo)

estabelecem--se as etapas e operações que se sucedem ao longo da infância e adolescência, não referindo se existem novas formas de inteligência na idade adulta.

Existe um grande número de conhecimentos que provêm de dados empíricos e experimentais permitindo afirmar que o desenvolvimento psicológico é um processo com a duração de todo o ciclo vital e que cada etapa não é somente o resultado de mudanças devidas ao passar do tempo, mas também das condições pessoais e sociais, tanto a nível pessoal como geracional (Baltes 1987 Birren e Birren 1990).

Quando se fala em desenvolvimento está-se a falar em mudança (por oposição a estabilidade). Quer dizer, parte-se do princípio que um organismo se desenvolve quando se pode apreciar mudanças em alguns dos seus processos, estruturas ou características. Uma questão fundamental é saber se o desenvolvimento engloba a mudança tanto no sentido de ganhos ou crescimento como no sentido de perda ou declínio; isto significa ganhos (incremento de comportamentos adaptativos/positivos) e perdas ou défices (diminuição de comportamentos adaptativos/positivos).

Comummente, considerou-se o desenvolvimento como uma etapa do crescimento, enquanto que se reservou o termo envelhecimento para se referir o processo de declínio psicológico.

A oposição tradicional entre envelhecimento e desenvolvimento, feito como pura transposição das ciências biológicas para as ciências sociais, definiu o envelhecimento em termos exclusivos de declínio, como um processo unidirecional de perda de capacidade de adaptação.

Biologia e cultura - base do desenvolvimento e do envelhecimento psicológico

A biologia considera o envelhecimento como a etapa da vida em que, progressivamente, os sistemas biológicos perdem eficácia e, conseqüentemente, o organismo se torna mais

vulnerável. Dado que, como já se disse, a psicologia do envelhecimento é uma disciplina nova, não surpreende que, nos seus primeiros anos, guiada essencialmente pelas descobertas procedentes de estudos transversais (psicologia do velho e da velhice), tenha chegado a conclusões paralelas às procedentes da biologia e medicina no que respeita ao envelhecimento psicológico.

Embora o ser humano se desenvolva psicologicamente com base em estruturas, sistemas e processos biofísicos, fá-lo dentro de um contexto sócio-cultural e histórico que cunha e conforma tais sistemas e estruturas.

O comportamento inteligente vai-se incrementando progressivamente. Isto é atribuído a mudanças sócio-culturais que, como foi dito, contribuem significativamente para o funcionamento intelectual.

Existe acordo sobre a natureza bio-psico-socio-cultural da aprendizagem humana. Qualquer estrutura, processo ou característica psicológica é determinada por uma complexa teia de transacções entre as condições biológicas, sócio ambientais (geracionais e individuais) e comportamentais que ocorrem ao longo de todo o ciclo vital, do nascimento à morte (Bandura, 1967, 1978; Luria, 1979, 1980; Magusson?, 1996; Staats, 1963; Vygotski, 1934,1960).

O treino cognitivo (potencial de aprendizagem) põe inequivocamente em relevo a existência de um amplo potencial de aprendizagem na idade adulta e durante a velhice.

Crescimento e declínio:

São as duas faces do envelhecimento como processo de desenvolvimento psicológico.

As investigações sobre o envelhecimento utilizando estudos longitudinais de coorte demonstraram não se poder garantir a existência de uma mudança psicológica unidireccional e unidimensional como produto da idade.

Baltes (1987) entende por desenvolvimento "qualquer mudança na capacidade adaptativa do organismo, tanto positiva como negativa".

Assim, nos últimos anos, o desenvolvimento humano é visto como uma dinâmica constante entre "crescimento" e "declínio" que ocorre ao longo da vida.

As conclusões fundamentais são:

- a) o envelhecimento supõe um balanço entre crescimento e declínio;
- b) na velhice existem, também, crescimento e capacidade de reserva.

Envelhecimento e variabilidade

A velhice, longe de ser um processo uniforme de desenvolvimento (de crescimento e declínio) expressa-se com uma grande variabilidade. Se a morte é, certamente, um acontecimento inevitável, a forma pela qual os seres humanos chegam a ela é muitíssimo variável.

Meta-análises efectuadas sobre estudos gerontológicos põem em relevo que a variabilidade inter-individual aumenta com a idade (Nelson e Dannefer, 1992).

As pessoas entre os 60 e 80 anos têm padrões diferentes de estabilidade e de mudança intelectual: algumas aptidões mentais continuam constantes, outras declinam e outras podem até desenvolver-se (Schaie, 1990; Smith e Baltes, 1993; Rabbitt, 1993).

Há uma grande variabilidade do comportamento durante o processo de envelhecimento, o que nos leva a uma questão importante: qual é o padrão de mudança psicológica do próprio processo de envelhecer e qual o que é atípico, anormal ou patológico?

Busse (1969) estabeleceu uma distinção conceptual entre envelhecimento primário e secundário.

Envelhecimento primário refere-se a mudanças inerentes ao envelhecimento, enquanto o secundário faz referência a mudanças devidas a condições de saúde.

Importa não atribuir à idade mudanças (no sentido de declínio do funcionamento psicológico) que são causadas por outras variáveis (sensoriais, de saúde, etc.).

Como se sabe, por dados epidemiológicos, durante a velhice existe uma maior probabilidade de adoecer. Há uma correlação nítida entre a falta de saúde e o declínio cognitivo, mas em nenhum caso os efeitos de patologias no funcionamento cognitivo se devem confundir com os resultados da enfermidade (Baltes, 1993; Rabbitt, 1993).

A idade - os anos que nos separam do nascimento - não é tão importante para explicar o envelhecimento psicológico como os anos que nos separam da morte (Labouvie-Vief, 1985).

Isto foi avaliado através de um extenso estudo longitudinal. Quando os dados foram analisados retrospectivamente, o declínio cognitivo produziu-se num lapso de tempo imediatamente antes da morte e foi-se associando, essencialmente, a uma quebra geral do organismo (Birren, 1970; Rabbitt, 1993).

Padrões de estabilidade e mudança no funcionamento afectivo e na personalidade

Parte das concepções básicas sobre a velhice não se baseiam só num modelo unidirecional de declínio cognitivo e têm em conta as facetas emocionais bem como os processos afectivos do indivíduo: o bem estar psicológico, o auto-conceito, a auto-estima e outros atributos da personalidade também mudam (no sentido negativo) ao longo da vida. Tendo como modelo a "psicologia do velho" (quer dizer, do envelhecimento "patológico"), supõe-se que com a idade se produz infelicidade, baixa auto-estima e que as pessoas se tornam depressivas, rígidas e inflexíveis.

A eficácia do funcionamento cognitivo não está associada ao modo como o sujeito se percebe a si mesmo ou como se categoriza e descreve; pode-se, pois, começar por

verificar uma certa independência entre as dimensões cognitivas e afectivas, por um lado; do funcionamento psicológico, por outro.

A investigação sobre os padrões relativos a características de personalidade contradiz os estereótipos vigentes e avalia a estabilidade do comportamento ao longo da vida.

A norma é a estabilidade inter-individual das características específicas da personalidade, partindo de uma psicologia do traço.

A estabilidade na segunda metade da vida é muito mais alta do que na primeira metade (Bengtson e al, 1985; Kogan, 1990).

Os estereótipos relativos ao carácter das pessoas mais velhas parecem ser infundados: envelhece-se "sendo" como se viveu.

Uma segunda linha de reflexão indaga como o sujeito percebe o seu sentido de controle e o bem estar subjectivo. As muitas investigações sobre aspectos diferentes da subjectividade das pessoas mais velhas não põem em relevo que durante a velhice se produzam mudanças, nem em estudos transversais nem longitudinais (Baltes e Baltes, 1990; Brim, 1992; Filipp e Klauer, 1986). Além disso, os estudos sobre a aparição de depressão nas pessoas mais velhas que vivem no seu próprio domicílio levam a uma clara conclusão: não existe uma maior incidência de depressão durante a velhice.

Isto não quer dizer que a depressão não ocorra na velhice, como em outras idades da vida, como resposta a circunstâncias ambientais negativas (perda de seres queridos, doenças, etc.) e que a sua incidência em sujeitos mais velhos que se encontram institucionalizados não seja extraordinariamente alta; mas o estereótipo de que velhice é igual a depressão não tem, por agora, fundamento científico.

Estas conclusões globais mascaram, no entanto, uma realidade diferencial: os grupos de idade distintos sentem-se felizes por razões diferentes.

Dado que as nossas concepções sobre a velhice são, em termos gerais, negativas e uma vez que a velhice comporta importantes mudanças negativas (perdas de seres queridos, diminuição de poder económico, mudanças no aspecto físico e declínio da saúde), como é possível que estas circunstâncias adversas não se vejam reflectidas na apreciação subjectiva sobre si mesmo (como o próprio se qualifica, classifica ou define)?

Uma primeira resposta encontra-se na metodologia em que nos movemos: a avaliação de todas estas construções psicológicas passa pela auto-informação do sujeito (ou qualquer outra forma de medida subjectiva) e, como se sabe, estes instrumentos são importantes fontes de erro, como o são responder enganosamente ou de forma socialmente desejável.

A teoria dos papéis sociais em que se apoia um sistema de múltiplos "EUS" supõe que cada pessoa conta com vários conceitos sobre si própria (ser pai de família, filho, profissional, etc.). Estes papéis vão-se modificando ao longo da vida pondo em relevo o que se foi, é, ou será. A carga emocional positiva de um determinado conceito (por exemplo, ser uma pessoa fisicamente atractiva) pode desvanecer-se e ser substituída por outras (por exemplo, ser a/o "mãe/pai de família"). O ser humano vai modificando as suas expectativas, aspirações, objectivos e metas ao longo da vida, acomodando-as às circunstâncias que encontra e, neste percurso, existe um exercício de comparação em que os distintos papeis sociais vão mudando de valência.

Existe uma conclusão praticamente unânime: o processo de envelhecimento psicológico não acarreta um declínio ou deterioração dos estados emocionais subjectivos nem no modo como o indivíduo se classifica ou valoriza.

Isto é de particular importância quando, em estudos longitudinais ou de coorte, se examinam variáveis subjectivas ou características de personalidade como capazes de

predizer a longevidade. Os sujeitos mais longevos mostram, em sucessivas avaliações, um melhor humor, maior satisfação com a vida, mais alto conceito de si mesmos, melhor saúde subjectiva do que os menos longevos. Assim, por exemplo, o Estudo Longitudinal de Bonn (BOLSA; Thomae, 1976), em que se compararam as coortes (nascidas em 1890-95 e 1900-05) durante um período de 15 anos (1965/66-1980/81), revelou que as pessoas mortas mais tarde (as quais, portanto, apresentaram um cociente de longevidade mais alto), comparadas com as que morreram antes, apresentavam nas anteriores avaliações as seguintes características subjectivas: um grau mais alto de satisfação com a vida e em se sentirem úteis, mais baixas pontuações em rigidez e dogmatismo, melhor estado de ânimo, maior satisfação com as relações humanas e melhor saúde subjectiva. O último factor - a saúde subjectiva - foi considerado o melhor indicador de longevidade (melhor do que a saúde objectiva). Estes resultados fizeram concluir a Lehr que "não existe uma só variável que, independentemente, possa explicar a longevidade e o bem estar na velhice ... que os factores biológicos não podem ser considerados como exclusivos determinantes da longevidade... (e que) uma série de factores psicológicos parecem incrementar a esperança de vida formando (e junto com os anteriores) uma complicada trama de relações recíprocas que permitam explicar tanto a longevidade do indivíduo como o seu bem estar" (Lehr 1993).

PLASTICIDADE, ADAPTAÇÃO E ENVELHECIMENTO

Até aqui, tratou-se de apresentar os dados que contradizem uma visão do envelhecimento psicológico como um processo intrínseco, normativo e unidireccional, atribuído a uma diminuição constante da capacidade biológica auto-reguladora do organismo. Enfatizou-se a importância dos factores socioambientais (geracionais e pessoais) como fontes de explicação funcional tanto dos padrões ideográficos de

envelhecimento como da extraordinária variabilidade inter-individual no processo de envelhecer. Todos estes resultados levaram os psicólogos à investigação dos mecanismos adaptativos que ocorrem durante este período da vida e que se encontram na base de uma velhice competente.

A "capacidade de reserva" ou "plasticidade cognitiva" e busca de novas áreas de "adaptação e competência", na velhice, são as duas áreas de investigação que têm sido mais investigadas.

Capacidade de reserva

As observações relativas à alta variabilidade do funcionamento cognitivo durante a velhice apontam hipóteses relativas aos padrões individuais de mudança e estabilidade que poderão ser consequência da experiência e da prática (como produto de distintas circunstâncias pessoais e de coorte).

As predições estabeleciam que os sujeitos mais velhos modificariam as suas execuções de tarefas cognitivas se se lhes administrasse uma determinada prática e/ou fossem devidamente treinados.

Assim, a plasticidade cognitiva ou capacidade de reserva é entendida por psicólogos do envelhecimento como a possibilidade que um determinado indivíduo tem de modificar positivamente o seu funcionamento cognitivo mediante manipulações ambientais.

O treino das habilidades básicas mediante o paradigma "teste-treino-reteste" demonstrou em múltiplas investigações a capacidade de os sujeitos melhorarem as suas pontuações nos testes clássicos de inteligência e aptidões.

Em resumo: ao longo da vida, e na Velhice também, encontra-se uma ampla capacidade de reserva.

Mecanismos Adaptativos:

A competência é um novo constructo teórico e foi definida como o conjunto de conhecimentos e processos cognitivos que se põem à prova na resolução de situações específicas e problemáticas da vida quotidiana (Salthouse, 1990). Mas a competência não se expressa no vazio; para ser posta à prova, requer contexto propício, estimulante. A prática influencia (e, às vezes, determina) a efectividade do comportamento competente que se pode extinguir na ausência daquela.

Como já se assinalou, poucas medidas comportamentais se vêm isentas de possibilidades de melhoria através do treino. Pode afirmar-se, inclusivamente, que a experiência e a prática mantém ou preservam as habilidades que declinaram; na ausência de tais experiências, e através de processos de aprendizagem encobertos, o sujeito mais velho mantém os seus rendimentos máximos seleccionando campos específicos de funcionamento, optimizando os próprios recursos e utilizando novas estratégias na solução de problemas antigos que compensam certos declínios (Heckhausen e Schulz, 1993). Os resultados produzidos até agora permitem sustentar que não são só as pessoas excepcionais que se adaptam às mudanças que ocorrem na Velhice. Os mais velhos contam não só com uma ampla capacidade de reserva cognitiva mas também, em contextos propícios, com mecanismos adaptativos que lhes permitem ser intelectual e socialmente competentes até idades muito avançadas.

A SABEDORIA

Novas Formas De Comportamento Inteligente Na Velhice:

Até aqui, tem-se visto como o envelhecimento implica défices, declínios e perdas; mas, também, estabilidade, possibilidades de compensação e, ainda, de crescimento. Já num dos primeiros textos sobre o envelhecimento, escrito em 1922 pelo psicólogo Stanley

Hall, se descreviam várias facetas de crescimento durante a Velhice. No entanto, tivemos de esperar até às duas últimas décadas para se explorar sistematicamente uma nova forma de adaptação psicológica que ocorre, essencialmente, na Velhice: a sabedoria.

Hall (1922) apresentava a sabedoria como uma atitude meditativa, calma filosófica; imparcialidade e gosto pelo ensino moral. Erikson (1959) conceptualiza a sabedoria como uma etapa do desenvolvimento da personalidade caracterizada pela riqueza de conhecimento, empatia e maturidade de juízo. Conceptualmente a sabedoria é uma resultante emergente de uma integração pessoal dos factores experienciais, afectivos e intelectuais (estruturais e processuais) considerada como o protótipo do pensamento, conhecimento e forma de resolução de problemas durante a Velhice e que foi definida como a "capacidade fundamental de pragmática na vida que permite uma excepcional compreensão e juízo em situações humanas complexas" (Baltes e Staudinger, 1993; Staudinger, 1989).

Mas a conceptualização da sabedoria não é só um constructo teórico (portanto, fruto da mente dos psicólogos, humanistas ou outros cientistas); aparece, também, nas teorias implícitas do funcionamento intelectual, ou seja, aquelas que, formando parte da linguagem, estão na "mente" da gente comum (Sternberg, 1985, 1990).

Partindo das teorias implícitas para os atributos que formam parte do conceito de "sábio", estes agrupam-se em dois factores essenciais:

a) Compreensão excepcional e capacidade de juízo (por exemplo, utilizar o sentido comum, o saber aprendido da experiência, ver as coisas a partir de uma ampla perspectiva, etc.);

b) Ser observador e perceptivo, compreender-se a si mesmo e aos demais, ser capaz de ver o essencial da situação, ter a mente aberta, ser capaz de se analisar a si mesmo.

c) E, ainda, pensar cuidadosamente as alternativas disponíveis, valorizar a escuta, considerar todas as opções, pensar cuidadosamente antes de decidir, analisar todos os pontos de vista.

Contudo, obviamente, nem todas as pessoas mais velhas, pelo facto de sê-lo, apresentam os atributos de um sábio. A sabedoria é emergente do organismo; o produto da sua experiência, seus conhecimentos e suas condições socio-históricas e pessoais.

Algumas conclusões:

O desenvolvimento humano e a experiência de vida abrem novas formas de elaboração e integração do pensamento como a sabedoria. A sabedoria, no entanto, não é uma consequência necessária do passar dos anos, como há jovens velhos e velhos jovens, também existem velhos cujas convicções biológicas e vitais não lhes permitiram gerar recursos pessoais e que pouco beneficiaram da sua própria experiência, como também há jovens que se afanam na procura dessa forma de comportamento inteligente.

II Parte

Os novos conhecem as regras,

Os velho as excepções.

(Provérbio Espanhol)

Tive o privilégio de conhecer e viver de perto com três dos meus avós de quem guardo viva a memória suave de um amor incondicional. A ternura que me dispensaram enriqueceu, indubitavelmente, o meu património afectivo; e, sendo pessoas diferentes, ensinaram-me formas complementares de encarar o presente e pensar no futuro. Até entrar na vida adulta permaneci junto da minha avó materna que, mesmo na idade mais avançada, nunca deixou de ter tempo para cuidar com eficácia dos mais diversos assuntos. Embora fisicamente já frágil era escora e suporte de familiares e amigos. Conservou, até à morte, uma noção perfeita do mundo em que vivia, manifestando interesse pelos acontecimentos marcantes que iam ocorrendo, sem valorizar contudo, os que se lhe afiguravam como transitórios. Sabia cativar as pessoas e ria com facilidade. Atenta e interessada, emitia frequentemente juízos críticos lúcidos sobre mudanças sociais por ela testemunhadas, ao longo dos anos, que às vezes nos faziam rir e outras pensar.

Conhecer esta avó inteligente e sábia levou-me sempre a duvidar da decadência intelectual dos idosos. Aprendi incessantemente com ela e com os anciãos que me estavam próximos. Reflectir sobre o envelhecimento foi, portanto, uma resultante do que deles recebi.

Desejei entender melhor a realidade dos idosos - o que os move? o que os mantém vivos? - e para tal fui ao seu encontro.

A adolescência da velhice

No percurso da existência, chegamos à idade adulta e atarefamo-nos a "preparar" a maturidade, vivendo submersos em compromissos e obrigações de toda a ordem. Mas - citando Edgar Morin "não se ensina a ser velho"; e aos 65 anos confrontados com a reforma, o universo em que nos havíamos conformado é substituído. A fractura que ocorre entre o período produtivo para que o indivíduo fora treinado - o qual, além de justificação da sua existência, constituía uma fonte de sociabilidade — e o "depois" dá lugar a um isolamento repentino; e tendo que ajustar-se a uma razão de viver diferente, resta-lhe o seu mundo interior e, às vezes, a família; assim, os idosos com quem convivemos limitam-se, frequentemente, a familiares nossos.

Os agentes sociais estimulam o indivíduo, desde a infância, no sentido da obtenção do êxito e conquista da felicidade; e, inculcando modelos de comportamento, vão gerando automatismos, exercidos na juventude e vida adulta.

Em seguida o colectivo em que o sujeito está inserido dita-lhe novas pautas pelas quais se deve regular a sua situação de idoso - ao mesmo tempo que tem de adaptar-se a mudanças físicas produzidas no organismo.

Em muitos casos o ancião foi incapaz de elaborar, por carência de tempo ou outras limitações, uma resposta (eficaz) de contraposição aos estímulos para que havia sido condicionado ou uma crítica de contestação ao estatuto que lhe é atribuído.

Com efeito a velhice é uma situação infravalorizada por preconceitos desta sociedade usualmente partilhados pelo próprio sujeito idoso.

Assim, e numa perspectiva empírica, levantaram-se-me questões quanto ao significado que as pessoas com mais de 65 anos — no fim do seu ciclo "produtivo" - atribuíam ao envelhecimento e à ancianidade: entre outras, em que medida poriam em dúvida o serem aceites pela comunidade envolvente e como ajustariam as suas vivências a estereótipos negativos; ou qual o seu relacionamento com o tempo e com outras "gerações".

Apresentação do estudo do caso

Digam que estou desgostoso,
digam que eu estou triste,
digam que a saúde e a riqueza me abandonaram,
digam que estou ficando velho, mas digam que
Jenny me beijou.
Leigh Hunt

Tendo em conta as dificuldades maiores da velhice quando associadas a diferentes problemas vivenciais - como a doença, constrangimentos económicos ou múltiplas formas de perda de autonomia - escolhi um conjunto de pessoas onde essas variáveis

não estivessem presentes; isto é: pretendeu-se com este trabalho **entender** o modo como os reformados activos e sem problemas financeiros de monta, não tendo na velhice preocupações acrescidas às da sua idade adulta produtiva, ou seja, fruindo de um confortável descanso após uma vida activa, com os "filhos criados" e depois de "cumpridas as obrigações" se percebiam.

Para a realização do presente estudo optou-se pela utilização de uma técnica projectiva cujo mérito reside em revelar as características mais profundas do indivíduo: simplificando pode-se afirmar que o material projectivo funciona como um écran onde o sujeito "projecta" os seus mais íntimos sentimentos, desejos, conflitos e ideias.

No presente caso, o emprego do método seleccionado — o SAT - afigurou-se como o mais adequado às finalidades visadas. Assim, tendo sido construído especificamente para os adultos mais idosos, procura não os esvaziar da sua essência ou, dito de outro modo, permitir-nos pensar a velhice do ponto de vista da pessoa idosa ou da que está a envelhecer.

O SAT forneceu os estímulos e mediante a sua aplicação, tanto quanto homogeneizada, deu-se-lhes a palavra e analisou-se, posteriormente, o "corpus" produzido.

Tendo em conta o tipo de população visado, comecei por me dirigir à Universidade do Autodidacta e da Terceira Idade do Porto - UATIP.

Este estabelecimento começou a funcionar em 1991, com 80 alunos, e em 1994 passou a ter uma casa própria cedida pela Câmara Municipal do Porto.

Obtida a anuência e melhor colaboração da directora, que também respondeu ao teste escolhido, só foi possível recolher 5 protocolos, apesar da prestância demonstrada pelos alunos, porquanto as instalações da UATIP são cada vez mais pequenas para a frequência e não dispõem sequer de locais de repouso para além de um pequeno bar apenas equipado com duas mesas e onde se permanece pouco tempo. Depois do início pleno das aulas todos o espaço é necessário para a realização das actividades escolares.

A população é predominantemente feminina e tem, em geral, o seu tempo muito ocupado: cabeleireiro, netos, ginástica, compras, preparação de jantares familiares, ajuda em diversas tarefas aos filhos.

Devido às dificuldades sentidas - falta de espaço e disponibilidade de tempo dos alunos da UATIP - dirigi-me a outra instituição que respondesse aos parâmetros definidos: o Ateneu Comercial do Porto. Foi fundado há mais de 130 anos com preocupações culturais e funciona para os seus sócios principalmente como um clube. O nível etário destes tem vindo a aumentar. Por rotina e afecto permanecem sócios e as direcções não têm conseguido cativar pessoas mais novas.

Está situado num excelente edifício, em plena baixa do Porto. Os salões de jogos, onde se realizam com frequência campeonatos de bridge e de bilhar, são confortáveis, espaçosos bem iluminados e aquecidos. Os sócios sentem-se bem e têm orgulho daquela sua casa que, pelo que me foi dado constatar, frequentam há muito e continua a ser o seu espaço de lazer e de encontro com amigos. Algumas das pessoas que se prestaram a responder ao teste são sócios há 30, 40 e até 50 anos.

A localização é a ideal pelo grande número de transportes e fácil acesso de diferentes pontos da cidade. O centro do Porto, onde vive um grande número dos sócios, é onde a população está mais envelhecida. Lêem diversos jornais e revistas, tomam um chá, jogam uma partida de bridge ou xadrez, fazem paciências e convivem. Estes hábitos não se formaram, regra geral, depois da sua entrada na reforma; com esta alteraram, em alguns casos, os horários; mas as pessoas que responderam ao teste tinham, já antes da reforma, o hábito de frequentar o Ateneu assiduamente. Segundo declarações expressas, o Ateneu era, décadas atrás, "o único sítio onde nos podíamos divertir; isto e o cinema eram os divertimentos na altura", o que motivava a adesão de numerosos sócios, então unicamente do sexo masculino, sendo a frequência feminina limitada a familiares e convidadas. Ali se geravam namoros. Outro atractivo de peso da associação era os jogos de que se organizavam campeonatos.

Trata-se de uma população relativamente homogénea, constituída principalmente por pessoas mais velhas e confortavelmente instaladas na vida, isto é, sem motivo para ter preocupações com a própria subsistência; os sócios pagam cotas mensais que exigem uma disponibilidade económica a qual — calculo a partir dos dados do Instituto Nacional de Estatística — só é usufruída por menos de 4% da população nacional deste nível etário.

Apresentam todos um aspecto saudável; e os que se prestaram a responder ao teste tinham, ainda, algum tipo de actividade residual. A aproximação do Ateneu foi feita através de um membro dirigente que me apresentou a dois sócios aos quais pediu não só que se prestassem a responder ao teste mas também que solicitassem a outros a mesma colaboração.

Um destes sócios foi um incansável e entusiasta auxiliar do presente trabalho. A ele e ao presidente devo a colaboração dos restantes associados inquiridos.

2. Caracterização da amostra

Idades	Homens	Mulheres	TOTAL
65 — 79	1	4	5

U.A.T.I.P.

- 2 senhoras não referiram quaisquer habilitações específicas. Estavam a aprender agora, o que as adversidades da vida não lhes tinha permitido fazer.
- Outra possuía um curso comercial e tinha exercido a sua profissão muitos anos atrás, antes de casar.
- Todos na UATIP pareciam muito satisfeitos pela oportunidade que lhes era dada de continuarem a aprender; finalmente tinham tempo e dinheiro suficiente para estudar.

Idades	Homens	Mulheres	TOTAL
65 — 83	15	1	16

ATENEU

Em 1994 (Dezembro) o Ateneu contava com 1485 sócios contribuintes; além destes, existem ainda perto de três centenas e meia de sócios correspondentes que residem ou trabalham noutros distritos, algumas dezenas como sócios "remidos" por terem completado mais de 50 anos de associados, alguns sócios colectivos e 12 sócios honorários, salientando-se um declínio paulatino que se vem registando desde 1989, ano em que a base associativa era de aproximadamente 1900 indivíduos.

Esta perda gradual de capacidade de renovação do Ateneu vai atingir essencialmente os escalões etários mais jovens, vindo a reflectir uma estrutura etária amadurecida e uma tendência ao envelhecimento se, a breve trecho, não se enveredar por uma estratégia de angariação de sócios

que permita a substituição de gerações, possibilitando a entrada de várias centenas de novos associados. Repare-se na sobre-representação do grupo etário composto por 70 e mais anos, cujo peso relativo ascende aos 27%, face aos escassos 0.3% do grupo etário mais baixo (<19 anos). Sendo a idade média os 59 anos, o grupo modal é o de 70 e mais anos, o que vem confirmar o envelhecimento da massa associativa actual.

Álbum de Recordações do Ateneu Comercial do Porto (1869-1994), Porto 1995

O Ateneu Comercial do Porto tem uma população maioritariamente masculina, com 20,6% de mulheres que só há poucas dezenas de anos podem ser sócias. Neste grupo uma percentagem considerável são viúvas de antigos sócios.

Devido a esta predominância masculina, só uma sócia do Ateneu se dispôs a responder ao teste, tendo-me após a passagem deste explicado a não disponibilidade das mulheres para o trabalho em causa:

Há muitos sócios com níveis escolares muito baixos mas que, tendo sido comerciantes ou industriais, conviviam com outras pessoas e viajavam; enquanto que as mulheres, sem esse género de experiências, se sentiam inibidas e desconfortáveis para responder.

As pessoas que colaboraram mesmo as de níveis sócio-económicos elevados, não tinham tido, em momento algum da sua vida, qualquer contacto com testes psicológicos, nem mesmo através das orientações escolares dos seus filhos, pois à data ainda não estavam muito difundidos no Porto. Será, talvez, por isso que o número de palavras utilizadas por indivíduo em cada gravura e no total da prova é substancialmente inferior ao apontado nos estudos referidos no manual de Bellak.

Como já foi referido, uma parte da amostra é constituída por estudantes da UATIP e outra por sócios do Ateneu, num total de 21, entre os 65 e os 83 anos.

Idades	Homens	Mulheres	TOTAL
65 — 69	2	3	5
70 — 74	6	1	7
75 — 79	6	1	7
80 — 85	2	0	2
TOTAL	16	5	21

- Média de idades dos homens: 74,3 anos
- Média de idades das mulheres: 69,4 anos
- Média de idades na UATIP: 70 anos
- Média de idades no Ateneu: 73,57 anos
- Média de idades total: 73,14 anos

Por ser em alguns casos um assunto difícil de abordar, não se perguntou a nenhuma pessoa quais as suas habilitações escolares, embora soubesse como podem ser importantes no estudo das produções de cada uma. Estas informações foram-me dadas espontaneamente.

- 4 com cursos superiores;
- 2 contabilistas ;
- 1 violinista;
- 1 controlador aéreo;
- 1 enfermeiro radiologista;
- 3 mulheres sem habilitações específicas para terem exercido uma profissão;
- 1 senhora com um curso comercial, tendo exercido a sua profissão muito pouco tempo;
- Os restantes julgamos poder afirmar que teriam menos anos de escolaridade. Alguns seriam comerciantes, muito representados na população do Ateneu.
- Na maioria são casados: 17 — 81%;
- 2 são divorciados: um homem e uma mulher: 8,5%;
- 2 são viúvos: um homem e uma mulher: 8,5%.

Todos têm filhos e netos (só um não tem netos) com quem mantêm contactos frequentes.

Os protocolos recolhidos na UATIP e no Ateneu são muito semelhantes, tanto em número de palavras por gravura como nos temas abordados.

Nota-se, apenas, que há um maior número de respostas com o tema económico na UATIP.

Assim, os quadros e a análise dos temas serão apresentados separadamente — a fim de dar conta de ligeiras diferenças entre as duas amostras — e em conjunto.

Interessa analisar os resultados na sua globalidade e não o estudo de cada um dos indivíduos. Quando me apresentei às pessoas a quem pedi colaboração expus-lhes o que pretendia, tendo o cuidado de lhes explicar que não era o seu caso particular que interessava mas sim o conjunto de todas as respostas. Para a maioria era muito importante o anonimato que lhes foi garantido através do sócio presidente.

3. As técnicas projectivas

Para a investigação da personalidade o psicólogo dispõe dos métodos projectivos que possibilitam uma apreensão mais profunda dos conteúdos dos quais o sujeito não tem total consciência.

L.K. Frank, em 1939, criou a expressão "métodos projectivos" para designar um conjunto de instrumentos que procuravam abordar o indivíduo no que ele tem de singular.

A noção de "projectão", quando se fala de técnicas projectivas, não se refere aos mecanismos de defesa, mas a um processo comum a todos os indivíduos. Trata-se de uma projecção interpretativa.

Laplanche e Pontalis (1974) definem a projecção dizendo: "o sujeito percebe o meio ambiente e responde ao mesmo em função dos seus próprios interesses, atitudes, hábitos, estados afectivos duradouros ou momentâneos, esperanças, desejos etc.". O indivíduo estrutura ou interpreta a sua realidade de acordo com as suas próprias características. Há uma interacção dinâmica entre os objectos do mundo externo e o mundo interno da pessoa, criando-se uma terceira realidade. Para esta percepção dinamicamente significativa da realidade, Bellak (1947) propõe o termo "apercepção". De acordo com esta definição, a apreensão do meio terá sempre um componente subjectivo. As preocupações, vivências e necessidades do indivíduo no momento direccionam a atenção e a percepção do ambiente.

Existe um contínuo na percepção que iria, teoricamente, desde uma percepção "objectiva" até uma distorção aperceptiva extrema que implicaria uma perda de contacto com a realidade.

Nas técnicas projectivas procura-se favorecer o aparecimento do mundo interno. É fornecido um mínimo de elementos externos suficientes apenas para produzir a resposta e permitir uma avaliação do contacto com a realidade. Anzieu (1978) afirma que a percepção é feita do confronto da estimulação (factores externos) com a intensidade das necessidades do indivíduo (factores internos).

3.1. SAT — Historial e Fundamentação Teórica

Pensa-se que os problemas dos idosos giram em torno da solidão, inutilidade, doença, desamparo e diminuição da auto-estima. Isto poderá não ser forçosamente assim (Bellak, Leopold; Bellak, Sonya).

Existem conceitos e preconceitos que estão a ser postos em causa sistematicamente. Acredita-se, por exemplo, que muito do que, até agora, do ponto de vista médico era e é visto como relacionado com a velhice poderá não ter uma relação de causalidade linear.

Do ponto de vista psicológico parece ser ainda mais duvidoso que haja um paralelismo entre a decadência física e a psicológica.

*Asistimos hoy a una época que es o debe ser de liberación de la mujer, pero también de liberación de la vejez, de los prejuicios que hasta ahora la lastaban. (Entrevista de Aranguren a Vicente Molina Fox publicada no livro *La edad de oro*).*

Na nossa cultura aparecem associados à velhice fenómenos sociais, psicológicos e económicos que não são usuais em outras culturas.

Esta técnica projectiva é descrita de forma clara e sucinta pelos autores que revelam a preocupação de a terem construído especialmente para uma população mais velha.

Os autores criaram gravuras suficientemente indefinidas para permitirem uma razoável liberdade de interpretações mas que apontam para a reflexão de situações e problemas próximos dos que existem para os idosos, de modo a que pudesse ser útil "pelo menos para aquela pequena parcela de idosos que chega aos cuidados dos profissionais de saúde". Lembram, no entanto, que muitos dos jovens-velhos — de 65 aos 75 anos — conservam uma excelente saúde e não precisam de ajuda. Para isso criaram estímulos que permitissem uma reflexão acerca da velhice, desenhando motivos que têm a ver com o quotidiano do idoso.

Tercera edad es «saberse viejo», pero hay una cuarta, que es «sentirse viejo»
(Retirado da entrevista, já citada, de Aranguren).

O SAT oferece, assim, estímulos que possibilitam isolar os temas de solidão, doença e outras vicissitudes, ao mesmo tempo que apresenta gravuras que levam à reflexão de sentimentos felizes como, por exemplo, a alegria do reencontro com netos (3 e 4) os prazeres da dança, da interação social e do jogo (5 e 15).

Cinco das gravuras são suficientemente ambíguas para conduzirem tanto a temas felizes como a uma reflexão sobre as dificuldades (1 - 2 - 7 - 11 - 13).

Pertencem a esse grupo, também, as gravuras que representam uma cena de família e num centro de convívio para idosos.

Como no TAT, o teste consiste no uso de gravuras que representam situações diversas a partir das quais o testando é convidado a desenvolver um tema, narrar uma história.

Expondo-se o sujeito a uma série de situações sociais típicas e possibilitando-se-lhe a expressão de sentimentos, imagens, ideias e lembranças vividos em cada uma destas confrontações, ter-se-ia acesso à personalidade subjacente às suas preocupação e medos. Este procedimento levaria o sujeito a "projectar", no sentido geométrico do termo, o Mundo interno nas situações apresentadas. As situações, aqui, são mais precisas do que no TAT. Perante este material, o indivíduo identifica-se com a situação/personagem e comunica a sua experiência perceptiva única. Pretende-se, assim, conhecer as situações que suscitam no indivíduo temor, desejos, dificuldades, assim como as necessidades e preocupações fundamentais.

Murray considera a personalidade como uma abstracção formulada pelo teórico e não uma descrição do comportamento do indivíduo; definiu-a como um compromisso entre os desejos e as exigências do meio. É o agente organizador e administrador do

indivíduo e a sua função seria integrar conflitos e pressões visando a satisfação das necessidades. Murray considera o indivíduo naquilo que tem de mais próprio na sua relação consigo e com o mundo.

Bellak afirma que a aplicabilidade do SAT é idêntica à do TAT e do CAT, pois permite revelar certos problemas relativamente superficiais que podem ser úteis para profissionais sem treino específico em psicologia como, por exemplo, médicos, enfermeiros ou assistentes sociais.

As histórias relatadas são frequentemente um bom guia para o conhecimento concreto das preocupações do quotidiano: mudanças de estilo de vida, possibilidade de entrada num lar, preocupações com a saúde, problemas familiares, integração social, etc.

Com maior frequência do que os adultos mais novos e do que algumas crianças, os idosos contam histórias relativamente concretas, com muitas auto-referências. É, assim, possível, com a aplicação do SAT, tirar rápidas inferências.

É o uso dessas defesas relativamente simples, ou a ausência delas, o que dá forma às manifestações das desordens psiquiátricas na velhice.

" Os distúrbios psicológicos que comumente ocorrem na velhice tendem a ser reacções directas simples a circunstâncias angustiantes, utilizando mecanismos de defesa psicológicos relativamente simples, até mesmo primitivos" Pfeiffer e Busse ("Mental illness in later life", referido por Bellak).

Afirmam, ainda, que as defesas mais notáveis nesse grupo etário são: fuga, negação, projectão e somatização. Todos estes mecanismos usados para lidar com a ansiedade estão disponíveis logo no início da vida.

Por vezes nem esses mecanismos simples são usados por pessoas mais velhas e a ansiedade gerada por circunstâncias adversas é experimentada quase sem modificação.

O SAT tem em conta as necessidades específicas, limitações e condições de vida das pessoas mais velhas.

O material

O material do SAT consiste em 16 pranchas que, segundo Bellack, apresentariam "situações humanas clássicas". A maioria das personagens representadas aparenta uma idade adulta avançada, por vezes em convivência com personagens mais novas.

As pranchas do SAT, por constituírem estímulos projectivos, favorecem a interferência da subjectividade na apreensão de seus conteúdos. Podem ser percebidos mais objectivamente do que no TAT, pois as personagens são relativamente definidas, assim como os elementos do cenário. O SAT não possibilita uma certa "distância psicológica"

Construção da Técnica de Apercepção para Idosos

Os autores partiram de algumas noções actuautes em relação aos temas que queriam focalizar. Além da sua prática clínica, incluíram temas que consideraram relevantes tratados na literatura gerontológica.

A partir desses temas, Sonya Bellak desenhou uma série sucessiva de 44 pranchas que foram fotocopiadas e aplicadas a uma série estratificada de idosos, activos ou aposentados, vivendo em casa própria ou institucionalizados.

No decorrer da colheita das histórias (quase todas gravadas) ficou claro que algumas das gravuras raramente suscitavam histórias interessantes ou variadas.

Após a reflexão clínica, os autores verificaram que algumas gravuras falhavam enquanto propulsoras, devido à "ambiguidade insuficiente" ou à falta de interesse pelo tema proposto. Das 44 gravuras foram finalmente seleccionadas apenas 16.

Optaram por construir quase todas as personagens ambíguas quanto ao sexo.

As pranchas são maiores do que as do TAT ou do CAT, pois a visão nos idosos é mais limitada.

Dizem, ainda, terem tido particular cuidado em construir atmosferas afectivas. Isto foi feito com o intuito de avaliar possíveis problemas psicológicos.

Não são gravuras alegres, nem se poderia esperar que o fossem, como também não o são no TAT ou no CAT. De qualquer maneira, criaram gravuras não demasiado depressivas ou melancólicas a fim de não desencorajar os sujeitos além do inevitável neste tipo de tarefas, dizem. As situações representadas propõem vários aspectos da vida.

- o Na amostra vários sujeitos referiram agrado pelas gravuras e salientaram a correcção e actualidade dos temas representados.
- o Houve também quem se queixasse da tristeza que as gravuras suscitavam.

Esta técnica não requer validade e precisão estatística sofisticada. O facto de as gravuras representarem situações frequentes na vida diária origina respostas típicas..

Como generalização, dizem, ainda, que os idosos parecem contar histórias mais concretas do que as das crianças no CAT ou como as dos adultos para o TAT. Baseiam-se apenas numa impressão clínica não consistente com uma suposição amplamente difundida de que há uma tendência de contracção do campo de interesses entre muitas pessoas de idade mais avançada.

Estas informações basearam-se em respostas de um cento de pessoas (sem contar as anteriormente rejeitadas): 44 homens e 56 mulheres entre os 65 e os 83 anos.

Entre as histórias dessas 100 pessoas o termo médio em n^o de contagem de palavras foi de 112, com média de 138 e a moda de 280. O tempo médio para a aplicação de 10 gravuras variou de 20 a 30 minutos.

Frequentemente as histórias reflectem problemas que não podem ser verbalizados de maneira directa.

Os males da velhice não representam problemas terapêuticos diferentes das mesmas condições em outras fases da vida que tenham um factor mais ou menos precipitador. Dizem, ainda, os autores do SAT ser importante compreender e situar numa sequência uma queixa actual em relação à personalidade prévia, para o entendimento do idoso.

As pessoas reagem de forma diferente em relação às perdas, às mudanças ou à reforma; o mesmo acontece, logicamente, com o envelhecimento. O idoso é afectado diferentemente no seu narcisismo pela perda dos seus atributos estéticos ou pela diminuição dos seus poderes. Isto é tanto mais importante quanto todo o seu mundo tenha sido construído com base nestes atributos que, com o envelhecimento, forçosamente vai perdendo.

A história de vida e os dados do SAT fornecem um quadro geral da estrutura e da dinâmica da personalidade, além de também poderem fornecer os dados específicos relacionados com os transtornos agudos que poderão ser visíveis a partir do quadro geral. O SAT pode também ser utilizado para uma intervenção terapêutica efectiva e/ou para reestruturar uma situação.

Dados relativos à técnica de apercepção para idosos.

O SAT insere-se na classe de técnicas projectivas: um estímulo é apresentado a um sujeito e as suas respostas, sob a forma de história, palavras e comportamentos, são minuciosamente examinados quanto ao que possam revelar a respeito desse sujeito.

Em 1950 Bellak introduziu o estudo das defesas nas técnicas projectivas e estendeu a elas a aplicação da Psicologia do Ego num trabalho de 1954; posteriormente, ampliou o conceito no seu livro a respeito do TAT e do CAT.

"Na medida em que estudamos cada pessoa como um indivíduo, formas idiossincrásicas e ideográficas de lidar com uma situação de estímulo específico afectam o processo que estamos estudando". Os autores preferem usar o termo **Técnica de Apercepção para Idosos** por ser mais correcta, portanto preferível a Teste. Dado que as inferências a respeito de uma pessoa são feitas a partir das comparações das respostas da pessoa com as respostas de um grupo, algumas normas são recomendáveis e úteis:

- a) Para assegurar que as repostas terão extensão e um conteúdo significativo, as gravuras devem estimular histórias que revelem algo a respeito das personalidades e problemas da população alvo, com mais de 65 anos de idade.
- b) O comprimento das histórias em relação às respectivas gravuras parece estar directamente correlacionado com a ambiguidade. Aquele parece, pois, ser uma medida útil para a validade da gravura, critério comumente aceite.
- c) O estudo dos temas abordados e as suas frequências fornecem informações imprescindíveis sobre as problemáticas do indivíduo.

d) É, ainda, necessário ter uma ideia geral a respeito dos temas "populares", isto é, temas frequentemente suscitados pelos estímulos, o que justificou e garantiu a base para a selecção das gravuras. O estabelecimento de alguns temas "populares" deverá possibilitar que se façam algumas inferências experimentais quando as respostas individuais se desviam da norma esperada de maneira significativa.

A aplicação

As instruções foram ditas no início do teste e raramente tiveram que ser esclarecidas ou reformuladas. As instruções resumem-se a:

"Vou-lhe mostrar uma série de figuras e peço-lhe que invente uma história para cada uma delas. Diga o que está acontecendo, o que sentem e pensam as personagens".

Segundo Shentoub, a interferência do experimentador deve ser a mínima possível, para que não modifique a resposta do testando e, também, para garantir uma coerência entre a natureza do material, as instruções e a figura do examinador.

Apresentou-se a primeira prancha e iniciou-se a gravação.

Não foi feito inquérito final. Em contrapartida, pediu-se aos sujeitos, no final da prova, que escolhessem as gravuras de que tinham gostado mais e menos; aí surgiram explicações que elucidaram alguns aspectos.

Como recomenda Vica Shentoub, aceitou-se a produção espontânea do testando, fosse ela qual fosse.

O registo

- a) Tempo de latência inicial: Intervalo entre a apresentação do estímulo e a primeira verbalização do sujeito.
- b) Tempo total: Intervalo entre a apresentação da prancha e o final do relato espontâneo.

A observação

Tanto o comportamento verbal como o não verbal do sujeito durante a aplicação foi anotado; e na descrição da análise dos protocolos são referidos alguns aspectos observados: mudanças de postura, reacções corporais face à apresentação dos estímulos, alterações na voz, sinais de ansiedade provocado pela prancha, o seu grau de envolvimento com a situação, etc.

Os "dados objectivos" do estímulo

Quais os elementos ou factores externos sobre os quais o indivíduo deverá apoiar a sua narrativa?

No manual, Bellack refere as normas aperceptivas (o que é frequentemente visto nas pranchas). O sujeito é convidado a narrar uma história a partir do estímulo, sendo necessários os parâmetros que indiquem em que consiste o estímulo. As normas aperceptivas são o consenso, aquilo que seria o dado "objectivo" oferecido pela prancha.

Recorrendo às normas aperceptivas, verifica-se se a apercepção é ou não usual, se houve ou não uma distorção significativa. A distorção indica que na prancha em

questão o indivíduo sofreu a acção de motivos internos que impediram ou perturbaram um contacto adequado com a realidade externa. Tais motivos podem ser, em princípio, de duas ordens: evitar entrar em contacto com as associações derivadas da cena, ou ter conteúdos bastante investidos de energia associada que se manifestavam intempestivamente (ou seja, fracasso no uso das defesas).

Por detrás do conteúdo objectivo do estímulo existe um conteúdo latente que evocará ou estimulará os conteúdos pessoais do sujeito. As situações propostas pelas pranchas visam representar "situações humanas clássicas" segundo Murray, ou "conflitos universais" segundo Shentoub.

"Conflitos Universais" ou "Situações Humanas Clássicas"

Para se ter conhecimento das áreas que cada prancha procura mobilizar, existem as normas temáticas. Estas indicam os temas comumente evocados pelos diversos estímulos. Quando o testando dá uma resposta de acordo com a norma, isto é, quando foi sensível ao conflito evocado pela prancha, dizemos que deu uma resposta *cliché*; Bellak denomina estas repostas de *populares*.

As respostas *banais, populares ou clichés* indicam a capacidade de adaptação do sujeito à tarefa proposta e a sensibilidade à área evocada. São relatos mais voltados para a realidade externa, o que não implica, necessariamente, a ausência da projecção de conteúdos pessoais.

O quadro evidenciar-se-á como mais problemático se houver um número significativo de distorções aperceptivas, ou respostas não-cliché, com perseverança no mesmo tema.

Murray (1943) esquematiza o processo de elaboração da resposta do seguinte modo:

- A) A prancha desencadeia uma actividade perceptual que suscita uma visualização activa (selectiva) do texto;
- B) promove um processo associativo que evoca conteúdos mnésicos de experiências vividas, conhecimentos, fantasias e
- C) gera uma resposta emocional.

Ao analisar estes três elementos que situam o sujeito frente à aplicação, Shentoub constata que se propõe o contacto com a fantasia, ao mesmo tempo se que fixam os limites da realidade.

Vica Shentoub (1983) afirma que numa situação singular os mecanismos mentais desencadeados pela tarefa proposta vão criar uma fantasia a partir dos dados daquela realidade.

Este material é relativamente "objectivo" e apresenta estímulos facilmente identificáveis, como a idade das personagens. Trata-se do **conteúdo manifesto** cuja apreensão revela basicamente o contacto com a realidade do indivíduo, a sua capacidade de ver o mundo como a maioria das pessoas o vê. Revela, também, o aspecto adaptativo da resposta. Este dado objectivo fixaria os limites da realidade.

Dá-se a indicação: "imagine uma história, mas faça-o a partir destes dados".

A instrução, ao solicitar que o sujeito imagine uma história sobre a gravura, faz um apelo contraditório: é convidado a lançar mão do material inconsciente através de estímulos objectivos. Apela-se aos *processos primários*, modo de funcionamento das estruturas inconscientes, necessários para que o sujeito *imagine* uma história; mas o seu discurso deverá ser verbal, lógico, coerente, pois é-lhe solicitado que relate a história.

O material inconsciente deverá, portanto, ser organizado, submetido aos *processos secundários*, modo de funcionamento das estruturas conscientes. Como aponta Shentoub (1983), "... processos primários e secundários são ligados num mesmo movimento: deixar-se levar, mas controlando-se, de modo a transformar as representações de coisas em representações por palavras; admitir as cargas afectivas, de modo a que o movimento regressivo as liberte, mas domando-as para que possam ser captadas pelo pensamento".

Muitos aspectos referentes à influência do examinador nas respostas do sujeito ainda permanecem sem resposta, como já apontou Masling (1965). O examinador já tem a sua representação feita pelo sujeito.

Como aponta Shentoub (1983), "... ele é, como o conjunto da situação, portador da regra que incita o desejo e a defesa".

3.2. Esquema de avaliação das respostas ao SAT

O protocolo revelará o equilíbrio (ou não) entre processos primários e secundários, os modos e possibilidades de relação entre estes níveis diferentes de funcionamento mental.

A integração dos dados deve conduzir a uma síntese que demonstre o modo como se revela a personalidade do indivíduo.

Há um 2º momento da síntese que visa tornar o todo inteligível. A síntese vai além da mera justaposição ou somatório dos dados apreendidos isoladamente. Cada elemento tem o seu significado esclarecido no modo como se relaciona com todos os outros

dados. Trata-se de perceber a organização dos vários elementos, na forma única que caracteriza o indivíduo.

Trabalha-se com hipóteses cuja confirmação se dará a partir da coerência com a organização geral. Cada nova apreensão amplia, aprofunda e esclarece o funcionamento daquele indivíduo. O pensamento analítico é um auxiliar de uma abordagem holística, global prioritária. Buscam-se padrões de comportamento e, ao mesmo tempo, está-se atento a mudanças destes padrões. Pode-se chamar este modo de apreensão de "raciocínio clínico" que consiste em ver, além do manifesto, do óbvio, do literal, procurando captar a mensagem subjacente ao discurso, à narrativa, ao comportamento observável.

Na interpretação o primeiro passo foi o da familiarização com a totalidade das respostas, ficando a interpretação prancha por prancha vinculada à totalidade. Escreveu-se a impressão geral causada pelo protocolo, identificando a linha mestra, os dados que saltam à vista, os padrões que se repetem com maior frequência. A análise posterior esclarece as "nuances" e desvios destes padrões.

Podemos verificar os dois modos de se abordar a produção do sujeito:

- a) Um deles é o que o sujeito contou, a trama montada, a sua evolução, as reações das personagens. Trata-se da análise de conteúdo.
- b) O outro volta-se para *como* o sujeito estruturou o seu relato, como se desincumbiu da tarefa. É a análise formal.

A análise de conteúdo revela os temas produzidos pelo indivíduo e o modo como os desenvolveu. Parte-se da hipótese de que o indivíduo se identifica com uma ou mais personagens, atribuindo-lhes as suas próprias características e necessidades.

A análise dos temas possibilita a investigação da personalidade do testado em várias

dimensões: as suas necessidades principais e conflitos, como percebe o ambiente que o cerca, perspectivas para resolução de dificuldades. Os dados obtidos através desta análise referem-se ao modo como o indivíduo se vê a si e aos outros. É um retrato da realidade subjectiva.

ESQUEMA DE INTERPRETAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Segundo Bellak (1954)

TEMA: A análise do tema consiste em identificar a essência do relato, a mensagem fundamental subjacente ao discurso. Após a leitura exaustiva do protocolo, a identificação do tema é o primeiro passo da análise prancha por prancha.

A investigação do tema inicia-se por um resumo do conteúdo manifesto numa síntese da história propriamente dita ou "nível descritivo".

O passo seguinte consiste em ampliar ou generalizar a mensagem do relato, já não em termos do que é especificamente demonstrado pela prancha, mas sim visualizando-se o conteúdo latente, como exemplo de uma categoria mais ampla que se procura identificar como o "nível interpretativo".

A ANÁLISE DO TEMA: visa classificar uma história como banal ou não.

NECESSIDADES DO HERÓI: A identificação das necessidades faz-se através das declarações explícitas do sujeito ("... ele quer.....ela procura..... eles desejam") ou a partir do comportamento do herói na história.

O protocolo deve ser considerado como um todo. No entanto, neste trabalho é dado

especial realce às frequências dos temas porque se pretende avaliar a produção de um grupo.

É importante analisar, também, o significado das ausências, omissões e distorções .

INTRODUÇÃO DE FIGURAS, OBJETOS OU CIRCUNSTÂNCIAS: Por exemplo, a introdução de situações de alimentação pode significar a necessidade de gratificação oral.

OMISSÃO OU DISTORÇÃO DE FIGURAS, OBJETOS E CIRCUNSTÂNCIAS:

A omissão de elementos significativos da prancha pode ser interpretada como a necessidade de não entrar em contacto com os conteúdos a eles associados. A distorção pode ter a mesma interpretação ou sugerir a predominância de outros impulsos que chocam a sensibilidade perante a realidade objectiva. Por exemplo, o conteúdo agressivo é transformado em tentativa de auxílio.

CONCEPÇÃO DO AMBIENTE é o modo como o sujeito representa o ambiente nos relatos e corresponde a uma mistura complexa de auto-percepção e distorção aperceptiva dos estímulos. Segundo Rabin (1960), o ambiente é tudo o que envolve o herói, incluindo as outras personagens. Este ambiente é configurado, por vezes, como difícil pois pode ser sentido como ameaçador ao mesmo tempo que serve de suporte e ajuda.

FIGURAS PERCEBIDAS EM INTERACÇÃO COM O HERÓI: O modo como o sujeito percebe as interacções deixa entrever a sua relação com os outros: cônjuge, amigos, filhos, netos, rivais, companheiros e circunstâncias.

CONFLITOS SIGNIFICATIVOS: São desejos incompatíveis, revelados através das necessidades do herói, em confronto com as circunstâncias que se opõem à sua realização. Identifica-se o conflito e as defesas que o indivíduo utiliza contra a ansiedade por ele provocado.

As defesas mais facilmente apreendidas no SAT são:

Racionalização — Evidencia-se pelo uso de argumento lógico, que pode ser convincente ou não, para justificar uma atitude do herói ou uma acção por ele sofrida.

Negação — Manifesta-se através da negação do conteúdo ansiogéneo.

Anulação — Revela-se pela substituição da história por outra.

Isolamento — Segundo Haworth, apresenta-se sob a forma de uma atitude displicente do sujeito. Pode ainda evidenciar-se pela ausência de emoção no relato.

Formação reactiva — O conteúdo esperado encontra-se sob a forma do seu oposto.

Projectão — Conteúdos que se apresentam apenas no comportamento das personagens secundárias.

Repressão — É o mais eficiente dos mecanismos de defesa; manifesta-se pela ausência de qualquer referência ao conteúdo ansiogéneo, ao longo de todo o protocolo. Exemplo: ausência de qualquer conteúdo referente à agressividade, sexualidade etc.

Grosso modo, podemos considerar que há uma boa integração do ego se: O indivíduo conseguir manter um bom nível de vocabulário e de riqueza de conteúdo das histórias, há um uso adequado de defesas não impede a emergência de aspectos mais pessoais e se as descrições forem realistas e apresentarem soluções adequadas.

O nível de integração do ego pode variar de prancha para prancha, dependendo da disponibilidade que tem em relação à área mobilizada pelo estímulo. A apreensão do protocolo como um todo dá a configuração geral de como o indivíduo lida com a sua problemática.

Análise formal

A situação de aplicação do SAT é uma situação de conflito: para criar uma história, o sujeito deve entrar em contacto com os seus conteúdos internos; lança mão das representações inconscientes cujo modo de funcionamento é o de processos primários (desorganizados, não verbais, tendendo a uma descarga imediata, regidos pelo princípio do prazer); ao mesmo tempo, precisa transformar este material para apreender as instruções: necessita organizá-lo verbalmente, com uma lógica e sequência que permitam a comunicação com o examinador, além de manter a relação do conteúdo do discurso com o estímulo apresentado (o que seria o modo de funcionamento dos processos secundários, regidos pelo princípio da realidade).

Segundo Shentoub, a tarefa de ligação entre os sistemas do aparelho psíquico deve ser abordada do ponto de vista económico, ou seja, em termos de quantidade de energia investida em um ou outro sistema. Quanto mais predominam os processos primários, mais comprometidos estarão os secundários, havendo uma perturbação na apreensão da realidade e na qualidade da elaboração consciente. Nas histórias desorganizadas a percepção pode estar distorcida, o que representa um fracasso na integração dos dois sistemas. Fracasso será também o predomínio dos processos secundários sobre os primários, conduzindo a relatos impessoais, totalmente determinados pelos estímulos, "confinados ao mundo comum da razão" (Shentoub, 1987).

O sucesso na integração dos dois sistemas exclui o predomínio de um sobre o outro, indicando equilíbrio que transparece através de relatos bem-estruturados, mas nem

por isso carentes de um colorido pessoal. O indivíduo é capaz de mergulhar em si próprio e emergir com o material organizado. Como assinala Shentoub, esta viagem para dentro de si pode causar uma perturbação passageira, mas a capacidade de reorganização indica a permeabilidade das estruturas psíquicas e a possibilidade de mantê-las sob controle.

A análise formal, ou seja, o modo peculiar pelo qual o indivíduo se desincumbe da tarefa proposta, indicaria justamente este movimento entre os dois sistemas, as possibilidades de se aproximar e se afastar das representações fantasmáticas à medida que o teste se vai desenrolando, sem deixar de atender às exigências da realidade.

DADOS A CONSIDERAR NA ANÁLISE FORMAL:

TEMPO: O estímulo gera uma reacção emocional. O indivíduo deve estruturar uma história, permitir que a fantasia dê movimento a situação estática que é apresentada. O tempo permite avaliar a intensidade do impacto e a capacidade de retomar o domínio da situação, tendo em conta a qualidade do relato.

TEMPO DE LATÊNCIA INICIAL: Nesta prova o tempo de latência foi em algumas pessoas bastante superior ao apontado por Shentoub para o TAT: foi feita uma média individual e só serão referidos os casos em que o tempo de latência tenha sido consideravelmente inferior ou superior à média pessoal; por exemplo na gravura 15, que os autores dizem ter sido construída "em desagravo das anteriores", um dos testados até aí com uma postura envelhecida e com tempos de latência longos, exclama rápido e remoçado: "AH! AH! Que bonito"; e passa a descrever a prancha

ligando-a com a sua vida. O que era negro, "a juventude perdida", o "já não há", passou para "o conflito de gerações é uma invenção; não houve nem há nenhum conflito de gerações", "eu gosto de conviver com pessoas de todas as idades", "casei com a minha mulher por ela ser boa dançarina"; nesta prancha não houve sequer tempo de latência para este indivíduo. O tempo de latência calcula-se para identificar um ritmo particular; caso não haja grandes discrepâncias ao longo do protocolo é, considerado como o ritmo normal para aquele sujeito.

TEMPO DE LATÊNCIA CURTO: Indica que o sujeito se lança na situação. Se a história é bem estruturada, o indivíduo demonstra vivacidade, capacidade de se adaptar rapidamente às situações. O relato inicia-se confuso, passando depois a mais estruturado; há uma impulsividade inicial com capacidade posterior de adaptação.

TEMPO DE LATÊNCIA LONGO: Indica que o indivíduo se contém. Se o relato é bem articulado significa que domina a ansiedade e mantém uma distância construtiva; se vem seguido de um relato truncado, cheio de pausas e hesitações, revela uma falta de controle da ansiedade.

PAUSAS: São interrupções significativas durante a narração. Shentoub diz que este índice de retracção pode indiciar um freio necessário à ousadia do sujeito ou um reforço das defesas. A verbalização posterior à pausa esclarece o seu significado: a pausa seguida de uma melhoria no discurso indica que o indivíduo está seleccionando e reflectindo sobre a sua produção; indica domínio eficaz da ansiedade, retomada de controle sobre a situação; a não existência de qualquer progresso na qualidade da narrativa, após a pausa, ocorrendo outras pausas e hesitações, demonstra dificuldade em manter o controle sobre a ansiedade ou, ainda, traços de carácter hesitante.

TEMPO TOTAL: De acordo com as indicações expressas por Bellak para o SAT, esta amostra não ultrapassou nem ficou aquém das normas definidas quanto ao tempo

total.

COMPORTAMENTOS: Segundo Shentoub (1958), são as manifestações observáveis da ansiedade subjacente ao impacto provocado pela prancha, isto é, modos particulares de procurar neutralizá-la.

EXCLAMAÇÕES E COMENTÁRIOS: as expressões verbais referentes ao estímulo são incluídas nos comportamentos. Trata-se de expressões espontâneas que reflectem impulsividade e labilidade emocional, além de indicarem que o indivíduo perde a distância em relação ao estímulo, deixando-se levar por ele.

DIGRESSÃO: Para Shentoub (1958), são as observações não pertinentes à situação do teste. Tais verbalizações revelam que o sujeito deseja sair da situação, aliviar a ansiedade provocada pela aplicação ou pelo estímulo apresentado.

NECESSIDADE DE APROVAÇÃO: É a procura de apoio do examinador. Indica uma emocionalidade lábil, a presença de ansiedade e a necessidade de resgatar a segurança através da sua aprovação.

ANSIEDADE MANIFESTA: Consiste em toda a expressão exterior de temor, mal-estar verificado ante uma temática; tais manifestações têm interferência na narrativa.

OBSERVAÇÕES CRÍTICAS: São todas as verbalizações que impliquem desvalorização do material, da situação, do examinador ou, ainda, das personagens; são um indício de agressividade. Em função do aumento da ansiedade, o indivíduo não consegue adaptar-se à situação, o que provoca hostilidade

CINISMO: Reflecte a carga de agressividade associada a afastamento, indicando a presença mais intensa de defesas. É identificado nas verbalizações desdenhosas em relação à situação ou ao material. Através da ironia consegue-se evitar o contacto com os conflitos.

ELEMENTOS DE LINGUAGEM: Os elementos de linguagem são fonte rica de dados, não só de natureza intelectual como da dinâmica e estrutura da personalidade.

Uma expressão verbal pobre — vocabulário reduzido ou inadequado — indica o nível de instrução. O indivíduo utiliza clichés (fórmulas pré-fabricadas ou convencionais) para evitar envolvimento pessoal. As fórmulas pré-fabricadas esvaziam o discurso de conteúdos pessoais; o sujeito descompromete-se, assim, da sua produção. Este tipo de respostas aparece com muita frequência nos protocolos analisados. A repetição de fórmulas desprovidas de conteúdo afectivo (estereotípias) representam uma recusa de envolvimento dos afectos. A estereotípia e o emprego de clichés implicam o uso repetido destas fórmulas vazias de significado pessoal, ao longo do protocolo.

A CONTRADIÇÃO ENTRE TEMA E EXPRESSÃO revela que sujeito procura esquivar-se ao tema, procurando atenuá-lo. A ansiedade manifesta-se através dos risos inadequados. Este comportamento serve de descarga da ansiedade e aponta para o desejo de colocar-se distante do que se percebe na prancha.

A situação do teste gera ansiedade. O indivíduo revela os recursos de que dispõe para lidar com a ansiedade na forma como a controla, a consegue neutralizar ou é por ela dominado.

Quanto mais investidas estiverem as estruturas inconscientes dos sujeitos, mais o discurso sofrerá a interferência dos processos primários, com perturbação na sintaxe. Por outro lado, o super investimento das estruturas conscientes levará a histórias lógicas e coerentes, porém pobres em conteúdos pessoais. O equilíbrio dos dois sistemas revela-se em histórias bem estruturadas, indicando secundarização satisfatória, variedade no uso de mecanismos de defesa os quais demonstram eficiência sem levar a um empobrecimento dos conteúdos pessoais.

4. Estudo do caso

Recolha e análise da informação

- Foi estabelecida uma atmosfera amistosa e uma atitude atenta em relação ao testado.
- As instruções foram claramente enunciadas.
- Não foram ultrapassados os 30 minutos recomendados.
- Só em um caso a resposta a uma prancha foi dada em mais de 5 minutos.
- As histórias foram todas gravadas com permissão dos testados.
- Foram, assim, aplicadas as 16 pranchas pela mesma ordem às 21 pessoas da amostra.
- Na figura 16 seguiu as instruções específicas dos autores do teste que consistem em dizer: *"Esta pessoa está a sonhar. Aqui peço-lhe que me conte o sonho com o maior número possível de detalhes."*
- A gravação das respostas foi transcrita integralmente.

O pequeno número de palavras em muitos casos foi devido a pensarem demoradamente a fim de evitar respostas erradas. 3 pessoas, no entanto, quando viram as gravuras, esforçaram-se por dar respostas rápidas. Com o decorrer da prova, alguns sentiam o teste como penoso; por vezes diziam: "isto é muito complicado"; ficavam calados e, em seguida, entre murmúrios repetiam: "isto é muito complicado"; seguia-se um discurso cheio de interrupções e mal estruturado. Tinham pressa em responder mas era-lhes difícil encontrar os termos e as histórias e, depois de alguma demora, em dez ou vinte palavras rematavam mostrando-se confusos com a sua própria leitura da imagem.

Após as primeiras aplicações do SAT pensei retirar duas ou três pranchas por estas me parecerem confusas. Trata-se de uma adaptação brasileira por cima da que foi

concebida para norte-americanos. Com o decorrer das aplicações, as pranchas que tinham sido quase rejeitadas devido a terem proporcionado respostas curtas e banais na UATIP provocaram, em alguns indivíduos no Ateneu, histórias muito completas e ricas. Estão neste caso a gravura que representa uma mudança e a que ilustra uma estância de ski (pareceram-me inadequadas à realidade portuguesa e os primeiros testados, na UATIP, pareciam aconselhar a sua exclusão). Porém, o número de palavras por eles utilizado em todas as pranchas era tão pequeno que utilizar todo o material parecia ser importante.

Análise dos protocolos

No comportamento das pessoas que se disponibilizaram para responder ao teste era visível a insegurança com que respondiam.

Perguntavam muitas vezes: "Está bem, não está?". Outros tentavam dar respostas muito sintéticas o que os levava a pensar longamente. Por vezes iam dizendo frases como: "Esta é muito difícil"; "isto aqui é que é o diabo". Acontecia rirem-se, aparentemente divertidos com o que as imagens lhes evocavam mas sem o revelarem; outras vezes dizendo-o mas com receio de não corresponderem às expectativas que me atribuíam.

Alguns expressaram claramente o seu desagrado. Esperavam uma coisa divertida; afinal ali é o sítio aonde eles vão para conviver, passar o tempo de uma forma agradável.

Após a passagem do teste, no Ateneu, mostraram-se mais descontraídos e até muito faladores. Revelavam pequenos e grandes segredos, por exemplo as suas estratégias quotidianas de sobrevivência, sonhos, o seu dia a dia, as suas perplexidades, leituras, etc..

Análise quantitativa.

Num primeiro momento foi feita a contagem das palavras produzidas por cada indivíduo para cada gravura. Isto permitiu dar conta das diferenças entre:

- as produções desta amostra e as referidas por Bellak;
- as produções dos sub-conjuntos Ateneu e UATIP; e
- as produções femininas e masculinas.

		UATIP					média	Mínimo	máximo
		b	m	n	o	p			
G R A V U R A S	1	59	54	35	46	21	43	21	59
	2	64	35	71	50	57	55,4	35	71
	3	104	50	31	30	53	53,6	31	104
	4	120	77	88	56	107	89,6	56	120
	5	106	66	40	63	119	78,8	40	119
	6	51	56	38	46	72	52,6	38	72
	7	141	85	56	78	114	94,8	56	141
	8	111	54	69	66	138	87,6	54	138
	9	120	39	60	43	55	63,4	39	120
	10	83	33	16	55	143	66	16	143
	11	132	86	42	62	79	80,2	42	132
	12	107	41	39	42	59	57,6	39	107
	13	111	46	37	39	97	66	37	111
	14	101	35	22	62	53	54,6	22	101
	15	193	49	31	51	91	83	31	193
	16	131	25	24	50	64	58,8	24	131
média		108,4	51,9	43,7	52,4	82,6	67,8		
mínimo		51	25	16	39	21			
máximo		193	86	88	78	143			

		ATENEU																méd	min	max.	
		a	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	q	r	s	t	u				
G R A V U R A S	1	32	114	37	25	62	49	51	23	46	36	29	14	27	11	97	42	43,4	11	114	
	2	69	193	49	29	49	270	30	21	35	16	43	16	48	51	61	33	63,3	16	270	
	3	43	154	22	19	49	97	48	25	27	31	34	15	28	16	39	19	41,6	16	154	
	4	58	219	49	55	75	104	68	28	64	47	45	49	49	46	79	42	67,3	28	219	
	5	96	136	59	33	76	47	49	20	36	101	46	34	68	52	40	39	58,3	20	136	
	6	54	74	54	19	83	55	44	33	75	19	33	17	43	19	16	28	41,6	16	83	
	7	60	212	55	44	87	67	90	22	105	60	38	23	57	57	69	48	68,4	22	212	
	8	55	134	69	43	50	58	34	21	25	56	40	32	39	53	32	24	47,8	21	134	
	9	102	215	47	31	81	65	75	23	94	44	35	29	32	34	83	39	64,3	23	215	
	10	19	130	37	23	78	60	48	20	22	33	38	20	66	29	35	24	42,6	19	130	
	11	137	238	132	47	108	65	34	38	107	73	42	37	46	37	20	54	19	43,6	19	98
	12	37	36	44	29	98	66	41	25	67	42	37	46	37	20	54	19	43,6	19	98	
	13	51	222	55	45	119	33	51	26	65	55	33	49	65	38	50	16	60,8	16	222	
	14	49	122	35	36	95	74	42	19	35	52	38	38	40	17	55	15	47,6	15	122	
	15	107	202	80	57	77	59	50	22	103	71	39	44	46	50	64	47	69,9	22	202	
	16	59	165	58	45	63	105	178	46	88	62	28	65	40	18	136	23	73,7	18	178	
méd		64,3	160,4	55,1	36,3	78,1	79,6	58,3	25,8	62,1	49,9	37,4	33,1	47,7	34,9	62,3	30,7	57,2			
Min		32	36	22	19	49	33	30	20	22	16	28	14	27	11	16	15				
máx		137	238	132	57	119	270	178	46	107	101	46	65	78	57	136	48				

		Mulheres					média	Min.	Máx.
		b	e	m	n	o			
G R A V R A S	1	59	25	54	35	46	45,0	25	59
	2	64	29	35	71	50	52,0	29	71
	3	104	19	50	31	30	37,0	19	104
	4	120	55	77	88	56	73,7	55	120
	5	106	33	66	40	63	56,3	33	106
	6	51	19	56	38	46	46,7	19	56
	7	141	44	85	56	78	73,0	44	141
	8	111	43	54	69	66	63,0	43	111
	9	120	31	39	60	43	47,3	31	120
	10	83	23	33	16	55	34,7	23	83
	11	132	47	86	42	62	63,3	42	132
	12	107	29	41	39	42	40,7	39	107
	13	111	45	46	37	39	40,7	37	111
	14	101	36	35	22	62	39,7	22	101
	15	193	57	49	31	51	43,7	31	193
	16	131	45	25	24	50	33,0	24	131
méd		108,4	36,3	51,9	43,7	52,4	58,5		
min		51	19	25	16	17			
máx		193	57	86	88	78			

Alguns estudos apontam para diferenças entre homens e mulheres. Embora o número de mulheres desta amostra seja muito pequeno, também foi feita uma análise das produções das mulheres e dos homens.

G r a v	Homens															méd	min	max	
	a	c	d	f	g	h	i	j	k	l	p	q	r	s	t				u
1	32	114	37	62	49	51	23	46	36	29	21	14	27	11	97	42	43,2	11	114
2	69	193	49	49	270	30	21	35	16	43	57	16	48	51	61	33	65,1	16	270
3	43	154	22	49	97	48	25	27	31	34	53	15	28	16	39	19	43,8	15	154
4	58	219	49	75	104	68	28	64	47	45	107	49	49	46	79	42	70,6	28	219
5	96	136	59	76	47	49	20	36	101	46	119	34	68	52	40	39	63,6	20	136
6	54	74	54	83	55	44	33	75	19	33	72	17	43	19	16	28	44,9	16	83
7	60	212	55	87	67	90	22	105	60	38	114	23	57	57	69	48	72,8	22	212
8	55	134	69	50	58	34	21	25	56	40	138	32	39	53	32	24	53,8	21	138
9	102	215	47	81	65	75	23	94	44	35	55	29	32	34	83	39	65,8	23	215
10	19	130	37	78	60	48	20	22	33	38	143	20	66	29	35	24	50,1	19	143
11	137	238	132	108	65	34	38	107	73	42	79	39	78	48	86	33	83,6	33	238
12	37	36	44	98	66	41	25	67	42	37	59	46	37	20	54	19	45,5	19	107
13	51	222	55	119	33	51	26	65	55	33	97	49	65	38	50	16	64,1	16	222
14	49	122	35	95	74	42	19	35	52	38	53	38	40	17	55	15	48,7	15	122
15	107	202	80	77	59	50	22	103	71	39	91	44	46	50	64	47	72,0	22	202
16	59	165	58	63	105	178	46	88	62	28	64	65	40	18	136	23	74,9	18	178
Méd		64,3	160,4	55,1	78,1	79,6	58,3	25,8	62,1	49,9	37,4	82,6	33,1	47,7	34,9	62,3	30,7	60,14	
Min		19	36	22	49	33	30	19	22	16	28	21	14	27	11	16	15		
Máx		137	238	132	119	270	178	46	107	101	46	143	65	78	57	136	48		

Devido às características desta amostra, o escasso número médio de palavras não pode ser interpretado como desinteresse pela prova. É mais o resultado de insegurança e estranheza pelo tipo de tarefa proposta, geradoras de desconforto.

		Total da amostra UATIP e Ateneu — indivíduos																					
		a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p	q	r	s	t	u	média
G R A V U R A S	1	32	59	114	37	25	62	49	51	23	46	36	29	54	45	46	21	14	27	11	97	42	43,8
	2	69	64	193	49	29	49	270	30	21	35	16	43	35	77	50	57	16	48	51	61	33	61,7
	3	43	104	154	22	19	49	97	48	25	27	31	34	50	34	30	53	15	28	16	39	19	44,6
	4	58	120	219	49	55	75	104	68	28	64	47	45	77	93	56	107	49	49	46	79	42	72,9
	5	96	106	136	59	33	76	47	49	20	36	101	46	66	54	63	119	34	68	52	40	39	63,8
	6	54	51	74	54	19	83	55	44	33	75	19	33	56	43	46	72	17	43	19	16	28	44,5
	7	60	141	212	55	44	87	67	90	22	105	60	38	85	64	78	114	23	57	57	69	48	75,0
	8	55	111	134	69	43	50	58	34	21	25	56	40	54	75	66	138	32	39	53	32	24	57,6
	9	102	120	215	47	31	81	65	75	23	94	44	35	39	61	43	55	29	32	34	83	39	64,1
	10	19	83	130	37	23	78	60	48	20	22	33	38	33	25	55	143	20	66	29	35	24	48,6
	11	137	132	238	132	47	108	65	34	38	107	73	42	86	44	62	79	39	78	48	86	33	81,3
	12	37	107	36	44	29	98	66	41	25	67	42	37	41	43	42	59	46	37	20	54	19	47,1
	13	51	111	222	55	45	119	33	51	26	65	55	33	46	39	39	97	49	65	38	50	16	62,1
	14	49	101	122	35	36	95	74	42	19	35	52	38	35	31	62	53	38	40	17	55	15	49,7
	15	107	193	202	80	57	77	59	50	22	103	71	39	49	44	51	91	44	46	50	64	47	73,6
	16	59	131	165	58	45	63	105	178	46	88	62	28	25	35	50	64	65	40	18	136	23	70,7
média		64,3	108,4	160,4	55,1	36,3	78,1	79,6	58,3	25,8	62,1	49,9	37,4	51,9	50,4	52,4	82,6	33,1	47,7	34,9	62,3	30,7	60,08

Como se pode ver neste quadro, há uma grande amplitude nos números médios de palavras produzidas pelos diferentes sujeitos da amostra: a média maior é de 160,4 e a menor de 30,7.

As respostas das mulheres apresentam um menor número médio de palavras do que as dos homens. Nestes verifica-se a maior média individual, as médias mais baixas e as maiores amplitudes individuais — diferença entre a maior e a menor resposta.

Embora o número de palavras produzidas seja, consensualmente, considerado um bom indicador do envolvimento na tarefa, pelos motivos já expostos considereei válida a totalidade dos protocolos. Todos queriam colaborar e a sua contenção não me pareceu motivo para anular os mais concisos.

A média é bastante inferior à obtida na amostra de Bellak que é de 112. A média do número de palavras produzidas por indivíduo e gravura é, no total das duas amostras — UATIP e Ateneu —, de 60,08

Cabe aqui perguntar o porquê desta diferença entre as amostras portuguesas e as norte-americanas.

Na sua lição inaugural da Faculdade de Psicologia da Universidade Autónoma de Madrid, no ano de 1996/1997, a Dr.^a Rocío Fernandez-Ballesteros refere a dificuldade de se levarem a cabo alguns estudos sobre a terceira idade em Espanha pela incapacidade de os idosos espanhóis participarem voluntariamente neste tipo de investigação, devido ao atraso cultural do país.

"No projecto de "Estudo Longitudinal UAM-INSERSO", dos sujeitos seleccionados (concretamente, as pessoas nascidas nos anos de 1921 a 1931 recenseadas num município perto de Madrid em 1991) e contactados, só 7% aceitaram participar no nosso estudo piloto, antecedente necessário do estudo longitudinal anunciado. Isto contrasta amplamente com as taxas de participação em países como a Suécia ou a Alemanha; por exemplo, no "Estudo Longitudinal 80+" levado a cabo na Universidade de Lund (Suécia), 90% dos habitantes de 80 anos que viviam nesse município no momento de começar o estudo aceitaram participar."

(Lição inaugural da Faculdade de Psicologia da Universidade Autónoma de Madrid, no ano de 1996/1997 por Fernandez-Ballesteros, Rocío)

Quanto às pessoas aqui testadas, poderá, talvez, inferir-se a ocorrência de circunstâncias análogas às expostas. Na verdade o atraso "cultural"-educacional de Espanha em relação com o Norte da Europa não é certamente inferior ao de Portugal; e o contacto com esta espécie de estudos é, porventura, menos comum no Porto do que em Barcelona ou Madrid.

As pessoas analisadas nasceram nos anos 20 e 30 do séc. XX num país estruturalmente pouco desenvolvido, devido a circunstâncias sócio-históricas, tendo a sua juventude e grande parte da vida activa decorrido numa ditadura que valorizava a cultura do secretismo. A "indiscutibilidade" d' "a lição de Salazar" - condensado nos princípios "Deus, Pátria e Família" - propagandeada nas escolas e apoiada pelas instâncias católicas, tradicionalmente impositivas na sociedade portuguesa, fomentava "dogmas" conducentes a uma atitude de não verbalizar juízos. Esta

postura de "ouvir e calar" era particularmente agravante para as mulheres que - por "tradição" e legislação - se encontravam num estado de submissão perante o homem. Isto explicaria, no caso do Ateneu, a quase não adesão de sujeitos do sexo feminino ao trabalho proposto (independentemente do número minoritário de sócias da instituição).

Análise de conteúdo

Na análise de conteúdo utilizam-se quadros diferentes segundo as gravuras. Dado que se trata da produção de um grupo, os quadros foram elaborados não só tendo em consideração as imagens mas também os conteúdos expressos por esta população específica.

Sempre que possível utilizam-se as próprias palavras dos indivíduos.

Pretendeu-se também analisar a diversidade das expressões linguísticas utilizadas.

Há fundamentalmente uma preocupação de síntese das respostas que revele, com alguma nitidez, o fundamental da produção do grupo.

Neles está incluído o tema, primeiro passo de qualquer análise de conteúdo e, posteriormente, a análise de frequências e a sua comparação com as respostas típicas apontadas por Bellak.

Em alguns quadros a importância do cenário é também referida.

Por último, os quadros contêm uma coluna com os comentários produzidos a qual é muitas vezes uma síntese - uma reformulação final, um comentário que muitas vezes toma a forma de desabafo.

Gravura 1

	Descrição das personagens		Tema	Síntese / comentários
	Sexo/ Idade	Expressões		
A	3 idosas	2 c/ ar preocupado	Problema de 1	
B	3 sr ^{as} 1+ velha	Caras carregadas apreensivas	Problema de família	
C	3 idosas		Convívio	Agrada-me o convívio são
D	3 sr ^{as} certa idade	Aflição	Tem um problema	
E	1 sr ^a	A ser acusada	Acusação	
F	3 idosos	Há qualquer coisa na cara	2 contra 1	Gravura triste
G	1+ novo		Velhos a acusar jovem	
H	3 idosos	1 triste confusa	Acusação a 1	Triste
I			Reunião familiar	
J		2 surpresa 1 absorta	Interrogação	
K	2+novos	2 ar preocupado	Reunião familiar	Revela sensibilidade que já não existe muito
L	2+novos	Interrogação	Interpelação à mais velha	
M	Casal e 1 sr ^a	Tristes preocupados aflitos	Casal ajudar 3 ^a	
N	3 sr ^{as} certa idade	Divertidas	Convívio alegre	Interessante
O	3 sr ^{as} certa idade	expressão carregada	Ajuda	
P	2m 1h 1+ velha	surpresa	Preocupação	
Q	3 idosas	conversar	Convívio	
R	2m 1h 3 gerações	1 zangada	Reunião familiar	
S	3 pessoas de idade	Ar tranquilo	Convívio	
T	3 idosos -Casal e 1 sr ^a -	Advertência	Preocupação c/ doença	
U	2m 1h -s/ idade	Tranquilos	Convívio	

Os homens parecem menos interessados em referir o sexo das personagens; quanto à idade, são as mulheres que menos a referem. Só uma não indicou o sexo das personagens enquanto que os homens - 8 - 50% - não lhe fazem qualquer alusão. Dizem, por exemplo, "três pessoas".

A que será devido este desinteresse pela descrição do sexo e da idade?

Tatar-se-há da negação da importância da sua sexualidade? E do desconforto com a imagem da sua idade?

Quanto ao motivo por que estão reunidos, repartem-se assim as respostas: quase

80% da amostra atribuiu o encontro das personagens a um problema de saúde, um

caso de difícil resolução ou outro assunto triste. Aparece uma única exceção em que se relata o encontro como um convívio alegre.

Bellak diz ter escolhido para a primeira gravura uma cena tranquila. Foi vista como muito negativa por grande parte da amostra; no entanto, os temas expressos são todos consideradas como temas banais por Bellak.

Convívio ameno ou alegre	23.8%;
Alguém tem um problema ou doença	76%;

O motivo das conversas em quase 80% dos casos são doenças, ou problemas complicados a resolver.

Gravura 2

	Descrição das personagens		Tema	Comentários/síntese
	Características	Expresões		
A	Casal de idosos	Não andrajosos	Interesse na compra	
B	Casal de idosos	Caras de frio	Curiosidade	
C	Casal ou não de Idosos		Abastecimento	Poder ao menos tomar conta de nós
D	casal		Interesse na compra	Difícil
E	HM	Olhar triste da sr ^a	Pobre e rico	Contraste revoltante
F		Esfomeados	Fome	Muita tristeza!
G			Cuidados c/ alimentação	Divagação
H	Maduros	Admiradores	Curiosidade	Não aptos a comprar
I			O estabelecimento	Descreve o estabelecimento
J		Ar de apetite	Admiradores	Complicada
K		Angústia	Preocupação c/ alimentação	
L		Sr ^a sofredora sr mais simpático	Pobre e rico	
M	Casal de pobres	Pobres	Fome	
N	HM	Olhar de pena	Falta de dinheiro ou saúde	
O			Não têm dinheiro para comprar	Reforma não chega
P	casal	Preocupação	Avaliação dos preços	Acham caro
Q			estabelecimento	
R		Olhar fixo Hesitação	Avaliação dos preços	acham caro
S	Casal	Zangados	Apreciação do que está exposto	
T	Casal	Marido ralha c/ mulher	Discussão familiar	
U			Curiosidade	

Nenhum dos temas se afasta dos que são considerados populares.

Síntese dos temas expressos	N	%
Interesse compra — equacionar preços - curiosidade — abastecimento	11	52
Preocupações alimentares (pobreza e / ou doença)	5	23
Contraste de situação económica: pobre (a mulher) / rico (o homem)	2	9
Esfomeados - apetite	1	4
Casal zangado	1	4
Só descrevem o estabelecimento	1	4

A descrição do estabelecimento foi em alguns casos o aspecto a que foi dado mais relevo, mostrando-se algum desinteresse pelas personagens. Relações familiares expressas (casal): 7 – 33.3%

Ao temas são todos banais.

O tom geral dos comentários a esta gravura continua a revelar uma percepção muito negativa das situações vistas nas gravuras.

Gravura 3

	Descrição das personagens		Tema	Comentários/ Síntese
	Parentesco	Expressões		
A	Avós	Alegria dos avós e neto	Recepção familiar	Alegria deles e da neta
B	Pais	Alegria dos pais	Alegria familiar	Talvez examine ela com passividade e homem mais disparatado
C	Avós e neto	Agradáveis e salutares	O neto é o amor da vida	A nossa continuidade
D	Avós	Brincadeira	Família	
E		Alegria	Ambiente familiar	Uma alegria isto!
F	Avozinhos	Chamamento	Simpatia da 3ª idade para os netos	Um par de 3ª Idade
G	Avós	Apelo dos avós ao neto	Família	Avós é que estragam os netos
H	Avós	Neto entusiasmado	Acolhimento aos netos	Parte mais interessante da vida - acolher
I	Pai	Brincadeira	Brincadeira	
J	Pais	Filha aos Sorrisos	Reciprocidade afectiva	
K	+ idosos c/+ novos	Alegria	Satisfação	Alegria! Alegria! reciprocidade
L	Pais	Olhar	Preocupação	Rapaz a sair da água
M	Avós	Alegria Contentamento	Disputam o neto	Chegou de surpresa
N	Avós	Brincadeira - alegria - felicidade	Avós a brincar com netos	E estão bem felizes
O	Avós	Contentamento	Alegria de encontro	Alegria
P	Avós	Contentamento	Reencontro com neto	Avós têm sempre saudades dos netos
Q	Pais		Aproximação	
R	Pais	Grande brincadeira	A ver quem ganha	
S	Avós	Aspecto de avos	Avós neto	
T	Pais	Pais disputam o afecto	Disputa casal	Ele passa ao lado das disputas
U	Pais		Filha a abraçar pais	

Segundo Bellak esta é uma prancha geralmente muito apreciada.

Embora seja a gravura preferida pela maioria da amostra, é daquelas com menor média de palavras por indivíduo.

Identificações	N	%
Identificam as personagens mais velhas com os avós	11	52%
Identificam as personagens mais velhas com os pais	8	38
Não referem o parentesco entre os mais velhos e a criança	2	9%

As expressões e sentimentos dos avós são descritos através de observações como:

Alegria - Relações agradáveis e salutares — Simpatia da 3ª idade para com os netos -

Neto entusiasmado — Brincadeira - Felicidade — Apelo dos avós ao neto - Contentamento.

Mas são também os avós que "estragam" os netos e disputam o seu afecto.

Sem definirem o parentesco, a situação é igualmente descrita como de alegria.

Nas descrições em que as 2 personagens são definidas como pais:

Pais olham preocupados - Aproximação — Grande brincadeira a ver quem ganha — Disputa de afecto — Abraçar os pais — Reciprocidade afectiva — Alegria dos pais.

É de realçar que 38% desta amostra define as personagens mais idosas como pais. A disputa do afecto surge tanto quando as personagens são identificadas como pais ou como quando o são avós; no entanto, só os pais é que se mostram preocupados com o filho.

Poder-se-á perguntar o que levou estas pessoas a identificar o casal idoso como pais da criança desenhada.

De notar, ainda, que 2 indivíduos identificam a personagem infantil como sendo uma neta e uma filha, o que revela uma completa identificação com as personagens.

Tanto o prazer como a disputa de afecto são temas considerados banais.

Gravura 4

Descrição das personagens					
	Idades / parentesco	Expressões	P. Omitidas	Tema	Comentários/ síntese
A	Avó, filho c/ neto, filha ou nora e a juventude		Nenhuma	Cena familiar	
B	2 gerações	Idosa olha enternecida filho q olha enternecido neto — mãe está noutra	Nenhuma	Reunião familiar	
C	Avó pai mãe neto	Idosa triste filha / nora relaxada	P. fogão	Família	Idosa não pode ajudar
D	Pai mãe filho avó		P. Telefone	Família feliz	Já não se vê disto - Difícil de encontrar
E	Mãe, pai, bebé, avó e teen ager	Avó um pouco abandonada	Nenhuma	Ambiente familiar	Velhice acompanhada — pelo menos não está num lar
F	Casal, avó neto e jovem	Avó, olhar benévolo para o filho a acarinhar o neto	Nenhuma	Cena familiar	Jovem moderna, pernas à mostra — telefone
G	Avô e catraio	Os excessos de mimos	Só refere avô e neto	Desvelos excessivos	Avós estragam netos
H	Pai, mãe, avó, neto e jovem	Avó recria ambiente	Nenhuma	Ambiente familiar	Juventude a telefonar - é o que hoje se usa
I	Sr criança e jovem	Sr acariciar criança	Sr.ª idosa e P. fogão	Família	Estão em casa
J	Pai filho ou neto esposa uma filha mais velha	Tranquilos	Nenhuma	Família	Desconstracção jovem alheada de todos ambiente familiar
K	Casal e jovem	Jovem alheada do que se passa	Sr.ª idosa e criança	Ambiente familiar tranquilo	
L	Avó filho neta bisneto cozinheira		Nenhuma	Ambiente Familiar	Neta da era moderna
M	Empregada avó filho neto jovem 18 anos	Avó observa filho brincar com neto	Nenhuma	Ambiente familiar Descontraído	Não percebo bem esta família
N	Sr.ª a cozinhar avós neto	2 avós a brincar neto felizes, alegria	P. Telefone	Família integrada	
O	Avó pai mãe neto	Avó acompanha todos os movimentos	P. Telefone	Família	
P	Casal avó	Avó preocupada — pai brincalhão	P. Telefone	Família	Novos filhos com avós
Q	Pai mãe avó criança e talvez irmã		Nenhuma	Família reunida	
R	Sr.ª idade filho miúdo outra filha		Nenhuma	Família	Jovem estuda mãe cozinha
S	Avó cozinheira filho neto menina	Avó enternecida com o pai com o filho	Nenhuma	Reunião de família	
T	Avó, filho, neto, neta mulher	São várias gerações	Nenhuma	Família exemplar	Usa muito o telefone, o pior é a conta
U	Avó mãe pai filho e mãe	Não refere	Nenhuma	Cena familiar	

Belllak afirma ser frequente haver uma certa confusão na atribuição dos parentescos. A adolescente às vezes é vista de forma benevolente; outras menos.

Verifica-se preocupação em descrever as personagens e parentescos.

6 indivíduos demoram muito tempo a decidir se a imagem representava uma cozinha ou uma sala e, para tentarem compreendê-lo, descrevem todos os elementos do cenário, esquecendo-se de algumas das personagens.

Personagens omitidas	N	%
Nenhuma	13	61%
P. telefone	4	19%
P. perto do fogão	1	5%
P. idosa - p. perto fogão	1	5%
P. telefone - p.fogão - p. idosa	1	5%
p. idosa - criança	1	5%

Vários dizem não perceber parentescos, situação também comum na amostra de Bellak.

É uma das gravuras mais apreciadas, mesmo verificando-se algumas perplexidades como por exemplo: o abandono da personagem mais velha e a "modernidade" da jovem ao telefone.

De notar que um dos sujeitos só refere o avô e o neto. O número de personagens omitidas é muito grande, situação que deve ser analisada.

A personagem masculina não é omitida por nenhum dos sujeitos da amostra.

A criança é omitida por 1 indivíduo

A personagem ao fogão assim como a sr^a mais idosa são omitidas por 3 homens - 19% do total dos indivíduos ao sexo masculino.

A personagem ao telefone é omitida por 5 indivíduos dos quais 3 mulheres o que representa 60% . - 24%.

Gravura 5

Descrição das personagens					
	Idades	Expressões / actividades	P. Omitidas	Tema	Comentários / síntese
A	2 gerações sr. ^a muito idosa	Coscuvilhice, jogo conversa sr. ^a já distante do convívio	Nenhuma	Reunião familiar	
B	2 gerações	2 segredam — jogam sr interessado na leitura	Nenhuma	Encontro familiar	
C	1 p. Muito + velha.	6 pessoas convívio, isolada e um lê e uma desintegrada	Nenhuma	Convívio	talvez de ser velho sinto- me aqui ferido e triste.
D				Lar/hall de hotel	Risos
E		2 p. Não estão enquadradas		Grupo e solidão	
F	Casal idoso	Conversam, jogam, lêem e vêem paisagem	Nenhuma	Reunião familiar/ amigos	
G				-	São as novidades
H		Fazem confidências jogam lêem vêem paisagem	Nenhuma	Lar — clube	Ambiente misto — interessante
I		Diferentes actividade		Ambiente caseiro	
J		Reunião de amigos e família	Jogadores	Reunião familiar/ amigos	
K	Anúncio da velhice	P. Que parecem estimar-se	Jogadores	Convívio	Coscuvilhice jogo leitura ver paisagem
L	Várias	O avô a ler jornal		Reunião familiar	Sobre a saúde da avó
M	Muitas pessoas idosas	Coscuvilham jogam o senhor finge que lê mas ouve	Sr. ^a à janela	Lar — clube	O senhor ouve ou então não tem amigos
N	Idosos — p. afastada	Relativa felicidade	Nenhuma	Lar de idosos?	Gostei mais do quadro anterior
O	Pessoas de certa idade	Pessoa mais afastada — outro lê		Centro de dia	Começa a sentir-se cansada
P	Sr. ^a muito idosa	Juntos mas distantes		Reunião familiar/ amigos	
Q	Idosos	Reunidos na mesma sala		Lar/centro de idosos	
R		Conversam, lêem, jogam e observam	Nenhuma	Lar de idosos	
S		Todos entretidos	Nenhuma	Reunião familiar	
T		Jogo— coscuvilhice - e o que não está para coisa nenhuma	Sr. ^a isolada	Convívio	
U	Os + velhos	Ler e olhar para o exterior	nenhuma	Reunião familiar	

Esta gravura é em geral descrita sem emoção. Todavia alguns revelam uma sensibilidade especial a esta imagem, em especial face à personagem mais idosa que contempla a paisagem.

Personagens omitidas	N	%
Nenhuma	9	43
Descrevem o ambiente sem referir as personagens	8	38
Jogadores	2	10
Senhora à janela	2	10

1 dos sujeitos não refere nem personagens nem situações.

Só este indivíduo deu uma resposta não banal.

Temas	N	%
Reunião familiar ou de amigos	8	38
Lar de idosos	3	14
Convívio	2	10
Lar ou clube	2	10
Jogo, coscuvilhice etc.	2	10
1 mais velha	2	10
2 + velhos	1	5
Grupo e solidão	1	5

Os temas e os afectos variam muito nesta gravura. É referida a solidão dos mais velhos, o divertimento do jogo e a bisbilhotice. Explicam o isolamento das duas personagens, quer por não conseguirem integrar-se nos grupos, quer por serem deliberadamente isoladas pelos mais novos.

Gravura 6

	Expressão da personagem	Tema	Comentários / síntese
A	Ansiedade preocupação	Grande ansiedade - Espera	Esposa ou mãe --Ansiedade inútil
B	Cara carregada	Deve ou não telefonar notícia desagradável	Hesitação-- não se resolveu
C	Ansiedade	Espera notícias	Peço a todas as pessoas não façam esperar os velhos. É complicado
D	Espera	Espera que lhe telefonem	Não é por desespero é curiosidade
E	Indecisão	Espera fala amiga	
F	Não está feliz e / ou hesitante	Espera má notícia ou tem de as dar	Deve ou não deve falar
G	Saudade	Pensar telefonar	Lembranças de outros tempos outras pessoas
H	Está triste	Espera telefonema	Telefonema demora
I	Quer que toque	Espera telefonema	Pode ter precedentes de telefonemas infelizes
J	Sofrimento ansiedade	Espera ou tem que dar más notícias	
K	Angústia desgosto desespero solidão	Espera	Familiar longe
L	Ansiosa	Espera	Notícias que não chegam
M	Ansiosa aflita olhos pisados	Espera	Pessoa que sofre -- terá levado pancada cara amassada
N	É o retrato da solidão	Espera	Que alguém fale com ela
O	Triste isolada	Espera	Para conversar para comunicar
P	Tristeza esperança	Espera	Falar com alguém -- alguém que a ouça
Q	Preocupada	Vai atender	
R	Hesitante preocupada	Espera ou hesita	Pode ter tido telefonemas anteriores
S	Preocupada	Espera	Um telefonema
T	Preocupada	Espera	Telefonema filho
U	Hesitante	Hesita	Parece uma empregada

Foi das gravuras com maior número de rejeições — 14 indivíduos afirmaram não ter gostado nada desta gravura.

Os sentimentos e expressões da personagem são assim descritos: Ansiedade — preocupação — sofrimento - angústia — desgosto— desespero — solidão - esposa ou uma mãe ansiosa - levou pancada - saudades - está triste

Ninguém refere a idade da personagem.

O número de palavras utilizado é também dos mais pequenos da amostra.

Só duas respostas não têm conteúdo francamente negativo.

1 indivíduo diz tratar-se de uma esposa ou mãe. Perante tal aflição ou sofrimento só poderia tratar-se de um desgosto provocado por um filho ou marido.

1 diz tratar-se de uma mãe - só uma mãe .

Todos os temas expressos pelos indivíduos desta amostra são temas banais. No entanto um dos temas considerados banais na amostra de Bellak é o descanso, o que não aparece aqui.

De notar a observação de uma senhora que diz precisar ter alguém com quem falar, alguém que a ouça.

Gravura 7

Descrição das personagens					
	Características	Expressões	P. Omitidas	TEMA	Comentários / síntese
A	Sr. ^a e Sr. Idade — rapaz	Sr. ^a com pena do rapaz	P. Atrás da janela	Mudança	Não me diz nada
B	Rapariga com Sr. ^a (pode ser avó) sr. ^a de idade dentro de casa	Olham expressão nem Alegre nem triste — dentro de casa Sr. ^a triste	Nenhuma	Mudança	
C		Atrás da janela triste	Nenhuma	Mudança	Será só mudança da casa ou mudança de ambiente familiar de apoio de carinho
D	Casal	Casal que se está a mudar	Carregador — p. Atrás da janela	Mudança	
E		Pessoas admiradas olhar rapaz	P. Atrás da janela	Mudança — trabalho infantil	Isto implica tristeza
F	Sr. ^a nova e Sr. ^a . Idade	Alguém fica em casa só triste pensativo Srs. Que mudam	Nenhuma	Mudança	Homem a arrancar os móveis - p. Triste por ver tudo aberto
G	Rapaz e pessoas que passam		P. Atrás da janela	Rapaz mudanças está doente	Pessoas não sabem que andou na ferra até às tantas
H	+ velha a ser ajudada + nova	Pessoa atrás da janela, consumida	Carregador	Mudança total?	É possível ser a mais velha a sair de casa
I				Mudança de residência	
J	Casal admirado	Casal admirado com atitude do rapaz da mudanças — pessoa a olhar pela janela	Nenhuma	Mudança	Não vejo nada aqui
K	P em viagem -rapaz	Rapaz sentado adormecido — alguém que de dentro da janela espreita	Nenhuma	Mudança	Cansado das mudanças
L	Comensais		Carregador — p. Atrás da janela	Abandonam restaurante	
M	Filha ajuda mãe	Mãe triste — vizinha observa a cena — já viu partir mais pessoas	Carregador	Mudança para um lar	
N	Sr. ^a de idade	Sai triste de casa	Só refere sr. ^a que vai sair	Sr. ^a de idade a sair de casa	Deixará lá o coração — não percebo bem
O	Pessoa de certa idade sai	Traços carregados Sr. ^a ar triste Sr.	Nenhuma	Mudança	Saudades de casa e dos objectos
P	2 pessoas ainda novas	Gr. Tristeza Sr. ^a dentro da janela olha o vagar da casa	Carregador	Mudança	Não tem razão para estar tão triste
Q	Sr. ^a lado filha apoiada na bengala	Vazio tristeza sr. ^a	Carregador	Mudança	Tristeza de vagar a casa que arranjou com gosto
R	Casal vai de viagem	Sr da mudança adormeceu — Sr. ^a idosa observa	Carregador	Mudanças	
S	Menina, mãe Sr. ^a idosa carregador	Menina ajuda Sr. ^a idosa observa	Nenhuma	Mudanças	
T	Mãe filha e pai	Marido fica em casa ela vai para casa da filha	Carregado	Abandona casa e marido	
U				Mudança e viagem	

As personagens omitidas são mais numerosas do que em outras gravuras.

Esta imagem só foi considerada atraente por uma das pessoas da amostra, justificando que mudar é uma coisa boa.

Personagens omitidas	N	%
Nenhuma	8	38%
Carregador	6	27,6%
Pessoa atrás da janela	2	9%
Não referem as pessoas; só referem a situação	2	9%
Carregador — pessoa atrás da janela	2	9%
Só refere sr ^a que vai sair	1	4,7%

As figuras mais vezes omitidas foram o carregador (8 - 38%) e a pessoa atrás da janela (5 - 24%) que, paradoxalmente, também são as mais vezes consideradas como figuras centrais da gravura. Esta prancha só foi rejeitada por 4, embora o conteúdo seja muito negativo para quase a totalidade da amostra. Alguns sentiam que alguém tinha ficado triste.

Aqui muitos fogem dos temas típicos descritos por Bellak como por exemplo:

Trabalho infantil - rapaz das mudanças doente - abandono do restaurante.

Também houve sujeitos que transformaram a gravura em algo relativamente inofensivo - sair de viagem, por exemplo.

Aparece aqui o carregador como figura principal, o que não é referido na análise de Bellak. No entanto este afirma que esta gravura estimula, mais do que qualquer outra, perturbação em diversos protocolos.

Gravura 8

Descrição das personagens			
	Idades/ parentesco	Expressões	Tema
A	Casal	Desentendimento entre eles	Deixa cair refeição Por nervosismo
B	Casal	Mulher aflita marido tem pena	Deixa cair por ser descuidada - tem tudo desarrumado
C	Casal		Não deve ser o melhor ambiente familiar
D	Casal		Falta de compreensão do marido
E	Casal 3ª idade	Mulher estafada	Marido sentado
F	Casal	Marido aborrecido — irritado	Mulher entorna cozinhado
G	Casal	marido tem uma cara aborrecida	Ele só manda e bebe
H	Casal	Srª tem cara de aborrecida - o que vê fica espantado triste	Tem um descuido
I		Ela admirada - ele aflito	Quente demais
J	Casal	Marido surpreendido — tem pena	Azar queria surpreender o marido e deixou cair o cozinhado
K	Casal	Preocupado/aborrecido	Deixa cair o cozinhado — marido protesta por tudo e por nada provoca o descontrolo
L	Velhinhos	Ele ficou aborrecido	Deixa cair o cozinhado
M	Casal	Marido surpreendido	Deixa cair o cozinhado
N		Angústia com que enfrenta a realidade	Retratadas dificuldades pessoa idade no seu dia a dia
O		Espantado/triste — Ela está angustiada	Tem dificuldades — devia ter alguém que a ajudasse — está sozinha já não pode
P	Casal	Já não pode andar marido preocupado e aborrecido	Vão-se perdendo qualidades é inexorável
Q		Admirado	Deixa cair o cozinhado, Escorregou
R		Aborrecido	Homem lamenta perda refeição
S	Casal	Marido zangado /ralha	Deixa cair cozinhado
T	Casal	Marido zangado — irritado	Irritação com a degradação da mulher
U	Casal	Marido aflito	Deixa cair refeição

Nesta gravura não foi inserida a coluna com os comentários, pois só três indivíduos produziram afirmações finais que foram:

Tem pouca paciência e compreensão — Trabalho perdido — É revoltante.

Todos os temas produzidos são considerados banais.

Identificação	N	%
Casal — Casal 3ª idade	15	71
Velhinhos	1	4
Doméstica	1	4
Não identificam	4	19

Embora só 6 tenham classificado esta gravura entre as preteridas, é considerada muito triste por 17 indivíduos - 81% da amostra. Foi, ainda, considerada por muitos

como uma coisa que acontece muito - o egoísmo do marido. A maior parte exprimiu mesmo o seu desacordo com esta atitude masculina.

Todos os temas são banais.

Gravura 9

Descrição das personagens				
	Identificação	Expressões	Tema	Síntese / Comentário
A	2 idosos desconhecidos	Observam casal jovem e recordam têm saudades	Saudades	É o que todos nós temos nestas idades
B	2 idosos desconhecidos	Sr. Crítico, pesado sr. ^a pensativa recordando	Casal novo entusiasmado / no banco separados	
C	Velhos e casal novo	Velhos recordam novos juram e prometem	Sonhar em voz alta	Eu já tive o prazer de conhecer senhoras - agora a minha situação é outra
D	2 reformados	Ele lê o jornal	Jovens namoram	Cena banal em qualquer jardim
E	Sr e sr. ^a sentados	Ar saudoso do passado - jovens enamorados	Saudades do passado	Recordações
F	Idosos conhecidos	Descrentes da vida saudosos	Lamentam ter passado o seu tempo	Mais queixas do teste
G	Idosos conhecidos	Ela recorda o s velhos tempos	Idosos talvez zangados	
H	Separados /e muito juntos	Quase que se beijam	Diferença de idades	Há menos atractivo nos mais velhos
I	Idosos	Apreciar namorados	São namorados marido e mulher não	
J	Casal meia idade	Recordação nostalgia timidez da aproximação	Sentam-se para ver ou pode ser sonho	
K	Esperam o outono da vida	Recordando com saudade	Passado e presente	
L	Casal meia idade	Relembrar tempos iguais ao que vêem	Saudades	
M	Casal novo aos abraços	Eles a dizerem ai no meu tempo, não era assim!	Saudades	
N	Casal vida rotineira ou Desconhecidos	Saudade tristeza / casal jovem expressão de amor	Saudades por já não viverem aquilo	
O	Idosos	Presenciando a juventude e o amor	Apreciando o amor	
P	Sr e Sr. ^a /casal amoroso	Sr e Sr. ^a observam	Lembram	
Q	Mais idade	Observam jovens	Assistem cena de amor de jovens	
R	P certa idade	Observam casal jovem com inveja	Recordam	Inveja de não serem novos
S	Desconhecidos	Estão tristes	Sofrem de solidão	
T	Casal idoso	já nada os desperta no companheiro	Saudade tristeza	É um sonho não é?
U	Idosos - talvez pais	Observam jovens a namorar	Pais observam filhos a namorar	

Nesta gravura há uma grande uniformidade de respostas; a grande maioria dos sujeitos diz que o casal ou um dos idosos sentados no banco relembra com saudade - uns descrentes da vida, outros simplesmente saudosos - tempos idos. Identificaram-se todos com os mais velhos.

Descrição das Personagens mais velhas	N
Idosos desconhecidos	5
Casal de velhos	3
2 reformados	2
Idosos conhecidos	2
Casal meia idade	1
Outono vida	1
Velho	1
Mais idade	1
Pessoas de meia idade	1
Idosos separados	1
Pais Idosos	1

Um grande número refere que o homem e a mulher sentados no banco são um casal com uma vida muito rotineira, estão zangados ou, ainda, com dificuldade de iniciar um diálogo com o desconhecido.

Há também quem refira que o que se passa entre os jovens também se podia verificar entre os mais velhos mas que há menos encanto.

Destques
Idosos talvez zangados/ ela recorda velhos tempos
Senhor crítico pesado/ senhora observadora pensativa
Eu a sonhar - eu já fiz a prova - já tive o prazer - agora sento-me no banco

Foi apreciada positivamente por 5 dos testados.

Um deles justifica o não gostar desta gravura por ser a imagem da queda da juventude.

Todas as respostas podem ser classificadas como típicas, segundo os critérios de Bellak.

Surgem, aqui, de forma muito clara os mecanismos de confronto com a realidade.

Gravura 10

Descrição das personagens				
Características	Expressões	Tema	Síntese /comentários	
A	Doente	Triste sem esperança	Está a chegar ao fim	Sozinho desesperado - isolado
B	P. Doente e só	Ar contraído pesado – sofre muito	Vendeu os móveis para se tratar e ficou c/ aquecimento indispensável à saúde	
C	Homem	Ar sofrimento à espera do fim que não deseja	Está a atingir o fim	A velhice é a grande doença que nós sentimos
D	Homem		Homem que sofre	
E		A tentação da morte	A tentação da morte	Por causa da solidão
F	P. Adoentada	Sente-se doente – sensação que já não vale a pena	Cheia de medicamentos	Vejo isto um bocado trágico
G	Homem	Preocupado	Muitos remédios	Estaria risonho com uma garrafa de whisky
H	P. Acamada	À espera da hora de tomar os remédios – triste pela solidão	Muitos remédios	Não há aqui uma cadeira devia estar aqui sentado alguém
I		Dói-lhe a cabeça	Está na cama	
J		Olhar de angústia	Adoentada no leito	Isolado só
K	P. Só e inválido	Situação muito comum	Só encontra nos medicamentos algum conforto	
L	Idosa	Está muito doente	Quarto gelado	Certo conforto – aquecimento
M	Senhora doente	Espera— vendo as horas passar	Espera as horas de tomar remédios	
N	Sr de idade	Ver passar as horas com tristeza	Dependente de medicamentos	
O	Idoso	Sente-se só e doente	Solidão	Falta aqui uma cadeira para uma pessoa se sentar
P		Meditação e isolamento – a preocupação da doença	Só tem com ele remédios e copo de água	Devia estar alguém com ele
Q			Está no hospital	Falta de móveis
R		Preocupado doente	Está de cama	
S		Doente triste e só	Solidão	Situação muito comum
T	H. Velho	Lamenta-se da solidão e abandono	O desencanto da vida	
U	Homem		Homem doente	Muitos remédios

Nesta gravura surgem dúvidas sobre tratar-se de uma casa ou de um hospital. A grande maioria julgou ser uma casa. De notar que o aquecimento do quarto é referido com muita frequência. Para esta geração o aquecimento representa um sinónimo de conforto.

Todos os temas são banais. Só um diz poder tratar-se de uma ressaca - tema também considerado banal.

O tema da morte e suicídio aparece aqui expresso como consequência do desespero, da doença e da solidão com muita frequência.

Troca de sexos:

Das 5 mulheres da amostra, duas identificam a personagem com um homem, uma com uma mulher e outras duas não referem o sexo.

Os homens ou não se referem ao sexo da personagem (9 - 56%) ou identificam a personagem como sendo um homem (6 - 29%); apenas 1 afirma ser uma idosa.

Expressões usadas
Doente — acamada
Isolado - abandonado — só — inválido — pesado — dependente
Triste — desencantado
Chega ao fim — fim que não quer — sem esperança — desesperado
Meditativo — preocupado - angústia — tentação da morte
Gelado - com muito sofrimento — contraído

Como se pode ver no quadro, com exemplos de expressões usadas, as palavras escolhidas revelam uma percepção muito negativa da personagem descrevendo-a na agonia, abandonada, desesperada, sem esperança, etc.

A gravura é vista como muito triste. Só 2 dos testados leram a gravura de uma forma que Bellak considera, também, como temas banais - ressaca e dor de cabeça.

Gravura 11

Descrição das personagens						
	Características	Expressões/sentimentos	Personagens secundários descritos	Tema	Cenário	Comentários / síntese
A	P. certa idade	A ler jornal	Nenhuma	Procura emprego	Café fora sr. Bem colocado e jovem casal	
B	Sr. q passou idade procurar emprego	Está aflito	Casal de namorados com patins e Sr. Importante	Procura emprego		Muito frio lá fora
C	Sr..casal, sr. Entra no carro	Sr. Observa rua	Casal desportivo contente — sr. ^a entrar taxi	Procura o quê?	Casa — flores gato	Não quero analisar muito esta situação
D		Situação que não lhe agrada	Casal de patins pessoa entrar taxi	Procura emprego	Casa — gato flores	
E		Preocupação c/ emprego	Casal de patins pessoa entrar taxi	Procura-se		Cena banal
F			Alguém que chega outros vão ou vêm da neve	Procura o quê?	Ambiente familiar casa -gato flores	Não percebo
G		Amor	Homem dá boleia Sr. ^a	Romantismo		
H	Pessoa madura	Lê jornal	Casal de patins p. Vai trabalhar e entra no taxi	Cena da vida	Gato	
I		Lê jornal	Namorados - p. Entra num carro	Diferentes cenas	Casa	
J		Lê jornal	Pessoa sai taxi casal jovem patins	Procura-se	Casa — flores	Contraste de situações
K		Interesse leitura	Jovens em férias e pessoa que vem para férias	Vários quadros	O gato dorme	Interessante
L	Sr de idade	Lê jornal	Juventude com skis — chegada familiar idosa	Cena de montanha	Casa — gato	Não percebi muito bem
M		Vê peia janela	Namorados e carro	A ver através da janela	Casa	Muito complicado
N		Procura emprego?	Paz e sossego fora	Procura-se	Casa	Não percebi bem
O	Nesta idade que é que procura		Jovem casal	Procura-se		
P	Sr.de certa idade	Procura emprego	Todas	3 situações diferentes	Casa — gato	Difícil
Q	Senhor	Assiste cenas rua	Alguém que sai de carro	Observa quem sai do carro	Casa — gato	Interessante
R		Olha mundo Vip	Casal de namorados	Procura-se	Gato dorme	Frio
S		Procura anúncio	Casal sai ring Sr. ^a entra taxi	Várias cenas	Gato	
T	Homem só	Procura no jornal		Procura emprego/ casamento	Casa,	
U	Senhor	Lê jornal	Filhos vão patinar chegada de familiar	Cena familiar		

Na leitura desta imagem uma das preocupações principais provém do cenário; os testados começaram por se perguntar se representa uma casa ou um café. Com

efeito, as janelas das casas em Portugal não costumam ser tão abertas para o exterior. Por esta razão e devido à presença de flores e do gato que dorme tranquilo, a maioria opta pela casa.

Síntese das actividades / preocupações da figura principal	n
Aflito, procura emprego	6
Lê o jornal	4
Procura casa ou emprego	3
Que é que pode procurar uma pessoa desta idade?	2
Observa através da janela	1
Homem só procura casamento, convívio, alguma coisa que já passou	1
Cena familiar	1

Muitos ficam perturbados com o título da folha do jornal: "Procura-se".

Dois referem o frio lá fora. Nesta população, nas gravuras em que aparece a neve ou um aquecedor, o frio passa a ser um tema em destaque. Já foi referido que este teste não foi desenhado para a população portuguesa e que o frio é com certeza um dos problemas que esta geração deve ter sofrido. Mesmo em casas abastadas o aquecimento ainda continua a ser um "luxo".

Devido à não adequação do cenário à realidade portuguesa os temas são mais diversificados do que os referidos por Bellak. Nesta amostra muitos não referem a actividade do senhor sentado atrás de uma janela. Os detalhes do gato e das flores aqui, como na amostra de Bellak, são frequentemente citados.

Só duas pessoas não referem as figuras secundárias.

Como se pode ver nos comentários, muitos consideraram esta gravura como muito complicada.

Dos temas eliciados só um pode ser considerado como não banal - o romantismo.

Gravura 12

Descrição das personagens					
	Características	Expressões	Tema	Causa	Síntese/ comentários
A	Sr. ^a triste	Chorar	Recordações	Fotografia c/marido	Recordações que fazem tristeza
B	Uma mãe	Olhar pesado, torcida aflita	Aconteceu alguma coisa má aos filhos	Retrato filhos/	
C	Uma esposa	Chora	Recordações	Retrato nova	Chora o marido que amou
D		Sofrimento	Traição		Alguém que sofreu muito
E	Sr. ^a triste	Tristeza	Saudade e solidão		Foi traída
F	Chorosa		Recordações ou saudades da filha	Filha casou ou alguém morreu	Tem aliança chora filha, que casou, a ela quando nova
G		Entristecimento	ingratidão do casal fotografado		
H	Chora	Está triste	recordações	O tempo que já passou	Fase dura
I		Chorar	Recordações de quando foi feliz	Ele adoeceu ou morreu	Trás tanta tristeza
J	Sr. ^a certa idade	Chorar — muita amargura	Filhos morreram ou estão longe	Estar só	
K		Momento de tristeza	Dor e angústia	Casamento / falecimento	Situação muito triste
L		Expressão de crise	Gelada dentro de si	Fotografia juventude	Perdeu o noivo
M	Sr. ^a	Chora	Marido morreu		
N		chora	Vida e beleza perdidas e companhia		Não chora a velhice
O	Certa idade		Está só		Abandono ou morte
P	Sr. ^a	Tristeza	Olhou e sentiu-se só		
Q	Está triste	chora,	Recordações	Por filho, neto marido	
R		chora	Recordações	Pensando quando era nova ou filha	
S	Sr. ^a	Desespero	Recordações		
T		Só desespero	Abandono	Lembra-se de ser nova	
U		Chora	Retrato filhos		Cabelo modesto

O choro da personagem é atribuído a um sentimento opressor de perda: morte ou afastamento dos filhos ou marido — menos frequentemente — e recordação de tempos idos em que era nova, feliz e bonita.

Figura rejeitada por 11 sujeitos- 52%.

Causas do sofrimento da figura	N	%
Recorda juventude e tempos felizes	6	29
Recorda filhos	3	14
Está só	2	9,5
Morreu marido há pouco tempo	2	9,5
Vai ser afastada por casamento/morte	1	4,7
Não sabe o que aconteceu aos filhos	1	4,7
Atraçoada	1	4,7
Abandonada/ou mortos na família	1	4,7
Perdeu noivo	1	4,7
Recordar filhos que morreram	1	4,7
A vida perdida, a beleza, a companhia, mas a velhice não	1	4,7
Filha que casou	1	4,7

Aqui como na amostra de Bellak o desgosto com os filhos é mais numeroso do que o provocado pelo marido.

Mas a causa mais enunciada nesta amostra é a recordação da juventude e de tempos felizes tema que não é considerado banal.

Gravura 13

Descrição das personagens					
P. principal	Expressões	Personagens omitidas	Tema	Comentários / síntese	
	Sr. ^a	Só refere a Sr. ^a com o pássaro	Veio viagem	Não tem mais ninguém senão passarinho e malas	
	Sr. ^a	Satisfeita c/passarinho	P. Das informações	Veio viagem	Sr parece alheio ou então está zangado com mãe
C	Sr. ^a	Não abandona companheiro	P. Das informações	Veio viagem de Recreio	É interessante
D	Sr. ^a	Acaba de chegar	Homem de costas	Veio viagem	Um bocado seco
E	3 ^a idade	Acaba de chegar	Bagageiro e o homem de costas	Trás periquito — companhia óptima	Com possibilidades económicas
F	Sr ^a 3 ^a idade	Acaba de chegar	homem de costas	Chegada	Chegar de passarinho é de idoso
G	Sr. ^a das informações		Só refere a pessoa das informações	Divaga	Quem dirige são as mulheres
H	Sr ^a 3 ^a idade	Vai viajar	Só refere a sr. ^a com o pássaro	Vai viajar	Viajar é uma forma de arranjar contacto
I	Sr. ^a	Viajar com pássaro	Homem de costas e p. Informações	Vai de viagem	
J	Sr. ^a		Nenhuma	Descreve o cenário	
K	Velhice	Força de vontade para realizar projectos	Só refere a sr. ^a com o pássaro	Novas situações	Ânsia de viajar da velhice
L	Sr. ^a	Chegada	P. Das informações e bagageiro	Desencontro	
M	Sr. ^a idade	Vai viajar	Só refere a Sr. ^a com o pássaro	Leva passarinho	Muito bem e ri
N	Sr. ^a idade	Toda fresca	Só refere a Sr. ^a com o pássaro	Vai viajar e leva pássaro	Ela também não gosta de ficar só
O	Sr. ^a de idade	Vai viajar	Só refere a Sr. ^a com o pássaro	Divertir-se mudar de ambiente	
P	Sr. ^a nada nova	Vai viajar leva a sua companhia	Só refere a Sr. ^a com o pássaro	Ver filho ou filha	"grande riqueza está aqui nisto é aquele a que ela fala"
R	Sr. ^a	Chegou c/ canário	Homem de costas	Chegada	
S	Senhora	Cuidadosa com o pintassilgo	Só refere a sr. ^a com o pássaro	Acabou de chegar	
T	Senhor.	Pensa — estava bem para mim	nenhuma	Admira as senhoras	Mulher só, ainda gira, ainda tem os seus requintes.
U	Senhora	Vem de fora	Nenhuma	Chegada	

Esta gravura tanto provoca comentários desfavoráveis à senhora, por levar consigo uma gaiola com um pássaro — "é coisa de idoso" —, como suscita expressões de aprovação e agrado a sujeitos que declaram também gostar de animais. Para um deles é mesmo a única gravura preferida.

Personagens principais	N	%
Senhora que volta de uma viagem	11	52%
Sr. ^a idosa vai viajar	6	29%
3 ^a idade com possibilidades	2	9,5
Sr. a pensar	1	
Sr. ^a balcão das informações	1	

Grande parte refugia-se em descrições pormenorizadas do cenário omitindo as figuras secundárias.

No entanto, o homem de costas e em primeiro plano é por vezes visto como um filho zangado com a mãe e gerou alguma irritação em dois sujeitos da amostra que o consideram como um intruso na cena - "um voyeur" . É omitido por 14 indivíduos — 67%.

Personagens Omitidas	N	%
Todas excepto Sr. ^a com pássaro	8	38,1
Nenhuma	3	14,3
Homem de costas	3	14,3.
P. das informações	2	9,5
Bagageiro e homem de costas	1	
Homem de costas e p. informações	1	
Todas excepto P. informações	1	

As histórias relatadas nesta amostra são consideradas todas banais exceptoem 3 casos em que um dos indivíduos divaga sobre o actual predomínio das mulheres; outro que se identifica com o senhor que está de costas na gravura; e ainda outro que faz unicamente uma descrição da gravura.

Os temas são muito pouco variados em comparação com os indicados em Bellak.

Gravura 14

	Descrição das personagens		Tema	Comentários / síntese
	Idade/sexo	Expressões		
A	Idoso	Tranquilo ou desesperado	Normal e fatalista	Remédio ou veneno - Ri
B	Homem	Aflito o frasco vai cair	Toilette	Ainda não tomou banho
C	Homem	Muitas preocupações	Higiene matinal fazer a barba	Casa banho— muitos frascos eu só uso sabão cor de rosa
D	Senhor		Preparações matinais	Para ir cama ou sair
E		Não coordena os movimentos	Movimentação incorrecta	
F		Vai buscar remédio	Acabou de se levantar ou vai deitar-se	Os medicamentos tomam-se à noite para dormir
G		Preocupação comes	Cuidados alimentares	
H	Pesado nos anos	Vai buscar remédio	Procura remédio	
I		Fazer toilette	Fazer toilette	
J	Sr/ sr. ^a	Situação tranquila	Higiene matinal	
K		Quotidiano	Manter higiene e aparência	
L			Procura remédio para dormir	
M	Mulher	Fazer toilette	Procura creme de beleza	
N	Sr. ^a idade	Higiene	Fazer toilette	O que não é muito comum
O	Sr. ^a certa idade	Vê mal nome medicamentos	Vai tomar Remédio	Perigoso, devia ter alguém
P	Sr. ^a idade	Quer recuperar um bocadinho	Longa prática procura remédio	Medicação ponto alto
Q		Quotidiano	Higiene /tomar remédios	
R	Homem		Higiene ou tomar remédios	Incaracterístico
S	Sr. ^a de idade	Procura utensílios	Toilette	
T	Velho	Murmura e resmunga	Procura laxante	Velhice horrorosa
U			Fazer toilette	

Para 7 indivíduos a personagem é um homem e 8 não atribuem sexo à personagem.

Afirmam tratar-se de uma mulher: 2 homens e 3 das 5 mulheres da amostra.

Um deles diz poder tratar-se de uma senhora ou um senhor.

4 sujeitos identificam a personagem com o sexo oposto ao seu próprio

As histórias relatadas, são como as mencionadas por Bellak, inócuas. Só uma das uma respostas ficou for das consideradas banais.

Gravura 15

Descrição das personagens					
	Idades/ parentesco	Expressões	Personagens omitidas	Tema	Comentários/ síntese
A	Casal idoso /c. Jovem		Sr. Sr. ^a sentados	Troca de pares	Às vezes os mais novos gostam mais dos mais velhos
B	Filho - mãe pai - casal	Sr. ^a observa tudo - Sr observa a companheira	Nenhuma	Troca de pares	- os que dançam só podem ser mãe e filho pela ternura
C	Pai sogra sogro		Nenhuma	Na família não há idades	Dá-me alegria
D	Várias idades	Sentados a ver	Nenhuma	Reunião familiar	Aconteceu-me isto há pouco tempo troca de pares
E	Idades des- sencotrados	Sr. ^a observa sofredora	Nenhuma	Troca de pares	Modernidade
F	Parentes de idades diferentes		Sr. e sr. ^a Sentados	Festa familiar	Troca de pares será?
G	Idades diferentes		Sr. esr. ^a Sentados	Elas agarram-se a eles	Questão de idades
H	Sr idade e jovem / jovem e Sr. ^a idade		Sr. e Sr. ^a Sentados	"Cenário deslocado"	Não leva a parte nenhuma - não é? Suspiro
I	Parentes idades diferentes	Mais velhos apreciam	Nenhuma	Ambiente familiar	Casa da sogra
J	3 casais	2 observadores	Nenhuma	Laços familiares	2 não se colocaram na posição de abraço - troca de pares
K	Contraste de idades	Desfrutam noite agradável	Nenhuma	Reunião dançante	Ah ah já gostei de dançar minha mulher e eu éramos bons bailarinos
L	2 velhinhos		Casais que dançam	Relembam	
M	2 pessoas	Pensam		Recordam	
N		Alegria		Confraternização	Jovens e adultos confraternizam
O				Ambiente familiar	Jovens e adultos confraternizam
P	Juventude 3ª idade		Sr. e Sr. ^a Sentados	Ambiente familiar	Deixam de lado sentimentos de namoro
Q	2 pessoas	Queriam estar na mesma situação		Dificuldades de relação	Não se conhecem/não conseguem relacionar-se
R				Troca de pares	
S	Festa familiar	Pensam se vão ou não dançar		Troca de pares	São parentes
T	Casal	Ela tem inveja e ciúmes		Disparate	Estamos passados
U	Velho			Cena moderna	

Esta gravura foi muito bem aceite pelos sujeitos da amostra; só cerca de 20% não aceitaram como agradável a situação.

Estamos passados - Não leva a parte nenhuma.

A maioria - cerca de 80% - interpretou-a como sendo um convívio familiar saudável e agradável.

De referir que os indivíduos se identificaram mais com o casal sentado 9 - 43%.

Os temas são todos banais.

Esta gravura provocou mudanças de atitude perante a prova. Houve mais sorrisos, expressões de agrado exuberantes em pessoas que até aí se mostravam retraídas e envelhecidas. Um dos sujeitos alterou mesmo a sua postura. Parecia ter rejuvenescido - até aí tinha desempenhado o papel de idoso, arrastando as palavras e nunca alterando as feições.

Personagens omitidas	N	%
Descrevem sem especificar	8	38,1%
Nenhuma	7	33,3%
P. sentados	5	23,8%
Casais que dançam	1	5%

Segundo Bellak esta gravura foi desenhada em desagravo dos anteriores.

É a segunda gravura mais apreciada de toda a prova.

Todos os temas desta gravura são considerados banais.

Gravura 16

O sonho

*Já não sonhava com tempestades, nem com mulheres, nem com grandes acontecimentos, nem com grandes peixes, nem com lutas, nem com provas de força, nem com a sua mulher. Sonhava apenas com lugares. Hemingway. **O Velho e o Mar***

Na imagem em que é pedido que descrevam um sonho apresentado de outro modo a síntese das respostas. Foi feito um resumo das ideias principais mantendo, em alguns casos, as próprias palavras utilizadas.

Os testados começaram em geral por afirmar não poderem adivinhar. Fizeram grandes pausas iniciais acabando por relatar o tema do sonho e, em alguns casos, fazendo só considerações sobre a pobreza do cenário e o aspecto da senhora.

Os sonhos, em geral, são considerados cinzentos.

Foi, no entanto, a gravura que mais referências pessoais suscitou.

Gravura 16

A Pelo aspecto da casa, ela está a sonhar com coisas que ela não tem ou não teve. Se é um sonho realista deve ser um sonho cinzento.

B. A senhora está a sonhar com os filhos que estão longe, o marido que perdeu, é uma mãe. Sonho voltado para o seu passado. É um sonho que a satisfaz. O sonho de um passado que ela nos mostra com tranquilidade.

C. Eu costumo às vezes é sonhar com os olhos abertos. Pessoa de uma certa idade, cansada da vida. O que é que ela há-de sonhar? A sentir-se um bocadinho abandonada; a sua juventude, os seus queridos que já a abandonaram, porque a vida de hoje é triste; a ver e chamar, junto de si, os seus queridos.

D. Pode estar a sonhar com aquilo que aconteceu.

E. Sítio pouco acolhedor. Não pode estar a sonhar coisa boa, deve estar a recordar a vida dela.

F Ar calmo; o sonho deve ter alguma coisa a ver com o livro.

G Está a sonhar maravilhas. O crescimento do amor e o crescimento das plantas, o crescimento da vida sexual que tem com o homem. Está a lembrar-se quando ia a uma festa: ele ia todo perfumado e ela gostava.

H Senhora mais madura a sonhar com a sua juventude.

I Está a dormir por descanso; a mim também me acontece isso.

J Sugere certa tranquilidade. Todos temos a consciência de que o nosso caminho não corre bem.

K Tranquila; o sonho deve ser um bocadinho temperado. Estará a recordar a juventude? Estará a viver os seus sonhos de namoro, ou está

a procurar encontrar para o resto da vida, para a velhice, um fim tranquilizador e feliz?

L Esqueceu-se ao lume.

M Sonha: quem me dera ter menos 10 aninhos — que é o que eu sonho.

N Não está muito sorridente; sonha talvez com a história da sua vida e que neste momento está isolada, está sozinha.

O Expressão serena; será que está sonhar que as amigas a vêm visitar?

P O seu princípio de vida.

O A sonhar recuando um pouco na vida e as dificuldades que teve.

Q Sonhar com tristezas, circunstâncias do dia-a-dia, da vida de casa, filhos, qualquer problema com o marido.

R Sugere tranquilidade mas há uns traços de sonho não muito cor de rosa.

S Está a sonhar com aquilo que leu.

T Estava a ler e está a ter um sonho com o que leu. Já não tem sonhos cor de rosa.

U Está a sonhar com sossego, com o homem dela.

Destaques	n
Aspecto da casa: "sítio tão pouco acolhedor".	2
Ar calmo da senhora.	2
Sonha em geral com o passado: recordar a vida dela.	1
Sonho não muito cor-de-rosa ou cinzento.	3
Sonhar c/sossego, c/ homem dela.	1
Sonha com continuação da leitura.	3
Referências pessoais.	6

4.3. Classificação dos conteúdos:

- **Positivo:** quando as imagens foram referidas ou comentadas com expressões espontâneas de franco agrado.
- **Negativo:** quando no conteúdo das histórias eliciadas pelas gravuras surgem frases como: "cara triste", "carregado", "frio desagradável" ou referem a pobreza do vestuário e das casas; falam de solidão, de desespero, angústia, tristeza, traição, fome, etc.
- **Neutro:** refere-se a descrições em que não é patente qualquer tipo de expressões de agrado ou desagrado. São normalmente destituídas de qualquer "tonalidade afectiva".

Nota: há ainda casos em que os indivíduos vêem na gravura aspectos positivos e negativos.

Totais percentuais das gravuras descritas

Negativo	Positivo	Neutro
157 – 47%	35 – 10%	138 – 41%

Preteridas (n)	Preferidas (S)
73%	51%




Não existe nenhuma relação entre o número de palavras proferidas e as gravuras consideradas tristes ou melancólicas.

Alguns sujeitos produziram respostas muito longas em gravuras consideradas como contendo muito a tristeza, por exemplo, divagando sobre a doença.

Quadro relativo à apreciação das situações representadas nas gravuras

		Gravuras																neg.	pos.	neutro	sim	não
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16					
I	a			s								n					10	2	4	1	1	
	b					s	n			s	s						9	2	5	3	4	
N	c			s		n	n		n	s	n				s		9	3	4	3	4	
	d			s	s		n	s/n			n	n	n	s	s	s	5	3	8	5	4	
D	e			s					n	s	n		n				13	1	2	2	3	
	f		n	s	s		n	n	n	s	n						8	0	8	2	7	
V	g														s		9	0	7	1	0	
	h	n	n	s	s	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	s	9	2	5	3	12	
í	i			s	s		n					n					2	1	13	2	2	
	j	s		s	s	s	n			s	n		n	n	s		7	1	8	6	4	
D	k	s		s	s	s	n		n		n		n	n	s		8	3	5	4	5	
	l			s			n										9	0	7	1	1	
U	m			s			n										9	2	5	1	1	
	n			s			n			n		n		n	s		9	4	3	2	4	
O	o										n	n			s		8	5	3	1	2	
	p										n			s			11	3	2	1	1	
S	q	s		s	s		n										3	1	12	6	1	
	r		s	s	s	s		n					n				6	1	9	4	2	
S	s			s	s				n		n						6	0	10	4	2	
	t	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	10	0	6	0	16	
S	u				s	s	n										3	1	12	2	1	
	Negativo	14	12	0	1	5	19	10	17	14	19	7	21	5	6	5	8	163				
S	Positivo	3	0	14	1	1	0	0	0	0	0	0	5	0	8	3		35				
	Neutro	4	9	7	19	15	2	11	4	7	2	14	0	11	15	8	10			138		
S	sim	3	1	12	11	5	0	0	0	5	0	1	0	2	2	7	0				51	
	não	2	3	1	1	3	14	4	6	2	11	4	11	5	4	1	1					73

- S : gravuras preferidas
- n : gravuras preteridas

-  — história com conteúdo fracamente negativo. 48,5%
-  — história com conteúdo francamente positivo. 10,4%
-  — história com conteúdo neutro. 41,1%

Os temas familiares são os que aparecem com mais frequência:

Temas familiares				
UADTI	Ateneu	Mulheres	Homens	Total
38%	31%	35%	32%	32%

Verifica-se que, tanto em número de palavras como na frequência dos temas, os dados obtidos em ambas as instituições são muito idênticos.

Gravuras preferidas - Frases paradigmáticas

Gravura 3 — "A que me agradou mais" — "Para mim a mais simpática será esta" - "Não há dúvida nenhuma que uma dos netos, os avós quando aguardam a presença do neto" - "Foi uma daquelas que me deu, pelo menos mais alegria" - "Foi uma das que eu gostei pela alegria que me fez" - "Isto é espectacular" - "A mais alegre" — "Desta gostei muito, sentimento de ternura, porque eu sou de uma extrema sensibilidade. Esta é muito importante".

Gravura 4 — "Esta posso dizer que é um meio que podemos considerar atractivo, talvez, podemos dizer um sistema dinâmico, pois há dinamismo nela" — "até é um ambiente de afabilidade da família" — "A família com as três gerações" —

Gravura 15 — "Há pessoas novas que estão com as pessoas de idade e que participam na vida; todos têm lugar na casa e na família" — "Esta pode ser a situação de uma festa, até pode ser uma festa, é agradável" - "Muito alegre, também, os jovens a dançar com os idosos".

Gravura 5 — "gostei pela observação da bisbilhotice daquela senhora que põe a mão na boca" — "Esta é muito expressiva".

Gravura 9 — "Acho muito interessante esta pela observação dos dois que estão no banco a observar o que se passa com o casal novo" — "E não há dúvida que não posso deixar de encontrar letra por lirismo como encerra aquela estampa que nos mostra um casal quando jovem e um casal já idoso sentados num banco de jardim" - " Esta está bem; é interessante, porque estão a ver aqui uma cena que teria sido dele há anos" — "Gosto muito desta, da dos namorados".

Gravura 11 — "Acho muito completa, porque tem vários critérios. Tem a pessoa que deve viver razoável, tem os rapazes, os jovens encantados e amorosos, com as suas

botas. Tem este com a preocupação. Tudo retratado. É uma observação geral, é o que se passa dia-a-dia: um casal alegre, o outro que vai entrar com um bom casaco com uma pele”.

Gravura 13 “Esta é uma situação que também gosto, é alguém que foi viajar e que está de regresso” “Que é o que menos agride é o do passarinho porque é um ser tão pequenino”

Gravura 14 — “Embora não pareça aqui mas gosto desta, a higiene, bastante higiene”.

Um dos sujeitos resumiu assim o que o levou a preferir algumas gravuras:

“as que tinham um intercâmbio quer cultural quer de amizade entre as várias gerações. Penso que isso é fundamental. O conflito das gerações só existe no imaginário das pessoas e é alimentado por alguém que procura tirar dividendos dessa situação. Eu sinto-me bem entre a juventude”.

E outro: “Gosto das que têm netos”.

Gravuras preteridas - frases paradigmáticas

Gravura 5 — “Este casal, ela na janela e ele a ler o jornal abandonado enquanto os outros todos fazem um convívio, possivelmente alegre”.

Gravura 6 — “Esta senhora também está com um aspecto perplexo, o que ela tem a comunicar é triste”— “Gostei menos desta pela hesitação, indecisa, acho realmente hesitante, se fosse eu já tinha telefonado ” — “Aqui é tristeza”.

Gravura 8 — “Esta cena familiar, em que entorna as coisas” - “O homem zangado com a senhora”.

Gravura 10 — "A que está na cama: é o isolado, o solitário; gostaria de nunca estar nesta situação".

Gravura 11 — "Este que procura casa ou emprego" — "procura-se era uma coisa que lhe faltava, eu não sei interpretar".

Gravura 12 — "Ver a senhora a chorar" - "Esta, se não tivesse aliança nenhuma pensaria que foi atraída, mas está com aliança" - "Esta diz-me alguma coisa porque sou sensível à dor e parece-me dolorosa"

O número das preteridas (73) é superior às preferidas (52)

Quando se pediu a um dos sujeitos da amostra que escolhesse aquelas de que menos tinha gostado, respondeu rápido: "Uil Tristezas há muitas".

Um outro disse não ter gostado de nenhuma por estarem mal desenhadas e serem muito deprimentes.

Alguns resumiram as suas preferências e rejeições de forma concisa dizendo mais ou menos: não gosto daquelas em que estão tristes, estão sozinhos e abandonados.

Notas: É preciso dizer que não são pessoas isoladas: são pessoas sociáveis que mantêm o gosto de conviver.

Entre os sócios do Ateneu o número de jogadores desta amostra é elevado — 12 em 15.

Embora não tivesse sido muito fácil aderir ao teste no Ateneu, as conversas que se seguiram foram, em alguns casos, muito elucidativas do que é ter mais de 65 anos. Como já foi referido na UATIP, não houve espaço nem tempo para os encontros posteriores à passagem do teste.

Os dois engenheiros desta amostra foram também professores e falavam com alguma saudade e entusiasmo do tempo em que ensinavam e das técnicas que usavam na sua actividade docente. Devido ao teste puderam revelar muito do que sentiam, das suas dificuldades e como as torneavam.

Alguns confessaram-se péssimos avôs.

Relataram sonhos. Revelaram os seus mundos, interesses e conceitos morais. Confessaram formas de encarar as suas mudanças e de se adaptarem a elas, como o senhor que às vezes começa a correr para apanhar o autocarro, lembrando-se em seguida da inutilidade daquele seu esforço, uma vez que já não tem pressa, o que o faz rir.

Um outro adorava fazer viagens com bagagem limitada, acampando frequentemente; agora desloca-se numa caravana bem apetrechada e uma câmara de vídeo; com uma colecção de vídeos bem catalogados, em qualquer altura, diz, "vivo outra vez aqueles momentos".

Síntese

Nesta amostra o maior número de palavras corresponde a uma maior ambiguidade das gravuras, estranheza quanto ao número de personagens e situações menos familiares aos testados, o que corresponde ao mesmo fenómeno relatado por Bellak. Embora a maior parte dos sujeitos afirmasse achar as gravuras muito agradáveis a análise cuidadosa das respostas demonstra que assim não é.

Da leitura dos protocolos ressaltam expressões de resistência, desagrado ou incomodidade, em especial na última fase da prova, quando se lhes perguntou quais as gravuras preferidas e preteridas.

Pode-se concluir, como Bellak, que nesta amostra também as histórias estimuladas pelo SAT revelaram uma ânsia de afiliação e actividade.

Talvez devido ao número tão reduzido de mulheres nesta amostra, não aparecem diferenças significativas entre as mulheres e os homens. Como já foi dito, as mulheres da amostra eram em número de 5, das quais 4 alunas da UATIP. Embora o número de mulheres seja muito pequeno, revelaram no entanto protocolos mais equilibrados em número de palavras e em conteúdos. Não aparece em quase nenhum dos protocolos femininos distorções tão graves como nos masculinos. Só 2,7% das repostas não pode ser consideradas como temas típicos — na gravura 3 as figuras mais velhas consideradas como os pais da criança e na figura 12 a senhora que chora a beleza perdida.

No total da amostra, 92,06% das repostas dadas podem ser consideradas como as respostas típicas referidas por Bellak.

Da análise de conteúdo das respostas pode-se concluir que o centro principal de interesses é a família.

As figuras despertaram também uma certa perplexidade pela pobreza dos cenários a que houve referências várias.

As que fogem a este padrão correspondem sempre a más percepções das gravuras.

È de assinalar que o maior número das repostas que não podem ser consideradas como típicas foi dado na prancha 3 em que a figura dos idosos foi transformada na de pessoas mais novas — pais— em 28,3%.

Segue-se em número a gravura 12 em que o motivo do desgosto da senhora é a perda da juventude, beleza e a recordação de tempos felizes —19 %.

Tratar-se-à aqui da não aceitação da sua idade?

A crise da velhice segundo ao modelo de Erickson não foi bem resolvida se a pessoa tiver ficado ligada ao seu passado, não aceitando os novos papéis e desafios da nova etapa da sua vida.

Foram utilizados muitos clichés ou estereotípias como forma de evitar os conteúdos pessoais.

Como foi referido, em alguns casos a ansiedade provocada era demonstrada directamente, não utilizando qualquer mecanismo de defesa.

Aparece principalmente em 3 ou 4 indivíduos a recusa de envolvimento pessoal, enquanto outros se diziam agastados por se tratar de situações em que os velhos eram abandonados; pois, como dizia um dos sujeitos "eu como já sou velho sinto-me aqui triste".

A grande quantidade de sentimentos depressivos onde é mencionada a "desesperança" prevalece de forma muito nítida.

Abundaram as referências pessoais.

Todos estamos de acordo que a velhice implica uma imagem social negativa. Essa imagem está representada nas gravuras, o que não os deixou indiferentes.

Poder-se-ia, ainda concluir do conjunto das respostas deste grupo que a visão das vicissitudes que a velhice implica não é de maneira nenhuma algo que os deixe tranquilos. A visão das gravuras lembrava-lhes o que poderão vir a ter de enfrentar.

José Cardoso Pires dizia, numa entrevista pouco depois da convalescença do seu primeiro acidente vascular, mais ou menos isto: Não tenho saudades do que fui, mas tenho medo do que pode vir a acontecer-me.

relação a este papel e como se opera a mudança. Um dos sócios do Ateneu referiu o prazer e a utilidade das suas idas lá para conversar e jogar bilhar.

Continua todos os dias a tocar de manhã o seu violino e de tarde faz uma partida de bilhar quando pode. Diz não possuir a destreza e espontaneidade de outros tempos mas que, em contrapartida, tira mais prazer do jogo do que antigamente porque, agora, joga de maneira diferente; pensa muito mais, antecipa as jogadas mentalmente; é um exercício intelectual que lhe dá prazer, além do exercício físico que também não o deixa "enferrujar". O prazer é diferente, mais interior, menos competitivo. Representa agora uma espécie de ginástica mental, constrói as jogadas como se fosse geometria no espaço — o que lhe falta em destreza sobra-lhe em técnica.

relação a este papel e como se opera a mudança. Um dos sócios do Ateneu referiu o prazer e a utilidade das suas idas lá para conversar e jogar bilhar.

Continua todos os dias a tocar de manhã o seu violino e de tarde faz uma partida de bilhar quando pode. Diz não possuir a destreza e espontaneidade de outros tempos mas que, em contrapartida, tira mais prazer do jogo do que antigamente porque, agora, joga de maneira diferente; pensa muito mais, antecipa as jogadas mentalmente; é um exercício intelectual que lhe dá prazer, além do exercício físico que também não o deixa "enferrujar". O prazer é diferente, mais interior, menos competitivo. Representa agora uma espécie de ginástica mental, constrói as jogadas como se fosse geometria no espaço — o que lhe falta em destreza sobra-lhe em técnica.

Os mesmos que tão pouco faladores se mostraram durante a prova deram mostra de sabedoria numa situação mais coloquial.

Conclusão

Para a realização deste trabalho foi propósito, já expresso, dar a palavra aos idosos.

Skinner desenvolveu, num pequeno livro, o teor de um artigo que havia escrito anteriormente e apresentado em conferência; nele descreve as suas soluções pessoais para os problemas que experimenta com o envelhecimento. Diz que, para sua grande admiração, aquele texto, executado despretensiosamente, veio a tornar-se um êxito, sendo o autor incessantemente convidado para conferências, entrevistas em todos os meios de comunicação social, tanto era o desejo das pessoas em aprender como preparar-se para a velhice ou melhorá-la.

"Quando desempenhado com habilidade, o papel de velho é marcado por tranquilidade, sabedoria, liberdade, dignidade e senso de humor.

A sabedoria mais valorizada nos velhos diz respeito à velhice em si mesma. Se o sujeito vive bem sua vida, a despeito das suas imperfeições, pode considerar-se uma autoridade. As pessoas virão aprender o seu segredo e você será avaro se não o revelar" (Skinner, 1983).

E Almerindo Lessa em 1990 diz:

"O homem, que a antropologia ecológica aceita haver sido a maior improbabilidade na adaptação biológica, é hoje em dia a expressão máxima da sua triunfadora complexidade e isso, sobretudo, ao nível do cérebro".

E continua:

"O cérebro é o paradigma da Evolução. Então como é que esta peça, a mais programada de todo o organismo, prova ontológica da sua ascensão no cone do Tempo, ponto extremo da organização vertical dos seres vivos, pode tornar-se decadente com a idade ou seja o Tempo? Não se pode perder o que se não tem. Assim quem toda a vida teve uma baixa ginástica intelectual como poderá vir a adaptar-se às novas restrições de um cérebro ...com um menor fluxo sanguíneo e ...?"

...

"Certo que a idade pode tornar evidente como alguns homens eram mentalmente pequenos e de certo também incultos. O erro terá sido concluir por eles a fatalidade da decadência intelectual através dos anos, sobretudo depois dos 65. "

E afirma que a população idosa, na Europa vem ganhando uma crescente força:

Social — pelo seu número,
cultural — pelos seus conhecimentos,
económica — pelos seus consumos,
política — pelos seus votos,
interventora — pela sua disponibilidade
e ética - pelo seu descomprometimento.

O número e características das pessoas a que chamamos terceira idade não tem já as mesmas características de há uns anos, no entanto, abundam e persistem os estereótipos negativos sobre os velhos e a velhice.

Todos conhecemos velhices amargas e ressentidas bem como homens e mulheres jovens ou maduros com iguais características.

Segundo o velho aforismo:

Os velhos são como o vinho: o mau azeda o bom requinta.

Termino exprimindo a esperança de que os idosos saibam conquistar o seu espaço e continuar a ser um património que não possa ser delapidado e que a sociedade os saiba valorizar demonstrando respeito pelo seu passado e humanidade no seu presente.

Bibliografia

- Alaphilippe, Daniel & Fontaine, Roger (1996). Socio-psychologie du Vieillessement. In *Introduction à la Psychologie Sociale*, Paris: Les Editions d'Organisation.
- Anzieu, Didier & Chabert, Catherine (1961). *Les Méthodes Projectives*, Paris: P.U.F.
- Baltes, P.B & Baltes, M.M (1990). *Successful Aging*, New York: Cambridge University Press.
- Bardin, Laurence (1994). *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- Barreto, A. et al (1996). *A Situação Social em Portugal, 1960/1995*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Barreto, João (1988). Aspectos Psicológicos do Envelhecimento. *Psicologia*, Vol VI, nº2, pp. 159 - 174, Porto: Edições Afrontamento.
- Beauvoir, Simone de (1970). *La Vieillesse*, Paris: Gallimard.
- Bellak, Leopold & Bellak, Sonya (Copyright, 1949). *S.A.T. Teste de Apercepção para Idosos e Adultos*. (Tradução de 1992), Campinas: Editorial Psy.
- Belsky, Janet K. (1990). *The Psychology of Aging: Theory, Research and Interventions*, California: Brooks/Cole Company.

Birren, James E., Schaie & Warner, K. (Fourth Edition, 1997). *Handbook of the Psychology of Aging*, San Diego: Academic Press, Inc.

Binstock, H.R. & Shanas, E.(1990). In *Handbook of Aging and the Social Sciences*, New York: Van Nostrand Reynold Company.

Cordeiro, J.C.Dias (1982). *Troisième Âge*, Lisboa: Centro de Estudos Psico-Sociais da Universidade de Lisboa.

Costa, Alfredo Bruto da (1998). *Exclusões Sociais*, pp85-90, Lisboa: Gradiva Publicações Lda.

Erikson, Erik (1976). *Identidade Juventude e Crise*, Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Erikson, Erik (1982). *The Life Cycle Completed*, New York: Norton & Company.

Erikson, Erik, Erikson, J.M. & Kivnick, Q.H. (1986). *Vital Involvement in Old Age*, New York: Norton & Company.

Fennell, Phillipson & Evers (1990). *The Sociology of Old Age*, Philadelphia: Open University Press.

Fernandes, Isabel B. (1994). O Conceito de Projecção e as Técnicas Projectivas: A sua Tradução no Rorschach e também no TAT. *Análise Psicológica*, série XII, nº 4, pp 441-445.

Fernández-Ballesteros, R., Izal, M., Montorio, I., Diaz, P. & Gonzalez, J.L. (1992): *Evaluación e Intervención Psicológica en la Vejez*, Barcelona: Ed. Martínez Roca.

Fernández-Ballesteros, Rocío (1996). *Psicología del Envejecimiento: Crecimiento y Declive* (Lição inaugural na Faculdade de Psicologia da Universidad Autónoma de Madrid).

Fennell, G, Phillipson C, & Evers. H. (1988). *The Sociology of Old Age*, Philadelphia: Open University Press.

Fernandes, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade*, Oeiras: Celta Editora.

Ferrey, G. & le Gouès, G. (1989 3e édition 1995). *Psychopathologie du Sujet Agé*, Paris: Masson.

Guerreiro, Manuela (1988). A Psicometria do Envelhecimento. *Psicologia*, Vol VI, nº2, pp 219-225, Porto: Edições Afrontamento.

Katz, D., Busemann, A., Piaget, J., Inhelder, B. (1985). *Psicología de las Edades del Nacer al Morir*, Madrid: Ediciones Morata.

Laforest, Jacques (1989). *Introduction à la Gérontologie*. Quebec: Éditions Hurtubise HMM.

Lehr, Ursula (1995). *Psicología de la Senectud - Proceso y Aprendizaje del Envejecimiento*, Barcelona: Editorial Herder.

Lessa, Almerindo (1990). *Leituras do Tempo*, pp 72-85, Lisboa: Universidade Internacional.

Lima, Antónia Pedrosa, Viegas, Susana de Matos (1988). A Diversidade Cultural do Envelhecimento: A Construção Social da Categoria da Velhice. *Psicologia*, Vol VI, nº2, Porto: Edições Afrontamento.

Mercater, Francesco-Xavier (1992). *Gerontología - Aspectos Biopsicosociales del Proceso de Envejecer*, Barcelona: Editorial Boixareu Universitaria.

Mishara, B.L & Riedel (1984). *Le Vieillessement*, Paris : P.U.F.

Mucchielli, R. (1977; 2e édition). *L'Analyse de Contenu*, Paris: Les Éditions Techniques.

Moragas, Ricardo (1995). *Gerontología Social - Envejecimiento y Calidad de Vida*, Barcelona: Editorial Herder.

Murray, Henry A. (1950). *Manuel du Thematic Apperception Test* (Traduction G.Meunier), Paris: Edition du Centre de Psychologie Appliquée.

Nazareth, J.Manuel (1988). O Envelhecimento Demográfico. *Psicologia*, Vol VI, nº2, pp 145 - 147, Porto: Edições Afrontamento.

Neugarten, Bernice L. (1968). *Middle Age and Aging*, Chicago: The University of Chicago Press.

Quaresma, M^a Lurdes B (1988). Política da Velhice. Análise e Perspectivas. *Psicologia*, Vol VI, n^o2, pp 227-237, Porto: Edições Afrontamento.

Quivy, Raymond & Van Campenhoudt, Luc (1988). *Manuel de Recherches en Sciences Sociales*, Paris: Bordas.

Rosa, M^a João Valente (1995). O Envelhecimento da População Portuguesa. *Cadernos do Público*.

Rosenmarry, Leopold (1985). Changing Values and Position of Aging in Western Culture. In *Handbook of the Psychology of Aging*, pp 191 - 215, New York: van Nostrand Reynold Company..

Skinner ,B.F.& Vaughan, M.E. (Copywrite 1983). *Viva Bem a Velhice*, São Paulo: Sumus Editorial.

Sternberg, R.J. (1990). *Wisdom, its Nature, Origins and Development*, Cambridge: University Press.

Bíblia Sagrada (1957, 3ª edição), traduzida da Vulgata pelo Padre Matos Soares: Edições Paulistas.

Album de Memórias do Ateneu Comercial do Porto (1866-1994): Ateneu Comercial do Porto.

Healthy Aging (1990). WHO, Genebra: World Health Organization.

Mulheres e Homens em Portugal nos anos 90 (2000): Instituto Nacional de Estatística - Gabinete de Estudos e Conjuntura - Serviço de Estudos Demográficos e Sociais.